



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**GLEIB JANE RIBEIRO MONTEIRO BRAZÃO**

**DO BARRO AO QUADRINHO: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A  
CRIAÇÃO DE HQs COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A  
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO  
MARUANUM-AP**

**MACAPÁ**

**2026**

**GLEIB JANE RIBEIRO MONTEIRO BRAZÃO**

**DO BARRO AO QUADRINHO: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A  
CRIAÇÃO DE HQs COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A  
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO  
MARUANUM-AP**

Trabalho apresentado como requisito  
para obtenção do título de mestre ao  
Programa de Pós-Graduação em Ensino de  
História, curso de Mestrado Profissional em  
Ensino de História, da Universidade Federal  
do Amapá.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina  
Rocha Silva

**MACAPÁ**

**2026**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP  
Elaborado por Aline Farias Bandeira Couto – CRB-2 1700/O

---

B827m Brazão, Gleib Jane Ribeiro Monteiro.

Do barro ao quadrinho: sequência didática para a criação de HQs como ferramenta pedagógica para a educação patrimonial na comunidade quilombola do Maruanum-AP / Gleib Jane Ribeiro Monteiro Brazão. - Macapá-AP, 2026.

1 recurso eletrônico.

159 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal do Amapá, Macapá-AP, 2026.

Orientadora: Ana Cristina Rocha Silva.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. História - Educação Patrimonial. 2. História em quadrinhos (HQ) – uso pedagógico. 3. Comunidade quilombola – Maruanum (AP). I. Silva, Ana Cristina Rocha orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 907.1

---

BRAZÃO, Gleib Jane Ribeiro Monteiro. **Do barro ao quadrinho**: sequência didática para a criação de HQs como ferramenta pedagógica para a educação patrimonial na comunidade quilombola do Maruanum-AP . Orientadora: Ana Cristina Rocha Silva. 2026. 159 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) Universidade Federal do Amapá, Macapá-AP, 2026.

## **Dedicatória**

### **Para Aquelas que Tecem a Memória**

**Às mãos que modelam o barro, a terra e o tempo,  
Mestras da ancestralidade, força e saber,  
Onde o silêncio da história encontra o vento:  
Às Louceiras de Maruanum, por nos fazerem crer.  
Aos que vieram antes, ao ciclo que não cessa,  
Ao quilombo que persiste, firme, em cada passo,  
Pela arte que é luta, vida, afeto e pressa,  
Meu mais profundo reconhecimento,  
no tempo e no espaço.  
À família, alicerce invisível, mas de aço,  
Onde a fé se renova e a dúvida se acalma.  
Pelo amor que é abrigo, luz, ternura e abraço,  
Dedico a colheita desta entrega, alma em alma.  
Pois a escrita é um barro que se molda e se torna,  
A ponte entre o passado que reside e o futuro que informa.  
Gleib Brazão**

GLEIB JANE RIBEIRO MONTEIRO BRAZÃO

DO BARRO AO QUADRINHO: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A CRIAÇÃO DE HQs  
COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARUANUM-AP

Trabalho de Conclusão de  
Mestrado apresentado ao Programa de  
Pós-Graduação da Universidade Federal  
do Amapá, curso de Mestrado Profissional  
em Ensino de História, como requisito  
para obtenção do título de Mestre em  
Ensino de História.

Data da aprovação: Em 30 de Janeiro de 2026

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Ana Cristina Rocha Silva – Orientadora/UNIFAP

---

Dra. Carmentilla das Chagas Martins – Examinadora Interna/UNIFAP

---

Dra. Célia Souza da Costa – Examinadora Externa/IFAP

## AGRADECIMENTOS

O Mestrado Profissional em Ensino de História representou, sem dúvida, um ponto de inflexão na minha trajetória acadêmica e profissional. Ao longo deste percurso, fui constantemente desafiada a expandir os horizontes do meu pensamento crítico e a explorar novas possibilidades pedagógicas que, antes, pareciam distantes da minha realidade. Esse processo de aprendizado não apenas ampliou minha compreensão acadêmica, mas também proporcionou um crescimento significativo enquanto educadora. Cada etapa do programa me impulsionou a sair da zona de conforto e a adotar abordagens inovadoras, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e, sobretudo, para minha formação como docente comprometida com a construção do conhecimento histórico.

É imprescindível que eu expresse minha mais sincera gratidão aos professores que, com enorme dedicação, generosidade e competência, contribuíram para a construção do meu saber ao longo do curso. Cada disciplina cursada não foi apenas uma simples transmissão de conteúdo; foi uma experiência que desafiou minha visão sobre a História, ajudou-me a refinar minhas práticas pedagógicas e, mais importante, despertou-me para a relevância do ensino crítico e reflexivo da História. Agradeço profundamente a cada um desses mestres, que desempenharam um papel essencial na elaboração deste trabalho e, acima de tudo, no meu desenvolvimento como profissional da educação. Ressalto ainda que alguns desses professores foram parte fundamental da minha formação desde a graduação, pós-graduação e mestrado, e fazem parte não apenas da minha trajetória acadêmica, mas também da minha história pessoal.

Este momento de celebração é, sem dúvida, fruto de um percurso trilhado com esforço, perseverança e o inestimável apoio daqueles que me cercam. Ao olhar para trás, vejo que cada etapa dessa jornada foi construída sobre uma base sólida de dedicação e apoio mútuo. A imagem mais forte que vem à minha mente é a de minha família, cuja presença e suporte incondicional foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu esposo, Gleidison Brazão, não há palavras suficientes para expressar minha gratidão por sua paciência, amor e compreensão. Sua parceria, sempre firme e solidária, tem sido a força motriz que me impulsionou a enfrentar os desafios acadêmicos com confiança e perseverança. O apoio mútuo que compartilhamos ao longo desta caminhada é o alicerce que me possibilitou seguir adiante, sabendo que juntos somos mais fortes.

Aos meus filhos, Demétrio, Théo e Adam Brazão, dedico minha maior gratidão e carinho. A cada sorriso, a cada conquista de vocês, encontro forças para continuar. Mesmo nas adversidades, a presença de vocês me ensina, diariamente, o significado profundo de amor e resiliência. Vocês são minha maior fonte de motivação, e sou eternamente grata pela alegria e pelo aprendizado que me proporcionam.

a cada dia. Agradeço ainda, a minha sogra Maria Cleide Viégas Brazão pelo apoio.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr. Ana Cristina, expresso minha gratidão profunda. Sua orientação, pautada por uma abordagem assertiva e sensível, foi imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho. A clareza com que me guiou ao longo de cada etapa do processo de pesquisa, além de sua disponibilidade e expertise, foram fatores determinantes para o sucesso desta jornada. A Prof<sup>a</sup>. Ana Cristina não é apenas uma referência acadêmica, mas também uma inspiração constante no compromisso com a educação e a transformação do ensino de História. Sou imensamente grata por cada ensinamento e por todo o apoio que me foi oferecida, tanto como orientadora quanto como professora.

Aos meus colegas de curso, que se tornaram companheiros inseparáveis nesta jornada, meu sincero agradecimento, em especial aos amigos Janaína Gomes, Raul Silva, Mailson, Rosimar Neves, Renan, Jardel, Adriano e Aurino. O compartilhamento de experiências, a troca de saberes e o apoio mútuo nos momentos de dificuldade fizeram toda a diferença no meu crescimento pessoal e acadêmico. A caminhada foi mais rica e significativa por ter sido compartilhada com pessoas tão especiais.

Agradeço ainda a minha amiga e colega de trabalho, professora Isnanda Feitosa que também é docente na mesma unidade de trato laboral que eu (AVT-Escola Estadual Dr. Alexandre Vaz Tavares). Ela foi fundamental nesta jornada, pois dividiu comigo a carga horária da disciplina História a qual somos atuantes na escola. Isso me possibilitou ter o tempo hábil para cursar o mestrado PROFHISTÓRIA e desta forma concluir o curso.

Por fim, a minha eterna gratidão a Deus, por me conceder sabedoria, força e coragem para superar todos os obstáculos que surgiram ao longo deste percurso. Sem Sua orientação divina, nada disso teria sido possível. A cada passo dado, senti sua presença, e por isso sou profundamente grata.

## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional em Ensino de História investiga a potencialidade de metodologias ativas no combate ao risco de apagamento de memória e na valorização do patrimônio cultural imaterial. O estudo foca na comunidade de Maruanum, Amapá, onde a prática ancestral da cerâmica, mantida pelo protagonismo feminino das Louceiras, enfrenta a crise da transmissão intergeracional. O problema central da pesquisa questionou de que maneira um Percorso Pedagógico, estruturado em uma Sequência Didática (SD) para a criação de Histórias em Quadrinhos (HQs), pode contribuir para a valorização, o fortalecimento da identidade e a transmissão desse saber. A metodologia adotada foi a Revisão Bibliográfica e a Análise Documental, as quais buscaram compensar a ausência de pesquisa *in loco*, ao analisar profundamente autores e autoras com reconhecida produção junto ao tema Louceiras do Maruanum, tais como Ana Paula da Conceição Ferreira (2010) e Célia Souza da Costa (2015). A pesquisa resultou na proposição de um Produto Educacional (PE): a própria Sequência Didática (SD), organizada em três módulos, cujo objetivo é guiar o estudante passo a passo na autoria da HQ. As conclusões demonstram que o *design* do PE é teoricamente coerente e eficaz, pois a HQ atua como um poderoso instrumento de mediação cultural, capaz de promover a interdisciplinaridade extensiva (integrando História, Artes e Ciências da Natureza) e o empoderamento dos estudantes. Ao estimular jovens para o aprendizado do saber das Louceiras e incentivar a criação de uma linguagem acessível, o PE cumpre uma das funções sociais mais relevantes da Educação Patrimonial: fazer com que jovens estudantes se reconheçam como agentes ativos de memória e garantidores da sustentabilidade do patrimônio local.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial. Patrimônio Imaterial. Louceiras de Maruanum. História em Quadrinhos (HQ). Sequência Didática.

## ABSTRACT

This Master's Thesis in History Teaching investigates the potential of active methodologies in combating the risk of memory erasure and promoting the value of intangible cultural heritage. The study focuses on the community of Maruanum, Amapá, where the ancestral practice of pottery, maintained through the leadership of women potters, is facing a crisis in intergenerational transmission. The central research question addressed how a Pedagogical Pathway, structured in a Didactic Sequence (DS) for creating Comics (HQs), can contribute to valuing, strengthening identity, and transmitting this knowledge. The methodology adopted was Literature Review and Documentary Analysis, which sought to compensate for the lack of on-site research by deeply analyzing authors with recognized work on the topic of Louceiras do Maruanum, such as Ana Paula da Conceição Ferreira (2010) and Célia Souza da Costa (2015). The research resulted in the proposal of an Educational Product (EP): the Didactic Sequence (DS) itself, organized into three modules, aimed at guiding students step-by-step in creating their own comics. The conclusions show that the design of the EP is theoretically coherent and effective, as the comic acts as a powerful tool for cultural mediation, capable of promoting extensive interdisciplinarity (integrating History, Arts, and Natural Sciences) and empowering students. By encouraging young people to learn about the knowledge of the Louceiras and promoting the creation of accessible language, the EP fulfills one of the most important social functions of Heritage Education: enabling young students to recognize themselves as active agents of memory and guarantors of the sustainability of local heritage.

**Keywords:** Heritage Education. Intangible Heritage. Louceiras de Maruanum. Comics (HQ). Didactic Sequence.

**Lista de Siglas**

<b>Sigla</b>	<b>Significado</b>
<b>ABNT</b>	<b>Associação Brasileira de Normas Técnicas</b>
<b>CAPES</b>	<b>Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior</b>
<b>EP</b>	<b>Educação Patrimonial</b>
<b>HQ</b>	<b>História em Quadrinhos</b>
<b>IPHAN</b>	<b>Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional</b>
<b>MPHIS</b>	<b>Mestrado Profissional em Ensino de História</b>
<b>PE</b>	<b>Produto Educacional</b>
<b>RB</b>	<b>Revisão Bibliográfica</b>
<b>SD</b>	<b>Sequência Didática</b>
<b>TCM</b>	<b>Trabalho de Conclusão de Mestrado</b>
<b>UNESCO</b>	<b>Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura~</b>
<b>UNIFAP</b>	<b>Universidade Fderal do Amapá</b>

## SUMÁRIO

<b>1 Capítulo 1-Educação Patrimonial e Ensino de História.....</b>	<b>17</b>
1.1. Marco da II Guerra Mundial e a Ruptura com a "Pedra e Cal" .....	21
1.3. A Educação Patrimonial: Conceitos e Abordagens .....	23
1.4. Do Tangível ao Intangível: A Expansão do Conceito e a Cerâmica.....	32
1.5. O Protagonismo dos Mestres da Cultura .....	35
1.6. O Percorso Pedagógico como Estratégia Interdisciplinar e Vivencial.....	35
1.7. Políticas e Sustentabilidade na Educação Patrimonial.....	36
<b>Capítulo 2 – Contextualização: Maruanum e as Louceiras: História, Cultura e Saberes Ancestrais .....</b>	<b>37</b>
2.1 Localização Geográfica e a Influência do Meio Amazônico .....	37
2.2. Origem Histórica: Quilombo, Resistência e o Saber Indígena .....	39
2.3. O Sentido Simbólico do Barro e a Fé Local.....	39
2.4. Maruanum: Raízes Históricas e a Construção da Identidade Local .....	40
2.5. As Louceiras: Protagonismo Feminino e o Saber Ancestral.....	41
2.6 O Ciclo do Barro: A Técnica e os Significados do Saber Ceramista.....	44
2.6.1 O Rito da Matéria-Prima: Extração e a Conexão com a "Mãe do Barro" .....	44
2.6.2 A Modelagem e o Reforço da Liga Elástica.....	46
2.6.3 Secagem, Polimento e a Queima ao Ar Livre .....	46
2.6.4 Desafios Contemporâneos e a Continuidade da Tradição .....	47
2.6.5 A Crise da Transmissão Intergeracional e o Risco do Apagamento de Memória ...	49
2.6.7 A Necessidade da Educação Patrimonial como Ferramenta de Sustentabilidade Cultural e Econômica .....	50
<b>Capítulo 3 – Metodologia e O Percorso Pedagógico .....</b>	<b>51</b>

<b>3.1 Desenho da Pesquisa Teórica e Fontes de Sustentação: .....</b>	<b>51</b>
<b>3.1.1 Justificativa da opção metodológica: Revisão Bibliográfica e Análise Documental</b>	<b>52</b>
<b>3.2 A Justificativa Curricular: BNCC e o Referencial Curricular Amapaense (RCA) ...</b>	<b>53</b>
<b>3.2.1. Letramento Digital e Narrativas Visuais: O Potencial das HQs Online.....</b>	<b>56</b>
<b>3.3 A História Local como Pilar do Referencial Curricular .....</b>	<b>58</b>
<b>3.4 Procedimentos Éticos e Curadoria Visual: O Respeito ao Olhar e ao Território.....</b>	<b>59</b>
<b>3.5 O Estudo da Louça como Formação da Consciência Histórica e Função Crítica .....</b>	<b>59</b>
<b>3.5 A Análise Documental Específica sobre o Maruanum .....</b>	<b>60</b>
<b>3.6. O Produto Educacional (PE) e a Estrutura do Percorso Pedagógico .....</b>	<b>61</b>
<b>3.7 Definição e Justificativa do Produto Educacional (PE).....</b>	<b>62</b>
<b>3.8 Critérios para a Avaliação do Produto Educacional (PE) .....</b>	<b>63</b>
<b>Capítulo 4 – Análise e Discussão: Interdisciplinaridade, Inclusão e o Design do Produto Educacional .....</b>	<b>64</b>
<b>4.1.O Apagamento de Memória e a Urgência da Intervenção Interdisciplinar .....</b>	<b>64</b>
<b>4.2 A Inclusão como Lente da Educação Patrimonial.....</b>	<b>65</b>
<b>4.3 Validação do Design: Sustentabilidade e Replicabilidade do PE .....</b>	<b>66</b>
<b>Capítulo -5. Resignificação do Passado: Contribuições, limitações e perspectivas do produto educacional.....</b>	<b>67</b>
<b>5.1 Limitações metodológicas da pesquisa.....</b>	<b>68</b>
<b>5.2 Perspectivas de continuidade e aprofundamento.....</b>	<b>68</b>
<b>Capítulo 6 – Produto Educacional: Sequência Didática para Criação de HQs .....</b>	<b>68</b>
<b>6.1.1. Título, Formato e Escopo Pedagógico.....</b>	<b>69</b>
<b>6.1.2. Componentes Estruturais e Sustentabilidade Material.....</b>	<b>71</b>
<b>6.2. Detalhamento Funcional dos Módulos da Sequência Didática.....</b>	<b>72</b>
<b>6.2.1. Módulo 1: Imersão e Pesquisa Documental Simulada – A Continuidade da Fonte Viva .....</b>	<b>73</b>

<b>6.2.2. Módulo 2: Criação do Roteiro e Linguagem da HQ – A Materialização da Interdisciplinaridade.....</b>	<b>73</b>
<b>MATERIAL DE APOIO.....</b>	<b>79</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>94</b>
<b>    Sequência Didática: Educação Patrimonial e Educação Inclusiva com HQs – Tema: Louceiras do Maruanum (Amapá).....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>107</b>

## 1-INTRODUÇÃO

Ao longo desses 18 anos de chão de escola, tive a oportunidade de aprender imensamente com meus jovens estudantes que chegam à sala de aula com um rico repertório adquirido em casa. Foi a partir desta observação que pude entender que a cultura reside no cotidiano. Para além da visão clássica do patrimônio que se restringe aos monumentos e na chamada pedra e cal, meu objetivo é considerar o conhecimento das Louceiras como um fluxo vibrante de narrativas, ações e resistências que sustentam a urgência desta investigação

Florêncio (2015, p.26) salienta que a educação é um processo contínuo e deve ir além da sala de aula, ultrapassando os muros da escola e se estendendo aos diversos espaços de convivência dos estudantes, como as praças, os parques, os museus, os teatros e outras expressões culturais. Essa abordagem é baseada no conceito de que a aprendizagem não se restringe apenas ao ambiente escolar, mas em todos os momentos e lugares na vida das pessoas. Embora não seja professora da comunidade do Maruanum, foi esse entendimento que me motivou a observar com mais cuidado para a comunidade de Santa Luzia do Maruanum, que se localiza no Distrito do Maruanum, zona rural de Macapá (AP).

Nesse contexto, as Louceiras do Maruanum emergem como guardiãs de uma ancestralidade coletiva. Suas peças de cerâmica carregam muito mais do que a utilidade doméstica; são repositórios de memória e resistência de um grupo de mulheres que molda o barro com as próprias mãos há gerações. Esse fazer ceramista, carregado de um profundo sentido de pertencimento, revela uma força feminina que sustenta a identidade local e fundamenta a urgência desta investigação.

O reconhecimento desse protagonismo feminino é fundamental, pois, como bem sabemos, a história do patrimônio no Brasil muitas vezes apagou ou ignorou a contribuição das mulheres, especialmente daquelas pertencentes a grupos populares ou tradicionais. Apoiada nas análises de Costa (2015), percebo que este saber não vem de uma única mestra fundadora, mas de uma ancestralidade coletiva que mantém viva a identidade do Maruanum.

Não foi apenas a curiosidade acadêmica que me impulsionou a escrever, mas o incômodo, esse sentimento que orientou este trabalho. Em cada nova leitura com a qual me deparei, houve um ponto crucial que percebi: a educação patrimonial não se restringe a ensinar sobre o passado; ela pode atuar como um instrumento de fortalecimento comunitário, revitalização de práticas culturais e validação dos conhecimentos que foram silenciados ao longo do tempo.

Quando mergulhei nos estudos sobre educação patrimonial, particularmente nos temas

de preservação cultural e identidade da comunidade, passei a entender melhor que isso não é apenas uma metodologia ou uma disciplina dentro da escola. Ela nos convida a dialogar entre diferentes gerações, entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento prático, e entre a escola e a comunidade.

Quando a educação patrimonial se alia à museologia social, a interação da comunidade em espaços museais e oficinas educativas potencializa seu alcance e eficácia. Quando o museu é concebido como um espaço de participação ativa, ele se transforma em uma poderosa ferramenta de empoderamento cultural, estimulando reflexões significativas sobre o valor simbólico da cultura local (COSTA, 2015, p. 89). No Maruanum, o museu comunitário associado às Louceiras não atua como um simples depósito de objetos, mas sim como um local vibrante de interações, onde o passado e o presente se entrelaçam.

Meu trabalho de pesquisa surgiu de uma inquietação pessoal, que se originou após uma visita ao Maruanum em 2023. Essa visita foi despreziosa e nada parecida com uma investigação acadêmica, mas gerou questionamentos que surgiram a partir da fala de uma menina de 13 anos que vive naquela comunidade: “Não me identifico com esse trabalho de usar o barro”. Essa negação, carregada de simbolismo, ilustra o que Gonçalves (2007) descreve como a tensão entre conservação e aniquilação: se o jovem não se identifica com o barro, o patrimônio está fadado a morrer. Nesse contexto, a Educação Patrimonial deixa de ser teoria para se tornar urgência e isso acabou por se transformar em uma questão de pesquisa: de que forma a educação patrimonial, por meio de práticas como a cerâmica das Louceiras de Maruanum, contribui para a preservação da cultura e da identidade local? E mais: qual é o papel dessa educação em comunidades tradicionais que enfrentam tantos desafios para manter vivas suas raízes?

Das inquietações descritas é que nasceu a proposta de pesquisa aqui apresentada. Minha motivação para desenvolver esta pesquisa vem da crença de que o patrimônio cultural é mantido vivo não apenas pelo seu valor, mas pela forma como as pessoas o reconhecem e o transmitem, como no caso das Louceiras de Maruanum. Quando elas reconhecem seu valor, sentem-se parte dele e o transmitem adiante com orgulho. A cerâmica das Louceiras de Maruanum é exatamente isso, mergulhar na investigação de como a educação patrimonial pode fortalecer essa prática é, portanto, uma forma de contribuir com sua valorização e continuidade.

Para que essas reflexões se tornem realidade na sala de aula, organizei o trabalho em seis etapas interligadas. Começo estabelecendo os alicerces teóricos (Capítulo 1), onde busco no diálogo entre a Educação Patrimonial e o Ensino de História a justificativa para usar as HQs como ferramentas de resistência no Maruanum. No entanto, sei que para entender esse território,

não basta olhar o mapa, por isso, faço do quilombo o centro real desta investigação (Capítulo 2), enfrentando o silenciamento que os livros didáticos impõem a esses saberes.

Minha perspectiva aqui é a de quem já pisou naquele chão muito antes deste mestrado começar, o que me permite ler as fontes com uma sensibilidade que o rigor bibliográfico, sozinho, não alcançaria. Neste estudo, eu quis olhar para a relação complexa entre Memória e Destruição, conforme discutido por Gonçalves (2007), e interpretar a Educação Patrimonial (EP) como uma prática que visa promover a transformação social, alinhada às perspectivas de Horta (2018) e Ferreira (2010). Essa base teórica ganha forma quando olhamos para as HQs como ferramentas de ensino, fundamenta eficazmente no Ensino de História, conforme proposto por Bittencourt (2016).

Neste capítulo, voltei-me a trabalhar de forma mais detalhada o texto, que visa a aprofundar a relevância histórica e sociocultural da cerâmica, estabelecendo uma contextualização necessária para demonstrar como o patrimônio imaterial se manifesta e se sustenta nesta comunidade. Conforme aponta Fonseca (2005, p. 139):

A formação da consciência histórica, o respeito às tradições locais e orais pressupõem a compreensão do “eu” do “mundo”, do “uni” “verso”, enquanto dinâmica, movimento, transformação, história.

A consideração de Fonseca menciona precisamente o cerne desta pesquisa: se permitirmos que a memória de um lugar se desvaneça, não estaremos apenas perdendo o passado, mas também o significado da nossa própria identidade. É por essa razão que considero a documentação e a preservação das narrativas locais como nossa mais importante ferramenta de resistência. É nesse aspecto que a sequência didática se apresenta como um suporte valioso, já que funcionará como recurso didático a ser utilizado em sala de aula, pois é por meio dessa reconstrução que os indivíduos conseguem se identificar como integrantes de um todo e reforçar a noção de que aquele espaço e aquela narrativa também lhes pertencem. É importante ressaltar que o papel central das mulheres louceiras como preservadoras desse conhecimento contrasta com a realidade da crise na transmissão desse saber entre gerações, que é observada em todo o país (Abreu, 2015).

No terceiro capítulo, a partir de uma revisão bibliográfica detalhada, procurei elaborar uma história em quadrinhos (HQ) que possua uma narrativa visual capaz de embasar ações educativas voltadas para a valorização e a visibilidade dos elementos materiais e imateriais da cultura ceramista das Louceiras. Nessa etapa, é delineada a pesquisa teórica e os métodos de análise que asseguraram a consistência do Produto Educacional (PE), que consiste em uma Sequência Didática para a elaboração de HQs sobre o conhecimento ceramista de Maruanum.

Baseando-me em Ferreira (2010) e Costa (2015), destaco como o método teórico-interventivo foi capaz de substituir o trabalho de campo, garantindo a originalidade cultural que o projeto exigia.

Minha proposta não ignora o que o currículo oficial, pelo contrário, é a validação que encontro nesse currículo que me permite legitimá-la. No ensino de História, entendo essa âncora como um atalho: a BNCC estimula o uso de diversas narrativas ao declarar que o conhecimento histórico se origina na compreensão das várias maneiras que os indivíduos utilizam para narrar o mundo (BRASIL, 2018).

No Capítulo 4, aprofundi a análise e a discussão dos resultados. Durante esse processo, percebi que proteger o fazer das Louceiras não pode ser apenas uma ideia abstrata; é necessário transformá-lo em material didático real, que o professor possa levar para a sala de aula e que envolva o aluno, fazendo-o se sentir parte daquela história. Esse material precisa dialogar com diversas disciplinas e promover a inclusão. Essa reflexão sustenta o projeto da Sequência Didática e a utilização da História em Quadrinhos (HQ) como um recurso didático eficaz, no enfrentamento do apagamento da memória (Costa, 2015), além de responder diretamente à crise de transmissão, que se coloca como a questão central desta pesquisa.

Incorporar o conhecimento relacionado ao barro ao currículo é uma forma de reconhecer e valorizar a história dessas mulheres. Ao demonstrar que o rito e a técnica estão interligadas, estamos evidenciando para o estudante que o quilombo é capaz de gerar uma ciência dinâmica. Buscando romper a hierarquia que valoriza o conhecimento acadêmico em detrimento do saber ancestral, reconhecendo ambos com igual respeito e relevância.

Mudar de postura é fundamental, pois, como ressalta Gonçalves (2002), para que uma prática seja reconhecida como patrimônio, é necessário que a comunidade se sinta proprietária desse legado:

**[...]classificar uma cultura como patrimônio pressupõe que alguém, algum sujeito individual ou coletivo, esteja agindo em relação a ela como se fosse uma propriedade. De um ponto de vista nacionalista, apropriar-se de uma cultura nacional significa um empreendimento no sentido de restabelecer ou defender a integridade e a continuidade de valores supostamente ameaçados [...]. Uma nação é concebida como legítima proprietária de sua cultura. (Gonçalves, 2002, p. 63).**

É exatamente esse sentimento de posse e de legitimidade que busco despertar. Quando as Louceiras e os jovens se reconhecem como os verdadeiros donos desse patrimônio, a gente cria uma barreira contra o silenciamento que tentou apagar essas histórias por tanto tempo.

No capítulo 5, concluo esta pesquisa. Mais do que compilar teorias, eu pondero sobre

como a pesquisa atendeu ao meu desconforto inicial, validando que a educação patrimonial é, acima de tudo, um ato político de resistência para comunidades como a de Maruanum. Este estudo não deve ser apenas arquivado na biblioteca do mestrado. Como professora que enfrenta os desafios do ensino em Macapá, tenho plena consciência da falta que faz um recurso que aborde a nossa população.

Mais do que apenas uma representação gráfica, essa história em quadrinhos atua como um instrumento político. Desejo que ela seja introduzida nas escolas da cidade, para que os estudantes de Macapá aprendam a valorizar o Maruanum não como uma mera curiosidade ou uma relíquia do passado, mas como um conhecimento dinâmico, representado por mulheres que continuam a resistir em nosso estado.

No Capítulo 6, dou início ao Produto Educacional, que é a concretização da teoria do mestrado em uma ferramenta prática para a sala de aula. As HQs surgem aqui como uma ferramenta de aproximação. A intenção é que o estilo do desenho contribua para reduzir o afastamento dos jovens em relação à cerâmica, tornando o manuseio do barro uma experiência visual e que desperte o orgulho de fazer parte do Maruanum.

A proposta pedagógica tem por base os princípios da BNCC e do RCA, conforme descrito no item 3.2 deste trabalho.

### **1.1. Marco da II Guerra Mundial e a Ruptura com a "Pedra e Cal"**

Entender o peso desse legado exige que ir além da técnica da cerâmica. É preciso mergulhar no turbilhão de mudanças, tanto aqui quanto lá fora, que viraram do avesso o que entendemos por memória e identidade. Por isso, meu caminho nesta pesquisa refaz o trajeto que vem das ruínas da Europa no pós-guerra até a nossa 'Constituição Cidadã' de 1988. Faço isso provocando um diálogo entre as normas de preservação e o chão da sala de aula, guiada pelo pensamento crítico de pesquisadoras que são meus pilares: Márcia Chuva, Maria Cecília Londres Fonseca e Circe Bittencourt.

Para entender como chegamos ao direito de proteger o saber das Louceiras, precisamos olhar para o que aconteceu com o conceito de patrimônio depois que o mundo viu a destruição da Segunda Guerra Mundial. Antes desse marco, o que valia para a história oficial era o monumento heroico, aquelas grandes obras de pedra e cal que celebravam elites e colonizadores, ignorando completamente as práticas de comunidades como a nossa, quilombolas e indígenas.

Acompanhando a leitura de Márcia Chuva (2012), percebo que a preservação no Brasil

precisou 'desaprender' esses vícios elitistas. Com o apoio da UNESCO no pós-guerra, o mundo começou a entender que a cultura não está só no prédio que fica de pé, mas no significado que as pessoas dão a ele. A preservação deixou de ser apenas sobre o objeto e passou a ser uma estratégia de resistência política.

**A preservação do patrimônio cultural no Brasil, ao longo do século XX, foi intensamente influenciada por uma perspectiva ética e política que procurou englobar não apenas o patrimônio material, mas também as manifestações imateriais. Esse processo foi condicionado por uma série de fatores históricos globais, incluindo o impacto da II Guerra Mundial e o movimento de descolonização. (Chuva, 2012, p. 70).**

No cenário brasileiro, o grande divisor de águas é a Constituição Federal de 1988. Após décadas de uma política de preservação centralizadora e elitista, a Constituição Cidadã redefine os artigos 215 e 216, estabelecendo que o patrimônio cultural brasileiro é composto por bens de natureza material e imaterial, incluindo as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver.

Para Maria Cecília Londres Fonseca (2005), essa transformação foi radical. O Estado passou a reconhecer a diversidade cultural do Brasil não como um acessório, mas como o alicerce da nação. Segundo a autora:

**O patrimônio em processo revela uma trajetória onde a política de preservação deixa de ser uma ação isolada de especialistas para se tornar um campo de exercício da cidadania, onde diferentes grupos reivindicam seu lugar na memória nacional. (Fonseca, 2005, p. 82).**

Essa proteção ao imaterial garante o direito ao ritmo da queima e à força da oralidade que atravessa gerações no Maruanum. Aqui, o patrimônio não é uma relíquia estática; é uma prática que continua viva, ganhando novos sentidos no presente. Entendo, junto com a autora, que o patrimônio real não é o objeto acabado o vaso ou a louça, mas sim todo o conhecimento e a herança intelectual que permitem que ele exista

Quando a Constituição de 1988 protege os modos de criar, fazer e viver, ela está salvaguardando o domínio técnico que estas mestras possuem. Conforme será detalhado no item 2.6.2, esse saber-fazer é um dos pilares da identidade quilombola, unindo domínio técnico e ancestralidade. Como aponta Fonseca, a proteção desses saberes é fundamental porque, ao contrário de um monumento de pedra, o patrimônio imaterial desaparece se o ciclo de transmissão da mestra para a aprendiz for interrompido.

A descrição técnica do caripé no corpo deste trabalho não cumpre apenas uma função

ilustrativa. Ela serve para provar que a cerâmica do Maruanum é um sistema complexo de conhecimento. Ao analisar esse modo de fazer e relacioná-lo à proteção constitucional, reforça-se que a manutenção dessa prática é um direito cultural garantido. É o exercício vivo da cidadania através da preservação de uma tecnologia que une o manejo da argila ao sagrado.

Ao pensarmos o Patrimônio e o Ensino de História, a sala de aula é ponte para a Identidade e toda essa evolução conceitual tem repercussões diretas no chão da escola. Se o conceito de patrimônio se ampliou, o ensino de História também deve se expandir. Ensinar História não pode ser a repetição de uma narrativa única, centrada em datas e vultos oficiais. Circe Bittencourt (2011) defende que o objetivo do ensino é formar sujeitos críticos, capazes de ler o mundo através da memória.

Bittencourt ressalta que o patrimônio cultural é um recurso didático fundamental:

**O ensino de História deve promover o diálogo entre o passado e o presente, utilizando o patrimônio como uma fonte histórica que permite ao aluno reconhecer as múltiplas identidades que compõem sua realidade (Bittencourt, 2011, p. 145).**

Essa fala da Bittencourt sobre o patrimônio ser uma fonte é o que me dá a base para propor as HQs. Como professora no Amapá, sinto que o livro didático sozinho não dá conta da nossa realidade, e é aí que entra o quadrinho como ferramenta de luta. O que eu pretendo é que o papel e o traço deem vida ao que desenhei nos meus versos: a HQ precisa ser 'espelho e ponte'. Um espelho para o meu aluno quilombola finalmente se ver como dono da sua história, e uma ponte para que quem vem de fora aprenda a respeitar a ciência que nasce das mãos das mulheres do Maruanum. É o meu poema virando prática no espaço escolar. A evolução do conceito de patrimônio, da visão restrita à diversidade do imaterial, reflete a democratização da própria história.

Como pesquisadora, entendo que meu papel é colaborar para que a história aprenda a falar por meio desses saberes. Ao ancorar meu trabalho nas reflexões de Chuva, Fonseca e Bittencourt, busco não apenas cumprir um requisito acadêmico, mas contribuir para uma educação histórica que seja, de fato, libertadora e valorizadora das nossas raízes mais profundas.

## **1.2. A Educação Patrimonial: Conceitos e Abordagens**

A educação patrimonial não é algo que se faz uma vez por ano ou apenas em datas comemorativas; é um trabalho de rotina que usa o que a cultura produz seja um pote de barro ou um saber ancestral como a principal fonte de aprendizado. Na prática, isso significa que o

objeto não é um enfeite no currículo, mas o ponto de partida. É olhar para o que herdamos, questionar como aquilo foi feito e entender que ali existem conceitos tão válidos quanto os dos livros didáticos.

No dia a dia da sala de aula, vejo essa educação como uma forma de alfabetização. Ela ensina o discente a ler o mundo para além das palavras, fazendo-o entender o tempo e o lugar onde ele pisa. Diante do desinteresse juvenil apontado no diagnóstico inicial desta pesquisa (como mencionei na Introdução), a Educação Patrimonial passa a desempenhar um papel fundamental, buscando reverter processos de afastamento cultural e reconectar os jovens com suas raízes. Ali, percebi que sem um trabalho constante de aproximação, esse legado se torna algo estranho para quem deveria ser seu herdeiro.

Entendo que o conhecimento crítico e a sensação de que isso é meu são os únicos caminhos reais para uma preservação que dure. Sem esse sentimento de posse, o patrimônio é apenas algo distante, uma regra vinda de fora que a comunidade muitas vezes rejeita por não entender sua importância. O jogo só vira quando a população se enxerga naquilo que está sendo protegido.

Nesta pesquisa, os objetivos da educação patrimonial ganham uma urgência que vai muito além da teoria. Busco incentivar um olhar mais atento, para que o jovem do Maruanum consiga analisar o ciclo do barro e entender que ali existe uma tecnologia e uma economia que sustentam o seu lugar. Para isso, a ideia é reaproximar esses estudantes pelo afeto, tirando aquele peso da aula teórica e usando a HQ como uma ponte prazerosa entre eles e a memória das Louceiras. No fim das contas, o que pretendo é ativar o protagonismo dessa juventude, fazendo com que deixem de ser apenas observadores para se sentirem, de fato, donos e criadores da sua própria herança cultural

Se não educamos, a preservação vira uma imposição vazia. Por isso, levar o saber das Louceiras para dentro da escola não é apenas cumprir currículo; é garantir que a neta de uma mestra não olhe para o barro com estranhamento, mas com o orgulho de quem reconhece ali uma ciência viva.

A educação patrimonial surge como uma forma de proporcionar às comunidades o acesso ao seu próprio patrimônio e a possibilidade de se apropriar dele de maneira crítica e consciente. Ao contrário de métodos tradicionais, esse processo de mediação convida à reflexão sobre o valor simbólico, social e histórico dos bens culturais. Ele cria um espaço de aprendizagem que possibilita compreender a relevância do patrimônio para o fortalecimento da identidade e da memória coletiva

Meneses (2012) tira o foco do objeto e o coloca na gente. Ele defende que a preservação só faz sentido se o sujeito se enxergar como dono daquela cultura. No Maruanum, isso significa que o jovem não deve apenas aprender sobre o barro, mas entender que aquela técnica é uma ferramenta de poder. Quando ele domina o saber das louceiras, ele não está apenas repetindo um gesto; está exercendo um direito político de existir e de dizer ao mundo quem ele é

O que aconteceu a partir dos anos 1980 não foi apenas uma mudança de nome, mas de postura. A ideia de que o patrimônio era algo para ser apenas visto e conservado à distância perdeu força. Entramos em um período em que a preservação passou a exigir a mão de quem faz a cultura e é nessa brecha que o saber das louceiras ganha peso político.

Acredito que a EP é, essencialmente, uma prática política que visa o empoderamento do sujeito em relação ao seu legado. Essa mediação é o que transforma o patrimônio em um recurso pedagógico. A EP, portanto, não é a simples transmissão de fatos históricos, mas a instrumentalização do indivíduo para que ele se aproprie de sua herança de maneira consciente e questionadora.

Meu trabalho, ao focar na Louça de Maruanum, busca precisamente esse reconhecimento: transformar os jovens em cidadãos que exercem ativamente o direito de preservar e narrar sua própria história. O que Átila Tolentino (2017) nos propõe é um rompimento com o ensino congelado. No Maruanum, essa dinamização do saber significa que a cerâmica não deve ser ensinada como algo parado no tempo, mas como uma força viva que oxigena os laços da comunidade e exige a participação ativa do jovem

O surgimento da política de EP no Brasil está intrinsecamente ligado à própria evolução do conceito de patrimônio na legislação, um processo que se intensificou após a redemocratização, marco da Constituição de 1988. Impulsionadas pelo novo texto constitucional já discutido, as instituições foram compelidas a expandir o olhar para além das fachadas coloniais, permitindo que saberes como o das Louceiras ganhassem centralidade. A partir desse marco legal, o IPHAN expandiu sua atuação para a salvaguarda de saberes imateriais. Conforme discutido anteriormente (item 1.2), essa transição para além dos bens materiais consolidou o fundamento da nova Educação Patrimonial, permitindo que o ofício das Louceiras ganhasse centralidade nas políticas públicas

O IPHAN e os Primeiros Programas. A EP ganhou força dentro do IPHAN a partir de programas pioneiros nas décadas de 1980 e 1990, muitas vezes desenvolvidos por meio de projetos específicos de educação de públicos ou de extensão. Contudo, a necessidade de

sistematização e uniformidade metodológica se impôs. O instituto percebeu que, para garantir a sobrevivência dos bens imateriais recém-inventariados (como o ofício das Paneleiras de Goiabeiras), a educação deveria ser uma ação contínua e prioritária.

A compreensão da Educação Patrimonial (EP) no Brasil passou por transformações profundas que amparam esta pesquisa. Historicamente, como observa Tolentino (2012), o campo distanciou-se de um modelo inicial importado da Europa focado na alfabetização visual de monumentos para construir um diálogo mais próximo entre cultura e educação, onde o saber não é imposto, mas construído na interação social.

Essa evolução teórica foi formalizada nas políticas públicas do IPHAN, que, conforme analisa Florêncio (2014), estabeleceram a necessidade de sistematizar ações contínuas de salvaguarda. Para a autora, a preservação do patrimônio imaterial, como o ofício das Louceiras, depende diretamente da transmissão de saberes entre gerações. Assim, a Educação Patrimonial deixa de ser apenas um conceito teórico para se tornar uma ferramenta prática de gestão cultural e resistência no território quilombola.

Com a Constituição Federal de 1988, o entendimento sobre o que conta como patrimônio mudou. O Artigo 216 garantiu que o fazer e o viver tivessem o mesmo peso jurídico que as grandes edificações e monumentos históricos. Ao rompermos com essa visão que privilegia apenas o que é físico e palpável, abrimos espaço para que a técnica e a resistência das Louceiras deixem de ser vistas como práticas isoladas e passem a ser reconhecidas como conhecimento histórico legítimo. É essa mudança na lei que permite enfrentar o silenciamento dessas mulheres, trazendo a prática ceramista de Santa Luzia para o centro da nossa identidade amapaense.

O reconhecimento dessas práticas como conhecimento legítimo dialoga com a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. Para ele, a educação é um ato político e de conscientização. Ao olhar para o patrimônio do Maruanum neste ponto, compreendo que a Educação Patrimonial deve ser libertadora. Ela não serve para que o jovem quilombola apenas admire o barro, mas para que ele compreenda que aquele fazer é uma forma de conhecimento científico e resistência política. A educação, aqui, atua na leitura do mundo através do barro.

Contudo, por estar tratando de um território amazônico e de uma herança afro-brasileira, sob esse ângulo, proponho um rompimento com a lógica tradicional ao me voltar para uma Educação Patrimonial Decolonial <sup>1</sup>. Como bem argumenta Cezarinho (2023), o modelo

---

<sup>1</sup> **Educação Patrimonial Decolonial:** Proposta pedagógica que rompe com a lógica eurocêntrica e contemplativa do patrimônio. Baseia-se no reconhecimento de saberes e tecnologias de grupos historicamente subalternizados (como quilombolas e indígenas) como centros de produção de conhecimento, visando a

tradicional de patrimônio ainda é muito pautado por uma lógica eurocêntrica que privilegia o escrito e o monumental. A perspectiva decolonial propõe uma ruptura com essa lógica.

Uma proposta de educação patrimonial decolonial busca visibilizar as ausências e as existências negadas pela modernidade/colonialidade, reconhecendo nas práticas ancestrais como a cerâmica não um atraso, mas uma tecnologia de resistência e um modo de reexistir. (Cezarinho, 2023).

A política de Educação Patrimonial do IPHAN, portanto, só faz sentido se for uma estratégia necessária de salvaguarda. Rampim Florêncio (2014) nos lembra que o patrimônio imaterial morre se ficar trancado em arquivos; ele depende do fôlego da transmissão entre gerações. Um saber que não se passa adiante é um saber silenciado. No Maruanum, isso significa que o conhecimento das mãos precisa ecoar na escola para garantir o que Meneses (2012) chama de cidadania cultural. A EP deixa de ser um acessório no currículo para se tornar o mecanismo que impede que a história quilombola se apague com o tempo.

Não há como pensar essa prática desvinculada de uma mediação política e de uma transformação social profunda. Horta (2018) provoca a escola a valorizar as memórias que compõem o tecido social, permitindo que os sujeitos se apropriem de sua herança de forma crítica. No cotidiano do Maruanum, essa mediação é urgente para enfrentar o distanciamento dos jovens em relação à tradição.

Essa virada no modo de entender o patrimônio, que sai da norma para a prática decolonial, exige um olhar atento às diferentes vertentes da área. O quadro a seguir ajuda a distinguir essas intenções pedagógicas que, muitas vezes, aparecem misturadas. Como visto a partir das discussões do Projeto Interação e das críticas de Cezarinho (2023), a Educação Patrimonial tradicional muitas vezes operou sob um olhar de fora, em que o bem cultural era apresentado como algo a ser admirado e conservado, mas não necessariamente vivido ou questionado em sua carga de opressão e resistência.

No contexto do Quilombo do Maruanum, a aplicação de um modelo tradicional de educação patrimonial correria o risco de musealizar a prática das louceiras. Tratar o uso do Caripé como apenas um elemento, desconsidera que ele é um saber prático e necessário, que se renova no cotidiano das mulheres, através do manejo, das cinzas e do barro. A Educação Patrimonial Decolonial vem em contrapartida propor que o patrimônio seja o ponto de partida para a emancipação. Nela, o barro não é apenas um material; é um suporte de memória que

---

emancipação do sujeito e a afirmação de sua identidade frente aos processos de apagamento cultural (Cf. Cezarinho, 2023)

carrega simbolismo e significado, bem como uma forma de visibilidade e sobrevivência. Essa distinção é crucial para o Ensino de História, pois permite que o educador saia da posição de transmissor de informações e se torne um mediador de consciências, reconhecendo na ancestralidade negra e amazônica uma ciência legítima e contemporânea.

### Quadro Comparativo: Modelos de Educação Patrimonial

Senti um incômodo real ao ver que a teoria dos livros não alcançava a realidade de Santa Luzia. O patrimônio que a gente estuda na academia parece falar uma língua que as Louceiras não usam. Desenhei esse confronto de ideias para mostrar que, enquanto a Europa nos ensinou a guardar o que é estático, o Maruanum nos ensina que o patrimônio só faz sentido se ele estiver sendo vivido no agora.

Dimensão de Análise	Educação Patrimonial Tradicional	Educação Patrimonial Decolonial (Perspectiva Maruanum)
Origem e Foco	Influência europeia ( <i>Heritage Education</i> ); foco no monumento e na estética.	Influência freiriana e quilombola; Foco na territorialidade quilombola, no criar-saber-fazer das Louceiras e na cerâmica como reexistência.
Papel do Sujeito	O aluno é um espectador ou aprendiz de uma história oficial.	O aluno é o protagonista e herdeiro de um conhecimento ancestral.
Relação com o Barro e o Território	O bem cultural é visto como relíquia estática a ser preservada.	O barro e as cinzas das cascas como ferramentas de sobrevivência e símbolos de identidade quilombola
Objetivo Pedagógico	Alfabetização cultural (aprender a ler o monumento).	Conscientização política e fortalecimento da autonomia da comunidade.

Dimensão de Análise	Educação Patrimonial Tradicional	Educação Patrimonial Decolonial (Perspectiva Maruanum)
Transmissão do Saber-Fazer	Hierarquizada: o especialista (IPHAN/Academia) detém a verdade sobre o bem.	Saber-Ciência: Reconhecimento do domínio tecnológico ancestral presente no fazer das Louceiras (ver item 2.6.2)
Impacto Social	Conservação da ordem e da memória nacional única.	Transformação social e valorização da diversidade amazônica e negra.

Ao montar este quadro, percebi o quanto nós, professores, fomos treinados na lógica europeia e o quanto preciso me policiar para não musealizar as Louceiras. Para o Maruanum, proponho que a HQ não serve para expor o saber, mas para oferecer aos jovens da comunidade um suporte de apropriação. É um convite para que eles reconheçam nessa ciência ancestral uma tecnologia de reexistência que é contemporânea e urgente, garantindo que o ciclo do barro continue a girar, não como peça de vitrine, mas como identidade viva no chão da escola.

Por isso, organizei este quadro comparativo não para ilustrar uma teoria pronta, mas para evidenciar os conflitos e as diferenças que observei e senti durante a pesquisa. É um posicionamento político. Ao colocar o que se ensina nos manuais europeus frente a frente com a perspectiva Maruanum, meu objetivo é pontuar como a educação patrimonial clássica ainda reforça a colonialidade do saber. Como bem pontua Walsh (2005, p. 19), existe uma imposição de um conhecimento dito 'universal' que acaba por subalternizar o que nasce no território.

**A colonialidade do saber impõe a ideia de que existe apenas um conhecimento válido, universal e científico, negando e subalternizando as outras formas de saber, as outras racionalidades e as outras cosmovisões. Walsh, 2005, p. 19.**

Minha fundamentação aqui não poderia ser outra senão Paulo Freire (1996). Quando mudo o Papel do Sujeito no quadro, estou falando daquela autonomia que Freire tanto defendeu, onde o estudante do Maruanum não pode ser um receptor de uma história que o exclui, ele é o detentor dessa narrativa. No quilombo, o saber não se transfere como um pacote, ele se produz na vivência, na identidade.

Isso muda tudo na forma como olhamos para as Louceiras. O trabalho delas não é algo para ser apreciado como um espetáculo parado no tempo ou para o consumo do turista; é o que

Walsh (2017, p. 45) chama de reexistência. É o jeito que elas encontraram de continuar sendo e sentindo o mundo de uma forma que a colonização tentou, mas não conseguiu apagar.

**"Entendo a reexistência como a dignificação da vida, como o processo de criação de novas condições de ser, estar, pensar, olhar e sentir, que desafiam a desumanização imposta pela matriz colonial." WALSH, 2017, p. 45.**

Transformar esse saber em ciência e currículo é o que dá a este trabalho um caráter de enfrentamento, pois aqui se desafia a lógica que sempre colocou o conhecimento quilombola em segundo plano (Walsh, 2013). O que apresento aqui é o meu esforço para tirar o patrimônio das prateleiras empoeiradas e trazê-lo para o chão da escola, contribuindo para que a comunidade realmente exerça sua autonomia contra uma memória nacional que insiste em ser única e excludente.

**As pedagogias decoloniais são aquelas que buscam transcender e romper com a hegemonia da modernidade/colonialidade. São práticas insurgentes que não apenas resistem, mas que constroem algo novo: uma reexistência e uma revivência. Walsh, 2013, p. 28.**

Ao finalizar estas reflexões, percebo que mergulhar nos conceitos de patrimônio e educação decolonial não foi apenas um exercício acadêmico de citar autores como Chuva, Fonseca ou Cezarinho. Foi, acima de tudo, um processo de me reencontrar nas mãos de todas as mulheres (louceiras). Escrever este trabalho me fez entender que o barro do Maruanum não é um objeto de estudo estático, ele é um corpo que fala, que resiste e que se recusa a ser silenciado por uma história oficial que, por tanto tempo, só deu valor aos marcos arquitetônicos das grandes metrópoles.

Ficou claro que a produção das louceiras não é apenas um fazer manual; trata-se de uma ciência própria dos quilombos sobre o território. É uma ciência que resistiu ao tempo. Isso mudou minha visão sobre a Educação Patrimonial, ela deixou de ser um debate teórico para se tornar uma obrigação política e ética no meu trabalho como docente. Ela deixa de ser uma teoria fria para se tornar um compromisso ético, o compromisso de garantir que a neta de uma louceira não precise olhar para os seus saberes com estranhamento, mas com o orgulho de quem herda um império de memórias.

Para compreender a importância da cerâmica no Quilombo do Maruanum, é preciso entender que o patrimônio é um processo vivo de escolhas e afetos. Historicamente, a Educação Patrimonial no Brasil trilhou um longo caminho desde o modelo britânico de *Heritage*

*Education* da década de 1980 que se focava numa alfabetização cultural por assim dizer e de certa forma distante, até às discussões transformadoras da Fundação Nacional Pró-Memória<sup>2</sup> e do seu Projeto Interação<sup>3</sup>. Foi nesse solo que emergiu a ideia de que cultura e educação são indissociáveis.

No entanto, educar para o património no Maruanum exige mais do que a técnica; exige o que Sônia Regina Rampim Florêncio define como o fortalecimento da cidadania através da apropriação social<sup>4</sup>. Como nos ensina a autora (em Tolentino, 2012), o foco da educação patrimonial deve ser a relação de sentido entre o sujeito e o bem cultural. Não basta que a cerâmica seja reconhecida pelo Estado; é vital que o jovem quilombola se reconheça no barro, vendo ali não uma relíquia do passado, mas uma força que constitui a sua identidade presente.

Esta perspetiva é crucial porque, como ressalta Gonçalves (2007), o património vive num ciclo constante de preservação e reinvenção. No Maruanum, a tradição mantém-se viva justamente porque as Louceiras a adaptam. Vemos isso quando o ritual da queima é feito nos quintais ou quando a peça utilitária ganha o estatuto de afirmação política. Este diálogo com o tempo mostra que o barro é uma herança que só faz sentido quando ganha forma no presente.

### **1.3- O Saber-fazer como Saber-Ciência: Uma Perspectiva Decolonial**

Propus o conceito de Saber-Ciência para confrontar a colonialidade descrita por Quijano (2005). Busco romper com a visão limitada que enxerga o trabalho no Maruanum apenas como folclore, reivindicando para essa prática o status de conhecimento científico. A classificação desse saber como ciência encontra respaldo na complexidade das representações dessas mulheres. Conforme sustentam Silva e Rossini (2021, p. 796), trata-se de:

---

<sup>2</sup> **Fundação Nacional Pró-Memória:** Órgão criado em 1979 que reorientou as políticas de preservação no Brasil, priorizando a cultura popular e o património imaterial. Foi responsável pela metodologia de Educação Patrimonial via Projeto Interação (Cf. FONSECA, 2005).

<sup>3</sup> **Projeto Interação:** Criado nos anos 1980 pela Pró-Memória, o Projeto Interação estabeleceu as bases da Educação Patrimonial ao vincular preservação e afetividade. Sua premissa de diálogo entre técnicos e comunidades (TOLENTINO, 2012) é o que permite validar práticas ancestrais, como a cerâmica do Maruanum, enquanto centros de aprendizado legítimos

<sup>4</sup> **Apropriação Social do Património:** Conceito de Sônia Florêncio que foca no processo de a comunidade reconhecer um bem como parte da sua identidade, transformando conhecimento em compromisso político.

[...] uma prática socioartística e cultural de tradição secular, conectada às múltiplas identidades das mulheres quilombolas, evidenciando um complexo sistema conceitual e representacional por meio da arte, corpo, técnica, simbolismos e encantaria<sup>5</sup>.

Essa definição reforça que não estamos diante de uma técnica isolada ou mecânica, mas de um sistema de conhecimento integral, exigindo do pesquisador um olhar que ultrapasse a superfície do objeto de barro. Para mim, chamar essa prática de Saber-Ciência é um ato de descolonização: é reconhecer a tecnologia e o pensamento complexo que existem em cada peça.

Essa categoria dialoga com a 'Ecologia de Saberes' de Boaventura de Sousa Santos (2010), ao defender que a validade de um conhecimento não deve ser medida apenas por padrões acadêmicos universais, mas pela sua eficácia e profundidade no território

Levar essa discussão para a sala de aula fundamenta-se na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996). Ao validar o conhecimento das Louceiras como uma ciência legítima, a escola rompe com a ideia de que o ensino de História é apenas a transmissão de fatos distantes. Para Freire, ensinar exige o reconhecimento dos saberes de experiência feito que o aluno traz consigo. O encontro entre o barro do Maruanum e o currículo escolar transforma-se, assim, em um diálogo horizontal, permitindo que o estudante se reconheça como sujeito de uma história que possui rigor, inteligência e valor científico

#### **1.4. Do Tangível ao Intangível: A Expansão do Conceito e a Cerâmica**

A partir disso, ao analisar a literatura acadêmica, percebo que o conceito de patrimônio cultural não pode mais ser reduzido à rigidez dos monumentos ou àquilo que é estático. Para Laurajane Smith (2006), o patrimônio não é um objeto inerte, mas uma prática social reatualizada no presente. Essa perspectiva sustenta minha escolha pelas HQs: o estudante deixa de ser um observador passivo da cerâmica para se tornar o narrador desse saber. Ao desenhar e roteirizar o ciclo do barro, o aluno não apenas aprende sobre a peça, ele intervém na memória e converte o patrimônio em um processo vivo de aprendizado

Esse jeito de olhar para o patrimônio foi o que guiou esta pesquisa, pois permitiu ir além da visão estática do monumento para compreender a riqueza do criar-saber-fazer,

---

<sup>5</sup> No Maruanum, a **encantaria** é o que dá alma ao barro. É essa linguagem amazônica descrita por Loureiro (2016) onde a realidade e o sagrado se encontram, mantendo vivo sentido ancestral que sustenta o saber dessas mulheres.

reconhecendo na cerâmica uma expressão viva que pulsa e resiste que, na proposta de Magalhães (1985), é o verdadeiro coração da identidade de um povo. Essa mudança de visão se materializa nas mãos das Louceiras, o patrimônio ali não é o pote pronto no museu, mas o gesto de moldar o barro que se repete há gerações, ou seja, é o fazer que sustenta a memória.

Minha percepção como pesquisadora caminha junto a essa evolução me obrigando a olhar além do tangível, a própria UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) já nos alerta que o patrimônio real é esse fluxo de saberes que atravessa gerações, exatamente o que encontrei na memória coletiva de Maruanum. que o patrimônio é o conjunto dos bens que são transmitidos de uma geração para outra, e que representam a memória coletiva de um povo, refletindo sua identidade, valores e crenças.

Essa definição nos permite migrar do foco tradicional em monumentos e objetos históricos para o patrimônio imaterial. A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003) Isso destaca a necessidade urgente de reconhecer e preservar os rituais, as festas e os saberes tradicionais, dando à cerâmica das Louceiras de Maruanum o protagonismo que ela merece em minha pesquisa, como um legado vivo que conecta passado e presente.

Esse olhar mais sensível, que une o barro (material) ao saber (imaterial), é o que dá sentido a esta pesquisa, fundamental para o meu argumento central, entender a importância das práticas culturais vivas, como o ofício das Louceiras, para a formação de uma identidade local que se recusa a desaparecer. Essa mobilidade do patrimônio, defendida por Maria de Lourdes Horta (2018), ganha vida no gesto das louceiras. A lição de Horta nos mostra que o barro do Maruanum é um processo vivo: ele muda para continuar sendo o mesmo, garantindo sua sobrevivência no presente

Ao reconhecer esse alerta, busquei criar um Produto Educacional que levasse este saber ancestral, não só para a comunidade do Maruanum, mas para todos, tanto dentro quanto fora da comunidade, de forma a contemplar sua expansão e garantir que a tradição da cerâmica seja vista como um processo vivo e contínuo, e não apenas uma relíquia do passado.

Meu esforço aqui é contribuir para o saber ancestral do criar-saber-fazer das louceiras assumam seu lugar como patrimônio vivo. Falar do Maruanum é falar de persistência e de um direito à memória que, por muito tempo, foi deixado de lado. Entendo que esse saber é o fruto de lutas e negociações históricas que precisam ser visibilizadas na sala de aula. Como pesquisadora e integrante dessa discussão, percebo que falar de patrimônio no Quilombo do Maruanum é, acima de tudo, garantir que essa história não caia no esquecimento, transformando o barro em voz e o fazer ancestral em nossa ferramenta de resistência.

Nesse embate essencial, o pensamento de Pierre Nora (2000), se aceitarmos a provocação de Pierre Nora (2000) de que a memória é um campo de disputa e não um arquivo morto, o fazer das Louceiras deixa de ser um costume e passa a ser um manifesto. No Maruanum, cada peça moldada é uma renegociação com o passado: elas não apenas lembram a tradição, elas a desafiam ao mantê-la viva sob as pressões do presente

Ao se vincular ao patrimônio, a memória coletiva passa a ser uma ferramenta ativa de reafirmação de identidade, constantemente reinterpretada pelas novas gerações. Contudo, essa dinâmica gera tensões. Gonçalves (2007), em *O Mal-estar do Patrimônio*, adverte sobre os dilemas da preservação na modernidade.

Ele ressalta que a relação entre tempo e destruição é intrínseca ao patrimônio, que vive em um ciclo constante de preservação, transformação e reinvenção (Gonçalves, 2007, p. 38). Essa perspectiva é crucial para analisar a cerâmica de Maruanum: a tradição se mantém viva não por ser estática, mas porque as Louceiras a adaptam e a ressignificam, resistindo ao esquecimento coletivo ou ao apagamento de memória, um dos focos centrais desta pesquisa. Como afirma Gonçalves (2007, p. 30), o patrimônio não deve ser entendido como um estoque de objetos, mas como um eco que precisa ser constantemente reativado pelos sujeitos no presente.

Portanto, quando as louceiras moldam o barro hoje, elas não estão apenas replicando um gesto mecânico herdado; elas estão operando uma tecnologia de resistência. Elas ressignificam a utilidade das peças, que outrora serviam apenas ao sustento doméstico, e hoje ocupam espaços de afirmação política e artística. Esse respeito ao saber ancestral é o que impede o apagamento da memória, provando que a cerâmica do Maruanum permanece viva justamente por ter a coragem de mudar para continuar sendo a mesma.

Alinhada com a ideia de que patrimônio cultural está intrinsecamente ligado à memória, conforme Pierre Nora (1993), o *locus* do Maruanum, por exemplo, é um lugar de memória vital, pois é onde se concentra a resistência cultural. Essa relação entre o local e a identidade é o que me impulsiona a pesquisar. Eu sustento, com base em Maria Cecília Londres Fonseca (2009, p. 56), que a minha pesquisa deve ir à concepção clássica de monumento, focando no saber-fazer como a expressão máxima desse patrimônio. O ofício das Louceiras, portanto, não é um vestígio estático, mas um bem imaterial vivo que exige nossa atenção.

Mais do que um conteúdo escolar, a Educação Patrimonial no Maruanum precisa ser uma prática de mediação política. Para que o saber das Louceiras não vire apenas um registro

estático em arquivos do IPHAN, a proposta deste trabalho é tirar a teoria da abstração. Como defende Tolentino (2017), essa ação deve ser dinâmica e engajante; aqui, isso se materializa na transformação do fazer ancestral em roteiro de HQ. É através dessa linguagem que o jovem quilombola deixa de ser um receptor passivo de datas e passa a ser o narrador ativo de sua própria herança, combatendo o risco de apagamento através da autoria

### **1.5. O Protagonismo dos Mestres da Cultura**

O sucesso da Educação Patrimonial (EP) não pode ser medido apenas pela transmissão de datas ou fatos, mas sim pelo reconhecimento e pela efetiva valorização dos detentores do saber. Essa valorização é a chave para o enfrentamento da crise da transmissão e do risco de apagamento de memória que paira sobre o patrimônio imaterial.

O reconhecimento dos mestres da cultura deve humanizar o processo, destacando-os como agentes fundamentais na transmissão intergeracional (Ferreira, 2010, p. 39). O ato de transmitir o saber garante que o patrimônio seja vivo e contínuo. As Louceiras de Maruanum se encaixam perfeitamente neste perfil, atuando como verdadeiras enciclopédias vivas da técnica ceramista e da história local.

O Percorso Pedagógico proposto neste trabalho está diretamente alinhado à Museologia Social, pois transforma os estudantes e as Louceiras em coautores das Histórias em Quadrinhos (HQs), garantindo que o saber seja continuamente ressignificado e devolvido à comunidade de forma acessível e engajadora (Tolentino, 2017).

A EP atua, assim, como uma ferramenta crucial para a transformação social, ligando o passado (a técnica ancestral) ao futuro (a geração que contará a história) e garantindo que o ciclo da memória e da identidade permaneça intacto.

### **1.6. O Percorso Pedagógico como Estratégia Interdisciplinar e Vivencial**

Sobre o Percorso Pedagógico (Barbosa, 2015) enfatiza que é uma abordagem que organiza o ensino de forma dinâmica e não linear, integrando diferentes áreas do conhecimento através de atividades experienciais, contextualizadas e colaborativas. O ensino que se pretende praticar no Maruanum encontra respaldo na crítica de Circe Bittencourt (2016) ao ensino memorístico. Para a autora, a história escolar só cumpre sua função social quando o aluno consegue estabelecer pontes entre o saber acadêmico e sua própria existência. No caso desta pesquisa, a contextualização defendida por Bittencourt materializa-se no estudo da cerâmica: o barro deixa de ser um objeto inanimado e passa a ser lido como um documento histórico da

resistência quilombola.

O percurso pedagógico, ao integrar a História ao contexto da cerâmica, as Artes ao desenho das HQs e as Ciências à extração do barro, materializa a interdisciplinaridade. Essa visão integrada permite que os estudantes compreendam o patrimônio de maneira holística, conectando o valor cultural com questões sociais, econômicas e ambientais de sua comunidade.

Além da função pedagógica e financeira, o meu argumento central reside na ação transformadora da produção em si.

Este engajamento autoral é, em minha visão, a força mais poderosa que a comunidade pode mobilizar, transformando a ameaça de esquecimento em um ato contínuo de resistência cultural. No que tange ao desenvolvimento e à criatividade, o formato estimula o desenvolvimento de habilidades criativas e de roteiro, transformando o aprendizado em uma atividade divertida e significativa (Bittencourt, 2016, p. 47). Com uma linguagem contemporânea, a HQ estabelece uma ponte entre o saber tradicional (a cerâmica) e a linguagem visual moderna, garantindo a relevância do tema para a nova geração.

### **1.7. Políticas e Sustentabilidade na Educação Patrimonial**

No Brasil, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é o principal órgão responsável pela política de educação patrimonial. Rampim Florêncio (2014), ao analisar essa política, salienta que a preservação do patrimônio imaterial exige um diálogo constante entre as políticas governamentais e as comunidades locais.

A autora defende que a EP não deve ser vista como um processo de preservação passiva, mas como um meio de transformação e empoderamento social (Florêncio, 2014, p. 50). O projeto na comunidade do Maruanum se insere nessa visão, buscando que ela se aproprie das diretrizes do IPHAN e se torne a principal gestora de sua própria memória.

A efetividade da Educação Patrimonial é medida pela capacidade de garantir a sustentabilidade da tradição e de promover o empoderamento comunitário. A sustentabilidade cultural, nesse contexto, não se restringe à manutenção da técnica, mas à sua capacidade de ser relevante e viável economicamente para as novas gerações. Rampim Florêncio (2014, p. 55) aponta que a EP, ao valorizar o patrimônio, pode promover o desenvolvimento econômico e cultural local.

Não basta apenas documentar o saber como se fosse um arquivo estático de um passado

distante; é urgente atuar na sua perpetuação viva e dinâmica. Para isso, vejo no protagonismo das Louceiras o eixo central de qualquer ação educativa. A proposta aqui é criar uma ponte entre essa ancestralidade e a linguagem contemporânea das Histórias em Quadrinhos (HQs). Essa associação estratégica não visa modernizar o barro, mas sim oferecer uma ferramenta pedagógica que dialogue com a juventude, transformando o ofício das louceiras em um motor de futuro que fortalece a identidade quilombola dentro e fora da sala de aula.

Na esfera econômica, o uso das HQs eleva a cerâmica de um produto artesanal para um produto cultural com valor agregado. Ao embalar a peça em sua própria história autêntica, estamos abrindo novos canais de comercialização e blindando o preço contra a desvalorização do artesanato comum. O turista ou colecionador não está apenas adquirindo um pote de barro; ele está comprando um fragmento narrativo da tradição quilombola.

A Política de Educação Patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) emerge neste cenário como o principal arcabouço teórico-metodológico do país, fornecendo as diretrizes para que o conhecimento sobre o patrimônio se reverta em ação e cidadania. O objetivo, aqui, é traçar o percurso conceitual da EP, desde seu surgimento, e detalhar como a política do IPHAN se consolidou para dar suporte a esta pesquisa e para dar base com meu PE.

## **Capítulo 2 – Contextualização: Maruanum e as Louceiras: História, Cultura e Saberes Ancestrais**

Minha pesquisa tem seu alicerce na Comunidade Quilombola de Maruanum ou, mais precisamente, Santa Luzia do Maruanum. Para mim, Maruanum é um laboratório vivo de resistência cultural e histórica comunidade quilombola estrategicamente situada na região sudeste do Estado do Amapá. Eu considero crucial enfatizar essa geografia, pois a conexão entre o *locus* e o ofício é total. As raízes históricas e a própria identidade quilombola não são apenas um rótulo; elas definem o contexto social onde o criar-saber-fazer da cerâmica pôde florescer e resistir por séculos, tornando-se o pilar da memória que minha proposta didática busca visibilizar.

### **2.1 Localização Geográfica e a Influência do Meio Amazônico**

Figura 1: Comunidades que formam o Distrito do Maruanum



Fonte: Célia Souza da Costa (2014)

A comunidade do Maruanum está localizada a cerca de 55 a 60 quilômetros da capital, Macapá, sendo um distrito que preserva um modo de vida profundamente conectado ao bioma amazônico. O nome da comunidade, segundo a história oral local (Costa, 2014), remonta a um casal indígena, Maru e Anum<sup>6</sup>, indicando uma ancestralidade que precede a ocupação afrodescendente. Sua localização, próxima ao Rio Maruanum e em área de várzea, historicamente exigiu dos moradores um profundo conhecimento sobre o ciclo das águas, a sazonalidade e a extração sustentável de recursos.

A área referida como Maruanum (ou Comunidade Quilombola do Maruanum) não é uma única comunidade monolítica, mas sim um complexo de núcleos quilombolas oficialmente reconhecidos e em processo de titulação. O território é composto por três núcleos principais (ou associações/territórios), sendo os mais notáveis:

1. **Santa Luzia do Maruanum I** (Muitas vezes o núcleo central e onde as Louceiras se concentram).
2. **São João do Maruanum II.**
3. **Carmo do Maruanum I.**

Cada um desses núcleos possui processos de reconhecimento territorial e dados populacionais específicos (embora reduzidos), mas o patrimônio imaterial da cerâmica é

<sup>6</sup> A etimologia de **Maruanum**, segundo a memória coletiva e o Relatório do INCRA (2011), remete ao casal indígena Maru e Anum. Como analisa Costa (2014), essa narrativa fundamenta a territorialidade local como um espaço de confluência étnica e ancestralidade, transcendendo a delimitação puramente geográfica geográfico,

comumente atribuído ao complexo como um todo, com foco em Santa Luzia. Como observam Silva e Rossini (2019), o Maruanum organiza-se em núcleos que, embora distribuídos no território, mantêm-se unidos pelo reconhecimento de uma origem comum e pelo modo de vida quilombola. Esta identidade e ocupação histórica possuem lastro oficial nos processos de titulação territorial em trâmite junto ao INCRA, que visam assegurar o direito definitivo às terras onde estas comunidades constroem a sua história e preservam o manejo tradicional do barro.

Embora os dados populacionais sejam dinâmicos, o núcleo de Santa Luzia do Maruanum conta com uma população pequena, mas com forte coesão social (cerca de 72 a 113 pessoas, segundo dados recentes do Censo 2022 para os diferentes núcleos). Essa baixa densidade populacional é inversamente proporcional à riqueza cultural.

## **2.2. Origem Histórica: Quilombo, Resistência e o Saber Indígena**

A história do Maruanum remonta aos primórdios da colonização, inserindo-se na ampla formação de quilombos e mocambos na região do Grão-Pará, territórios organizados por populações em fuga da escravidão (Barbosa, 2011). Essa origem confere à comunidade um legado de resistência e autonomia. A cerâmica, embora consolidada como saber quilombola, possui fortes influências do saber indígena, aprendido pelos ancestrais, que foram os primeiros habitantes da região (Coirolo, 1991). Conforme apontam os estudos de Costa (2014), essa tradição é um dos elementos mais emblemáticos da identidade local, integrando um complexo sistema de saberes que se manifesta de forma indissociável de outras expressões rituais, como o Marabaixo (INCRA, 2011).

A transmissão desse ofício, realizada de geração em geração, ultrapassa a mera execução técnica; ela representa a manutenção de um patrimônio imaterial que fundamenta a resistência quilombola. Para a comunidade, a cerâmica não é apenas uma atividade produtiva, mas a prova material de sua trajetória de sobrevivência e adaptação na Amazônia, onde o manejo do barro e o ritmo dos tambores narram a mesma história de ancestralidade.

## **2.3. O Sentido Simbólico do Barro e a Fé Local**

Na comunidade do Maruanum, o fazer cerâmico se funde a técnica e está envolto em uma profunda dimensão sagrada. O ato de extrair o barro, compreendido como um lugar de potência e respeito, é mediado por preceitos que visam pedir licença e garantir a proteção da

Mãe do Barro <sup>7</sup>(Costa, 2014; Lima, 2018). Essa entidade cosmológica é reverenciada no rito local como a guardiã da matéria-prima e a protetora ritualística das artesãs durante o ciclo produtivo.

Trata-se de uma reverência que ignora a lógica de exploração predatória para colocar o respeito à ancestralidade no centro do trabalho diário. Essa forma respeitosa de lidar com o barro dita cada passo do trabalho das louceiras, desde a escolha do lugar até as ferramentas que podem ou não tocar a terra detalhes que descrevo com mais calma logo adiante, quando tratarmos do ciclo do barro (item 2.6.1)

#### **2.4. Maruanum: Raízes Históricas e a Construção da Identidade Local**

A comunidade de Maruanum, situada no interior do município de Macapá, Amapá, é um espaço onde a história e a cultura se entrelaçam intimamente com o ambiente natural. A persistência de suas tradições, especialmente a cerâmica, é a chave para compreender a necessidade de estratégias de preservação ativa.

Maruanum distingue-se pela forte marca de sua população de origem afrodescendente, o que confere à cultura local características específicas de resistência, territorialidade e encontro de heranças afro-indígenas. Conforme bibliografia encontrada, entendo que a identidade do Maruanum é, portanto, uma fusão, pois o saber-fazer da cerâmica carrega a influência inegável dos povos indígenas, os primeiros habitantes da região, cujas técnicas de modelagem e uso do barro foram assimiladas e ressignificadas pela população quilombola (Coirolo, 1991).

O território, que não é visto apenas como espaço físico, mas como provedor da vida e, crucialmente, da matéria-prima para o fazer cerâmico, é um bem compartilhado por essa memória mista. O acesso à argila, retirado do solo de forma tradicional, é um rito que conecta as Louceiras à história de seus ancestrais (africanos e indígenas) e à memória coletiva (Nora, 2000), sustentando um modo de vida que se opõe à lógica de exploração. A manutenção desse modo de vida tradicional é, em si mesma, uma forma de preservação do patrimônio.

A geografia local, marcada por rios e igarapés, impõe um ritmo de vida que dialoga com a sazonalidade e a natureza, aspectos que se refletem diretamente na produção e no significado das peças cerâmicas. A interdependência entre o ambiente e a prática cultural legitima a necessidade de uma abordagem interdisciplinar na Educação Patrimonial, integrando o

---

<sup>7</sup> **Mãe do Barro:** Refiro-me à entidade que, na cosmologia das Louceiras, guarda o barro e exige respeito no manejo da terra. Trato essa relação entre o sagrado e a prática cerâmica com a profundidade necessária no item 2.3.

conhecimento tradicional e a educação ambiental ao ensino de história.

A cerâmica do Maruanum sai da sua função original utilitária para se tornar um símbolo de resistência cultural e de autonomia. A manutenção dessa prática secular, em um contexto onde produtos industrializados dominam o mercado e as formas culturais massificadas pressionam o modo de vida local, é um ato político de reafirmação identitária.

Este processo de ressignificação garante que a cerâmica seja um patrimônio vivo e não um mero vestígio do passado. A peça de barro moldada não é apenas um artefato; ela é um documento tangível da história, da tecnologia ancestral sincretizada e da capacidade de resiliência da comunidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o orgulho local.

## **2.5. As Louceiras<sup>8</sup>: Protagonismo Feminino e o Saber Ancestral**

O saber ceramista de Maruanum não acontece sem as mulheres, e, para mim, essa é a dimensão mais poderosa da pesquisa. Eu vejo as Louceiras não apenas como artesãs, mas como o alicerce vivo da comunidade. As Louceiras detêm o conhecimento completo do ciclo da cerâmica, estabelecendo uma verdadeira matriz de conhecimento matriarcal que sublinha a autonomia feminina sobre um patrimônio que é, antes de tudo, tecnológico.

A organização social do Maruanum revela uma linhagem cultural feminina legítima, cujas raízes, como aponta Coiroló (1991), remontam à própria formação do território e à herança de saberes ancestrais. Esse domínio das mulheres sobre a produção cerâmica reafirma a força de uma tradição que sobrevive e se adapta ao longo das gerações. Ali, o poder das mulheres não é um conceito abstrato, mas algo que nasce da gestão direta do saber: elas dominam o barro, a queima e a própria identidade do lugar. Essa organização garante a autonomia que Costa (2015) descreve e prova que moldar uma louça é, antes de tudo, um ato político contra o silenciamento. Ao observar esse processo, entendo que a mulher negra é o alicerce dessa resistência; como defende Nascimento (2018), ela guarda a ancestralidade no próprio corpo.

No Maruanum, a técnica não está nos livros, mas na memória viva de mãos que se recusam a esquecer. Buscando um diálogo e experiências comparativas com Mulheres e Patrimônio no Brasil, busquei falar um pouco sobre outras comunidades que detêm o protagonismo feminino. A centralidade das Louceiras de Maruanum não é uma ocorrência isolada, e eu usei essa comparação para reforçar a relevância nacional do meu estudo. Essa

---

<sup>8</sup> Caripé: é o antiplástico que dá liga ao barro (COSTA, 2015). Trato da sua preparação técnica no item 2.6.

estratégia de sobrevivência cultural é histórica e compartilhada por outras mulheres no Brasil:

### **A) As Paneleiras de Goiabeiras <sup>9</sup>(Espírito Santo)**

Eu vejo um paralelo fortíssimo com as Paneleiras de Goiabeiras (ES), cujo ofício é Patrimônio Cultural Imaterial. Assim como em Maruanum, o saber é exclusivamente feminino, passado de mãe para filha. O ofício, inclusive, foi documentado pelo IPHAN (2010), confirmando o seu *status* de técnica ancestral. A força desse grupo reside na organização e na manutenção da produção, garantindo não apenas a subsistência econômica, mas a preservação de uma técnica que é, para mim, um profundo símbolo de identidade e autonomia.

### **B) As Rendeiras do Nordeste<sup>10</sup>**

Outro exemplo que usei para enriquecer o meu argumento é o das Rendeiras no Nordeste. A arte da renda, que exige precisão e paciência, é uma atividade de organização feminina que historicamente gerou renda e empoderamento dentro de estruturas sociais mais tradicionais. Silva (2019) documenta que a transmissão desse saber manual confere à mulher a posição de guardiã da estética e da técnica.

A escolha pelas Histórias em Quadrinhos atua como um recurso para valorizar esse saber intergeracional, garantindo que as jovens da comunidade reconheçam esse legado como parte fundamental de sua identidade. Quero que esta pesquisa sirva de suporte para que a memória do Maruanum seja narrada com o orgulho e o protagonismo que suas mulheres representam

As Louceiras de Maruanum são as guardiãs da memória e da técnica cerâmica, sendo reconhecidas localmente como mestras de cultura (Abreu, 2015, p. 53). Seu trabalho vai além da produção artesanal; ele permeia a organização social e econômica da comunidade, englobando a gestão de recursos (a argila), a comercialização e, mais importante, a liderança em projetos de salvaguarda cultural.

A atuação das Louceiras de Maruanum ultrapassa a manufatura técnica, configurando-

---

<sup>9</sup> **Paneleiras de Goiabeiras:** Comunidade de artesãs localizada em Vitória (Espírito Santo), notável pelo ofício secular de produzir painéis de barro. Assim como as Louceiras de Maruanum, o saber-fazer é **exclusivamente feminino** e de transmissão intergeracional. Foi o primeiro ofício a ser registrado como **Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil** pelo IPHAN, em 2002, reforçando a importância do **protagonismo feminino** na salvaguarda dos saberes tradicionais (IPHAN, 2010).

<sup>10</sup> **Rendeiras do Nordeste:** Mulheres artesãs, majoritariamente localizadas em estados como Ceará e Alagoas, que dominam o ofício da renda (como renda de bilro e filé). Este saber-fazer é um notável exemplo de **patrimônio imaterial matriarcal** brasileiro, transmitido de forma intergeracional. Assim como a cerâmica de Maruanum, o ofício exige paciência e precisão, conferindo à mulher a posição de **guardiã da estética e da técnica** (Silva, 2019).

as como mestras fundamentais para a salvaguarda do patrimônio imaterial. Essa liderança, como sustenta Costa (2015), manifesta-se na capacidade dessas mulheres de converter o espaço doméstico e o barreiro em ambientes de mediação cultural, onde a transmissão do saber é legitimada pela autoridade e pelo afeto. No contexto da museologia social, elas não são meras informantes, mas protagonistas que ditam o ritmo da reflexão sobre sua própria cultura. Esse papel de mestra-educadora é o que garante o empoderamento feminino no território quilombola, pois, ao gerirem o saber intergeracional, elas estabelecem uma pedagogia própria que confronta o silenciamento histórico e reafirma o prestígio da identidade negra e amazônica diante do olhar externo

Nesta investigação, os detalhes da prática desde o quantitativo de artesãs em atividade até as sutilezas das variações técnicas não são meros dados estatísticos, mas a materialização do que Costa (2015) define como o 'Criar-Saber-Fazer'. Esta categoria é fundamental porque rompe com a ideia de uma produção artesanal homogênea; ela revela que, embora compartilhem uma matriz ancestral coletiva, cada louceira imprime sua própria assinatura e subjetividade no barro. Assim, a peça final deixa de ser apenas um objeto utilitário para se tornar um repositório da identidade individual de sua criadora, onde a técnica se funde à autoria

Para a minha investigação, a sustentabilidade do patrimônio ceramista do Maruanum não é apenas um conceito teórico; é uma questão de sobrevivência cultural que exige um mergulho direto na realidade da comunidade. O que me salta aos olhos nos dados de Costa (2015) é a extrema fragilidade da base produtiva: uma estimativa de apenas 15 a 25 louceiras ativas, concentradas no núcleo de Santa Luzia. Essa concentração numérica, longe de ser um dado meramente quantitativo, revela o ponto de tensão central da minha pesquisa: a perenidade do ofício está integralmente depositada nas mãos desse pequeno grupo.

A minha análise sugere que, se a transmissão intergeracional falhar neste núcleo, todo esse conhecimento ancestral corre o risco iminente de colapso. É por reconhecer a dimensão dessa ameaça cultural que a investigação sobre a dinâmica de sucessão se torna não só urgente, mas imprescindível. Toda comunidade de saber imaterial possui suas referências.

No que tange às técnicas e estilos, ou seja, à marca pessoal impressa na argila, a análise documental e de campo confirmou que, embora as Louceiras compartilhem uma matriz técnica comum que define a identidade da louça do Maruanum, existem variações sutis que revelam a "assinatura" individual de cada mestre. Essa dualidade é o que a literatura define como estilo tecnológico: uma base rigorosa e coletiva que permite expressões singulares. Na hora de

moldar, o uso do Caripé não é apenas um detalhe. Como já apontei (item 2.6), esse antiplástico é o que dá a segurança necessária para a peça aguentar o fogo. É nessa mistura que se enxerga a ciência das Louceiras: elas sabem exatamente como preparar o barro para que ele não rache na queima.

No entanto, é na finalização da peça que a subjetividade se manifesta. De acordo com a perspectiva de Silva (2000), as escolhas sobre a intensidade do polimento ou a profundidade dos desenhos incisos funcionam como um sistema de comunicação visual onde a artesã imprime sua identidade dentro do cânone tradicional. Portanto, a cerâmica do Maruanum não é uma repetição mecânica, mas um campo de diálogo onde o saber ancestral (o uso do caripé e o as técnicas manuais) servem de suporte para a afirmação da autoria individual de cada Louceira.

Louceiras mais experientes impõem uma marca pessoal que se torna evidente para o consumidor local (Costa, 2015). Meu desafio na pesquisa foi justamente identificar essas variações para garantir que o Módulo 2 do meu PE (Criação de HQ) não apenas ensine a técnica base, mas também valorize essas assinaturas individuais, incentivando os jovens a desenvolverem a sua própria marca no ofício. O futuro do patrimônio não está em replicar cegamente, mas em criar com identidade.

## **2.6 O Ciclo do Barro: A Técnica e os Significados do Saber Ceramista**

O fazer cerâmico no Maruanum é regido pelo ritmo das águas e pelo respeito profundo ao território. Esta produção não é uma atividade isolada; é um sistema complexo que integra técnica, história e espiritualidade. Para Costa, (2015), conforme analisado por Silva e Rossini (2021), as louceiras transportam em suas mãos uma culminância cultural indígena e africana. É um encontro de heranças que se manifesta na memória e na tradição oral, inaugurando o que as autoras definem como um criar-saber-fazer, um conjunto de significados que nascem das relações sociais e culturais da própria comunidade.

Entender esse ciclo exige enxergar muito além da peça final. O que proponho nesta pesquisa como Saber-Ciência manifesta-se justamente nessa inteligência técnica e individual, onde cada louceira domina a química do solo e o comportamento térmico da matéria sem precisar de manuais. Como observado por Ferreira (2010), a confecção da louça está ligada a esses saberes herdados, onde o aprendizado histórico ocorreu pela observação atenta das gerações anteriores, mas a execução hoje é um exercício de autonomia feminina.

Segundo dados encontrados nas revisões bibliográficas, constatou-se que é em seus quintais, que o trabalho ganha um espaço próprio. Trata-se de uma ramada uma estrutura rústica

que abriga prateleiras próximas ao teto, estrategicamente posicionadas para a secagem e a guarda das peças (Neves, 2021). Nesse ambiente doméstico e independente, a louceira garante o toque subjetivo que confere a cada objeto uma assinatura própria.

Este percurso, que detalharei a seguir com base nas pesquisas sistematizados por Silva e Rossini (2021) e nos dados técnicos de Neves (2021), atravessa etapas rigorosas que transformam a argila bruta em suporte de memória. Desde o cuidado rigoroso na preparação da matéria-prima até à transformação precisa pelas cinzas, o processo de criação demonstra como o conhecimento herdado das gerações passadas se mantém presente e em constante prática. Ao moldarem o barro, as louceiras não fabricam apenas objetos; elas materializam resistências e garantem que a identidade do Maruanum permaneça viva, provando que a tradição se renova a cada nova peça que ganha forma pelas mãos de cada mulher.

### **2.6.1 O Rito da Matéria-Prima: Extração e a Licença à "Mãe do Barro"**

A partir do levantamento bibliográfico e documental, observa-se que entrar no barreiro do Maruanum ultrapassa a simples coleta de materiais da floresta; trata-se de um rito de comunhão com a Amazônia que se inicia muito antes do barro tocar as mãos das artesãs. O processo é regido pelo ritmo das águas: no verão, quando a maré baixa, as louceiras organizam mutirões e partem de canoa pelo rio Maruanum, em uma viagem de cerca de uma hora e meia, evocando cânticos tradicionais que preparam o espírito para o encontro com a matéria.

**[...] quando a gente chega pra tirar o barro, a gente tem que tirar, tirar licença da mãe do barro... tem que tirar licença da mãe do barro pela... deixar a gente tirar nosso barro e fazer nossas peça pra queimare em paz... então quando nós telmina de tirar o barro, cada uma loicera, faz uma pecinha e oferece de “ofelta” pra mãe do barro, coloca lá tudo dentro do buraco, depois que a gente tapa o buraco que tiremo o barro. (SILVA; ROSSINI, 2021, p. 803).**

Essa entrega descrita pelas louceiras é o que Bachelard (2003) entende como uma poética da matéria, ou o ato de sonhar com as mãos. Para o autor, o barro não é uma substância morta, mas algo que envolve profundamente a imaginação e os sentidos de quem o molda. Quando a louceira do Maruanum toca a argila e a trata como um organismo vivo, ela entra num estado de concentração onde o trabalho físico se mistura com as memórias e o respeito pela natureza. É uma intimidade onde a mão não apenas aperta a terra, mas conversa com ela.

Ainda conforme dados bibliográficos, ao que tange essa atividade, o trabalho físico é exaustivo e dispensa máquinas para privilegiar o gesto das mãos e a interdição do metal, preceito que reforça a obediência à guardiã espiritual (Pacheco, 2012). As mulheres abrem o barreiro com o auxílio de paus até atingirem a profundidade de aproximadamente 110 cm, onde reside a "veia" do barro puro. Ali, realizam o teste de plasticidade, apertando a argila entre os dedos para sentir sua liga.

Uma vez extraído, o barro é prensado em bolas de dez quilos, envoltas em folhas de bananeira ou sororoca em cruz e presas com a própria nervura da folha. Esses pacotes são carregados sobre a cabeça até as canoas. Todo esse esforço é orientado por preceitos éticos e biológicos: a extração deve ocorrer preferencialmente na lua cheia, e há restrições rigorosas para mulheres grávidas ou em ciclo menstrual, visando evitar que a argila "empaneme" <sup>11</sup> termo local para a perda da eficácia ou contaminação da matéria. Essa proteção simbólica da terra funciona como uma barreira ética, garantindo a regeneração da argila, conforme fontes bibliográficas.

### 2.6.2 A Modelagem e o Reforço da Liga Elástica

Uma vez que o barro chega à casa da louceira, o trabalho ganha um ritmo mais calmo e introspectivo. As louceiras limpam a argila manualmente, retirando raízes e pedras, em um processo de "bater o barro" exaustivamente para extrair o ar e garantir a homogeneidade. É neste momento que o conhecimento ancestral quilombola se manifesta no preparo da liga: o segredo da resistência da louça do Maruanum está no Caripé (*Licania scabra*).

As cinzas da casca dessa árvore são misturadas ao barro em partes iguais, funcionando como um antiplástico natural que impede a peça de rachar durante a queima. Como descrevem Silva e Rossini (2021), essa mistura exige uma percepção tátil apurada para atingir o ponto ideal da pasta. A modelagem é inteiramente manual, utilizando a técnica milenar dos roletes (ou pavios). Sem o uso de tornos, a louceira levanta as paredes da peça com as mãos, dando forma ao bojo e alisando as superfícies com o auxílio da cuiapeba<sup>12</sup>, que é mantida sempre úmida.

É na ramada, em seu espaço individual, que a louceira exerce sua criatividade autônoma. Segundo Neves (2021), após a modelagem, as peças são colocadas nas prateleiras elevadas da barraca, onde o calor que sobe ajuda na secagem uniforme antes do acabamento final. É o

---

<sup>11</sup> No sentido de má-sorte, agouro (Coirolo 1991).

<sup>12</sup> Conforme Neves (2021), a cuiapeba consiste em um fragmento da casca do coco, adaptado e utilizado como instrumento manual para modelar a massa de argila

momento em que o saber herdado se transforma em arte individual: cada desenho e cada forma geométrica feita com ferramentas rústicas, como o <sup>13</sup>cuiepel e o oreipel<sup>14</sup>, reflete a identidade daquela mulher. Como define Bachelard (2003), este é o auge do "sonhar com as mãos", onde a matéria deixa de ser apenas argila e passa a ser uma extensão da memória e do corpo da artesã.

### 2.6.3 Secagem, Polimento e a Queima ao Ar Livre

Quanto à finalização das peças, a literatura indica que o ciclo do barro entra em uma fase de espera e vigilância constante. Segundo Silva e Rossini (2021), a secagem é um processo ditado estritamente pelo clima amazônico: enquanto no verão o sol forte permite que a louça esteja pronta em 24 horas, no período das chuvas esse tempo de maturação pode se estender por até 15 dias. Antes de enfrentar o fogo, as fontes bibliográficas apontam que a peça recebe um polimento manual cuidadoso, geralmente feito com seixo rolado ou semente de inajá. Este gesto, conforme observado nos estudos de campo de Ferreira (2010), prepara a superfície para a etapa mais crítica de todo o trabalho.

A queima, ou cocção, é descrita nas fontes consultadas como um evento que ocorre ao ar livre, nos terreiros e quintais das louceiras, longe de fornos industriais e cercada por interdições simbólicas. O que defendo nesta pesquisa como Saber-Ciência manifesta-se aqui na gestão do invisível: para as louceiras, o fogo é um elemento vivo que exige silêncio e respeito. Conforme aponta Coirolo (1991), o trabalho é protegido contra "maus-fluidos" e, principalmente, contra pessoas de "má-fala", termo que designa aqueles cujas palavras ou energias podem interferir na resistência do barro.

Essa vulnerabilidade espiritual da matéria é ilustrada pelo relato de Dona Raimunda, preservado na bibliografia:

**Tem gente venenosa de fala que quando falam muito alto ou perto da fogueira fazem estalar as peças... abriu ao meio um alguidar pela presença de um homem de má-fala que proferiu um palavrão na hora da queima. (Coirolo, 1991 apud Silva; Rossini, 2021, p. 809).**

---

<sup>13</sup> Cuiepel: *Lagenaria vulgaris*, nome científico de um tipo de cabaça (Ferreira 2016).

<sup>14</sup> *Pycnoporus sanguineus*, nome científico do fungo de madeira conhecido como "orelha de pau" (Ferreira 2016).

Ao final deste rito, com a louça ainda quente, ocorre a última etapa descrita por Silva e Rossini (2021): a aplicação da resina de Jutaica (*Hymenaea courbaril*). A bibliografia destaca que esta substância impermeabiliza as paredes e confere o brilho escuro característico da cerâmica do Maruanum. Este acabamento materializa o “criar-saber-fazer” discutido por Costa, Lima e Custódio (2016), onde a técnica não se separa da identidade cultural, transformando o barro em um suporte de memória que carrega em si a resistência do quilombo e o rigor da tradição descrita pelos autores.

#### **2.6.4 Desafios Contemporâneos e a Continuidade da Tradição**

A riqueza cultural do ciclo do barro no Maruanum caminha lado a lado com desafios que colocam em xeque a sua permanência. Esses dilemas não são fatos isolados, mas parte de um cenário de vulnerabilidade que atinge o patrimônio imaterial em diversas comunidades tradicionais brasileiras. O ponto central aqui é o protagonismo feminino diante do risco real de uma interrupção dos saberes.

O contexto das Louceiras do Maruanum, onde o saber é repassado de mãe para filha (Ferreira, 2010, p. 39), encontra um paralelo direto em regiões consagradas. No Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais), por exemplo, o ofício da cerâmica é igualmente matriarcal e reconhecido como patrimônio cultural brasileiro. Contudo, essa prática também enfrenta o escoamento de jovens para centros urbanos e a desvalorização do artesanato, fatores que ameaçam a transmissão intergeracional (Abreu, 2015, p. 53). Essa ameaça é a manifestação local do que Gonçalves (2007, p. 34) define como a destruição do patrimônio pelo apagamento de memória, exigindo que a comunidade defina ativamente o que deve ser preservado.

De forma semelhante, em Tracunhaém (Pernambuco), onde a figura da mestra é central, a continuidade da tradição exige constante revitalização e reconhecimento formal para resistir à crise econômica e ao êxodo rural. Essa comparação demonstra que o desafio da crise da transmissão é um fenômeno nacional. A intervenção pedagógica na comunidade, portanto, não é apenas um projeto local, mas sim parte de um esforço maior para garantir a sustentabilidade cultural dessas práticas em todo o país. Ao analisar Maruanum, proponho um modelo de Educação Patrimonial que pode servir de referência para outras comunidades, transformando a Louceira em um exemplo de resistência cultural contra as forças da homogeneização (Costa, 2015, p. 94). O estudo da cerâmica do Maruanum se torna, assim, um laboratório para a inovação didática na preservação do patrimônio matriarcal brasileiro.

### 2.6.5 A Crise da Transmissão Intergeracional e o Risco do Apagamento de Memória

A análise da realidade do Maruanum revela que o principal entrave à continuidade da cerâmica é a crise de transmissão entre as gerações (Ferreira, 2010). Esse fenômeno compromete a vitalidade do patrimônio imaterial e acelera o que Gonçalves (2007) caracteriza como o risco de apagamento da memória coletiva. O desinteresse dos jovens pelo ofício é resultado de fatores estruturais que envolvem a pressão de uma cultura globalizada, o êxodo rural e a baixa perspectiva de retorno econômico imediato.

- **Competição Cultural e Estética:** O crescente acesso a formas culturais globalizadas e o fascínio por novas tecnologias competem diretamente com a dedicação exigida pela prática ceramista, que é lenta, laboriosa e tradicional. Para muitos jovens, sujar a mão de barro no barreiro parece algo atrasado, um trabalho de antigamente, e não como a aplicação de um saber ancestral e científico (Tolentino, 2017).
- **Apatia à Técnica e à Oralidade:** O repasse do saber das Louceiras se dá primeiramente pela oralidade e observação, um modelo de ensino que se choca com a didática audiovisual e imediata da era digital. A não identificação com a paciência necessária para a modelagem e a ausência de um retorno financeiro rápido são fatores que impulsionam o êxodo rural e o abandono do ofício (Abreu, 2015, p. 53).
- **Desvalorização Econômica:** Há uma percepção clara entre os jovens de que o saber tradicional é menos valorizado ou oferece menor retorno financeiro do que outras atividades urbanas ou o comércio de produtos industrializados. Sem o interesse e o engajamento dos mais novos, o saber corre o risco de se extinguir, deixando de ser um patrimônio vivo para se tornar apenas uma referência histórica (Gonçalves, 2007).

#### 1. Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais)

No Vale do Jequitinhonha, a produção de cerâmica é um dos mais notáveis exemplos de patrimônio matriarcal no Brasil. Assim como em Maruanum, o saber-fazer é transmitido quase exclusivamente de mãe para filha (Abreu, 2015, p. 53). O problema: a nova geração não demonstra interesse em permanecer no ofício devido à baixa remuneração e à falta de oportunidades de lazer e estudo na zona rural. A busca por empregos formais nas cidades vizinhas ou em capitais como Belo Horizonte leva ao êxodo rural.

#### 2. Tracunhaém (Pernambuco)

A cidade de Tracunhaém é um polo ceramista conhecido por sua arte figurativa e utilitária. Embora tradicionalmente incluía mestres homens, o legado das mestras da cultura, como a renomada Mestre Nena (in memoriam), é central. O problema: O principal desafio é a competição de mercado e a descontinuidade estética. O sucesso comercial impulsiona a produção rápida, mas os jovens artesãos, muitas vezes, não querem passar pelo lento e rigoroso processo de aprendizado oral das técnicas ancestrais, buscando atalhos na produção (Tolentino, 2017). Isso ameaça a autenticidade e a profundidade do saber repassado, transformando a arte em *souvenir* sem memória.

### **3. Comunidades Ribeirinhas (Geral)**

Em muitas comunidades ribeirinhas amazônicas, como: Quilombo de Cachoeira Porteira, entre várias outras Comunidades Quilombolas do Pará, onde o saber da cestaria, da pesca e o conhecimento botânico são vitais, o repasse de saberes também está em crise. O Problema: A invasão de mídias digitais e a substituição das ferramentas e ritos tradicionais por produtos industrializados tornam o saber ancestral obsoleto na percepção juvenil (Tolentino, 2017). A escola, que deveria ser um ponto de valorização, muitas vezes não consegue integrar o conhecimento das mães e avós ao currículo, marginalizando o saber da comunidade (Bittencourt, 2016).

Ao observar as soluções aplicadas em outras regiões, entendo que o caminho para o Maruanum exige que o saber das Louceiras ocupe, de fato, o espaço escolar. Minha proposta busca aproximar essa ciência ancestral do cotidiano da sala de aula, transformando-a em material didático transformador. Utilizo a Educação Patrimonial como uma ferramenta de apoio ao professor, mas também como um ato de resistência contra o apagamento histórico.

Como defende Walsh (2013), a decolonialidade na educação não é apenas um conceito, mas uma prática que exige a valorização dos saberes que o sistema tentou invisibilizar. Ao oferecer esse suporte ao docente, busco garantir que o conhecimento das mestras não seja apenas um conteúdo passageiro, mas o alicerce de uma prática pedagógica que fortalece a identidade quilombola e desafia a lógica do ensino tradicional.

A semelhança entre esses casos revela que o silenciamento dos saberes tradicionais não é um fato isolado, mas um desafio partilhado por diversas comunidades brasileiras. Por isso, a intervenção que proponho para o Maruanum vai além de um simples registro, busco oferecer caminhos reais para que o patrimônio seja valorizado através de linguagens que conversem com a juventude atual.

### **2.6.6 A Necessidade da Educação Patrimonial como Ferramenta de Sustentabilidade Cultural e Econômica.**

A inclusão da cerâmica no ambiente educacional, por meio de metodologias criativas, como o Percorso pedagógico de criação de HQs, possibilita que os jovens não apenas aprendam sobre a cerâmica, mas se vejam como agentes de sua transformação e comercialização. Esta abordagem de preservação ativa alinha-se às diretrizes de Rampim Florêncio (2014, p. 55), ao defender que o sucesso da EP está ligado à capacidade de promover o desenvolvimento econômico e cultural da comunidade.

Diante do exposto, ousar afirmar que a inclusão desses exemplos nacionais comprova que a proposta de Educação Patrimonial (EP) no Maruanum é uma necessidade sistêmica. A intervenção pelo Produto Educacional (PE) e a HQ, que torna a Louceira um modelo de protagonismo e ciência (Costa, 2015, p. 94), servem como um modelo replicável para reverter essa crise de transmissão em outros contextos brasileiros.

## **Capítulo 3 Metodologia e O Percorso Pedagógico.**

No capítulo 3, trago o percurso metodológico da pesquisa, que se fundamenta integralmente na Revisão Bibliográfica (RB) e na Análise Documental para construir e justificar a proposta de intervenção pedagógica. São detalhados o desenho da pesquisa teórica, as fontes consultadas e os procedimentos de análise que embasaram o design e a coerência do Produto Educacional (PE), uma Sequência Didática para a Criação de HQs, definindo o percurso pedagógico para o ensino sobre o saber ceramista das Louceiras de Maruanum.

Aqui, descrevo os procedimentos que utilizei para converter os dados da pesquisa em material de ensino. A análise de documentos e a revisão de autores foram fundamentais para dar consistência à proposta pedagógica. Ao detalhar essas etapas, mostro como o conhecimento sobre o Maruanum foi organizado e adaptado para se transformar na sequência didática que apresento ao final deste trabalho.

### **3.1 Desenho da Pesquisa Teórica e Fontes de Sustentação:**

O desenho da pesquisa teórica foi estruturado em duas fases complementares: Revisão Bibliográfica (RB) Sistemática: Eu realizei um levantamento criterioso para ancorar os pilares

conceituais do trabalho. A RB não serviu apenas para compilar autores, mas para estabelecer o diálogo entre as áreas de Educação Patrimonial (Horta, 2018; Gonçalves, 2007),

Esse alicerce teórico é o que permite que esta pesquisa se configure, ao mesmo tempo, como um exercício de imaginação e como uma ferramenta robusta para a construção do conhecimento histórico. A coleta de dados foi realizada em bases de dados reconhecidas no meio acadêmico, como SciELO, Google Scholar e o portal de periódicos CAPES. A busca se concentrou na triangulação de três eixos temáticos essenciais para o design do PE, utilizando os seguintes descritores:

1. Eixo 1 (Conceitual): "Patrimônio Imaterial" E "Educação Patrimonial"
2. Eixo 2 (Metodológico): "História em Quadrinhos" E "Ensino de História"
3. Eixo 3 (Contextual): "Louceiras de Maruanum" E "Protagonismo Feminino"

Mergulhei na análise documental para fundamentar a base histórica e técnica do saber ceramista. Este procedimento foi essencial para cruzar dados de inventários do IPHAN, legislações quilombolas e estudos acadêmicos anteriores. Como aponta Gil (2002), o exame de documentos permite resgatar informações que o tempo ou o silenciamento poderiam distorcer. A partir desse levantamento, consegui sistematizar dados concretos sobre a ritualística do barro, a trajetória da comunidade (Costa, 2014) e o protagonismo das mulheres nesse processo (Abreu, 2015).

Todo esse suporte documental serviu para dar coerência ao produto educacional, uma sequência didática voltada à criação de HQs. Meu objetivo central foi traçar um percurso pedagógico que integre o saber empírico das mestras ao currículo escolar de forma legítima. Assim, o produto não é apenas um material de apoio, mas uma estratégia de ensino que reconhece a ciência das Louceiras de Maruanum como conhecimento formal e necessário dentro da sala de aula

### **3.1.1 Justificativa da opção metodológica: Revisão Bibliográfica e Análise Documental**

Escolhi trabalhar com bibliografia e documentos porque entendo que a voz das louceiras já foi registrada com dignidade por outros pesquisadores e meu papel aqui é transformar esse conhecimento em material de aula, alinhada à natureza do Mestrado Profissional. Entendo que o caráter propositivo desta pesquisa exige, antes da intervenção direta, uma sólida construção teórica que sustente o Produto Educacional. Como aponta Gil (2002), a pesquisa bibliográfica

é indispensável para cobrir uma gama de fenômenos que não poderiam ser acessados diretamente, permitindo que este trabalho identifique lacunas e consensos nas áreas de Educação Patrimonial e Ensino de História.

Nesta pesquisa, meu interesse não está apenas em avaliar resultados imediatos, mas em construir uma proposta pedagógica que respeite a ética e a ciência das Louceiras. Busco o rigor teórico defendido por Severino (2017) para garantir que o material produzido não seja apenas um exercício criativo, mas uma ferramenta sólida que responda aos desafios de ensinar a história quilombola na atualidade.

Complementarmente, a Análise Documental serviu como a minha ponte com o território do Maruanum. Ao debruçar-me sobre inventários do IPHAN, relatórios técnicos e estudos etnográficos pré-existentes, tratei esses documentos não como papéis parados, mas como fontes vivas de dados indiretos. Segundo Bardin (2011), a análise documental permite uma releitura da realidade, possibilitando compreender a ritualística e o protagonismo das Louceiras através de registros institucionais consolidados.

Portanto, este trabalho parte da compreensão de que a ausência de uma etapa empírica *in loco* não fragiliza a validade deste estudo. Pelo contrário, ela estabelece um modelo de intervenção potencialmente aplicável, construído sobre o que há de mais consistente na documentação oficial e na teoria decolonial. Entendo que este Produto Educacional nasce como uma proposta pronta para o combate ao silenciamento. Embora os limites desta pesquisa não tenham permitido a aplicação imediata, entrego aqui um projeto que tem chão e fundamento para ganhar vida em qualquer sala de aula do Amapá.

Esta pesquisa assume um caráter qualitativo e mergulha em uma construção teórico-documental por uma escolha deliberada de percurso. O que pretendo não é apenas entregar um plano acabado, mas sim desenhar um caminho educativo que seja eticamente coerente, rigorosamente fundamentado e, acima de tudo, pronto para ganhar vida na prática quando encontrar o chão da sala de aula ou do território.

### **3.2 A Justificativa Curricular: BNCC e o Referencial Curricular Amapaense (RCA)**

A intervenção que defendo não nasce do acaso; ela encontra amparo nas diretrizes curriculares que regem o ensino no país e na nossa região. Utilizo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como o alicerce que define as aprendizagens essenciais a que todo estudante tem direito (BRASIL, 2018, p. 8). No entanto, meu olhar se volta especificamente para os anos

finais do ensino fundamental, momento em que a norma exige que o aluno seja capaz de contextualizar, interpretar e, sobretudo, propor soluções (BRASIL, 2018, p. 418). É justamente dentro dessa exigência por um pensamento crítico e prático que meu produto educacional se legitima. Ao transformar o saber ceramista em material didático, estou cumprindo o que a lei pede: oferecendo caminhos para que o estudante deixe de ser um receptor passivo e passe a atuar com autonomia e consciência sobre o seu próprio patrimônio

O alicerce ético e político deste trabalho está ancorado nas Leis 10.639/03 e 11.645/08. Mais do que normativas que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, entendo esses marcos legais como instrumentos de ruptura contra o silenciamento imposto pelos currículos tradicionais. Ao colocar o saber das Louceiras de Maruanum no centro desta investigação, trato o conhecimento quilombola como um saber ancestral e um pilar da identidade do Maruanum que deve ser respeitada em sua complexidade. Minha pesquisa assume, portanto, o compromisso de promover uma educação efetivamente antirracista, onde o fazer e a expertise dessas mulheres são reconhecidos como produção de conhecimento e tecnologia de resistência

Embora a BNCC estabeleça parâmetros nacionais, autores como Coelho e Figueirêdo (2022) alertam para o risco de uma dissociação curricular em contextos amazônicos. Este trabalho utiliza as possibilidades do Referencial Curricular Amapaense para combater o esquecimento da nossa história. Ao trazer o saber das Louceiras para o centro do currículo, transformamos a vivência do quilombo em conhecimento histórico vivo para os estudantes. Minha pesquisa insere-se na área de Ensino de História, que, segundo a própria BNCC, deve valorizar as narrativas diversificadas e o modo como os indivíduos construíram, com diferentes linguagens, suas narrações sobre o mundo em que viveram e vivem (Brasil, 2018, p. 397).

Minha proposta ultrapassa o cumprimento burocrático do currículo ao dar vida a habilidades fundamentais. O trabalho se ancora na valorização do patrimônio, conforme prevê a EF09HI04, mas vai além: utiliza o reconhecimento desse legado como estratégia para fortalecer a identidade dos estudantes. Ao analisar o ofício das Louceiras que une a herança indígena e afrodescendente respondo à habilidade EF09HI10, apresentando essa técnica não como algo do passado, mas como uma tecnologia ancestral. Essa abordagem permite conectar o processo produtivo às discussões sobre gênero e resistência, transformando a sala de aula em um espaço de reflexão crítica sobre o território.

A aplicabilidade desta proposta fundamenta-se no compromisso com a cidadania

cultural, encontrando respaldo no Art. 215 da Constituição Federal, que assegura o pleno exercício dos direitos culturais, e na Lei Brasileira de Inclusão (LBI – Lei nº 13.146/2015), que define a oferta de recursos de acessibilidade como um dever educacional em seu Art. 27. Na prática pedagógica, ao articular a linguagem visual das HQs à exploração sensorial do barro detalhada nas atividades complementares deste trabalho, busco democratizar o acesso ao patrimônio do Maruanum. O objetivo é transformar o saber das louceiras em um direito tangível para todos os estudantes, garantindo que a aprendizagem ocorra de forma efetiva, independentemente das condições e necessidades de cada discente.

Como reforça Barreto (2017), a Educação Patrimonial ganha força quando se torna inclusiva. Assim, este Produto Educacional não apenas atende às competências da BNCC, mas as expande, consolidando-se como uma ferramenta de cidadania cultural que reconhece e valoriza a diversidade no território quilombola.

Para solucionar essa lacuna na Amazônia Amapaense, o Referencial Curricular Amapaense (RCA) (AMAPÁ, 2019) foi criado com o objetivo de contextualizar o currículo. O RCA exige, como competência, que o aluno compreenda os mecanismos de mudança e preservação das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo da história (Amapá, 2019). Meu PE, ao focar na preservação cultural do saber-fazer das Louceiras (Ferreira, 2010), insere-se diretamente nessa diretriz. O produto atua como uma ferramenta de apoio concreta que dá suporte frente a carência do RCA por materiais didáticos (Amapá, 2019), oferecendo um recurso validado para a contextualização do Ensino de História na realidade do Amapá.

A eficácia do Ensino de História na Amazônia, a meu ver, está intrinsecamente ligada à nossa capacidade de identificar e explorar as brechas curriculares. A minha pesquisa visa precisamente provocar uma reação ativa à estrutura rígida, buscando estabelecer o que é essencial para o Ensino de História Local nas escolas (Moitinho; Pina, 2019). É nesse ponto que a contextualização adquire centralidade.

A valorização da História Local permite que o ensino ultrapasse o simples repasse de fatos e passe a considerar as transformações sociais sob a ótica de quem as vive. Ao integrar as experiências de alunos e docentes a esse processo, a pesquisa se alinha ao que prega o Referencial Curricular Amapaense (RCA) quando afirma que:

**[...] o que nos interessa no conhecimento histórico é perceber a forma como os indivíduos construíram, com diferentes linguagens, suas narrações sobre o**

**mundo em que viveram e vivem, suas instituições e organizações sociais... Todas essas considerações de ordem teórica devem considerar a experiência dos alunos e professores tendo em vista a realidade social e o universo da comunidade escolar, bem como seus referenciais históricos, sociais e culturais. (AMAPÁ, 2019, p. 106).**

É evidente que o RCA lança um chamado que se impõe de forma inquestionável. é nosso dever enquanto professores garantir uma perspectiva regional nas aulas de História. Somente por essa via o educando conseguirá enxergar o aprendizado como algo intrinsecamente significativo para sua vivência, construindo o conhecimento histórico de forma qualitativa e engajada. Isso se materializa quando há a valorização das experiências adquiridas em seu meio, resultante dos conflitos e das relações sociais, familiares, culturais e econômicas desses sujeitos.

Minha escolha recai sobre a abordagem qualitativa, pois entendo que a sala de aula é um espaço de sentidos e narrativas que exigem uma análise profunda, para além dos números (Minayo, 2017). Minha intenção com este estudo é construir as bases para uma intervenção real na prática docente, utilizando esta dissertação para projetar uma nova forma de ensinar que valorize os saberes locais

A ausência de coleta de dados in loco é compensada pela profundidade da análise documental, que busca nos trabalhos de outros pesquisadores a voz da comunidade. O rigor teórico é, portanto, a garantia da pertinência prática. A base é o entendimento de que a ação educativa é uma forma de ação social, mesmo que projetada (Thiollent, 2011).

Minha análise não partiu do zero; ela se apoiou em estudos e documentos de quem já viveu e documentou aquela comunidade, garantindo que o conteúdo da HQ respeite a cultura local. Para dar sentido a essa caminhada, recorri a autores como Gonçalves (2007) e Nora (2020), que me ajudaram a entender como a memória entra em crise e por que é tão urgente usar o patrimônio como uma ferramenta de resistência.

Educação Patrimonial (EP): Abreu (2015) e Tolentino (2017) para definir a EP como ação de empoderamento. Metodologia Didática: Bittencourt (2016) para o Ensino de História e a literatura sobre a HQ como mediação cultural. A combinação desses autores fundamenta a coerência entre a teoria da História e a ferramenta pedagógica escolhida.

### **3.2.1 Letramento Digital e Narrativas Visuais: O Potencial das HQs Online**

Não sou alheia à realidade das nossas escolas, sei bem que falar em meios digitais na Amazônia esbarra, muitas vezes, na falta de um computador ou na internet que não chega. No

entanto, fiz questão de colocar no papel tanto o caminho do lápis e papel quanto o do clique no Canva. Fiz isso porque acredito que o saber das mulheres do Maruanum é grande demais para ficar preso só lá na comunidade ou só no caderno de um aluno. Minha intenção com esse Produto Educacional é que esse saber ancestral seja versátil e ganhe o mundo. Quero que esse diálogo aconteça em qualquer lugar, seja no chão de uma escola quilombola ou numa tela de computador em qualquer outra cidade. Para mim, mostrar essas duas vias é um jeito de garantir que essa memória não tenha fronteiras e que a resistência das Louceiras seja vista e respeitada por todo o tipo de gente.

Nessa perspectiva, entendo que falar de tradição na escola hoje também passa por ocupar o espaço digital. Minha ideia não é substituir o barro pela tela, mas criar uma ponte onde o saber ancestral e as ferramentas tecnológicas se encontrem para falar uma língua que alcance o jovem quilombola. Utilizar o suporte digital para narrar o Maruanum não é um adereço ou um luxo tecnológico; é, na verdade, uma estratégia de tradução cultural. É dar ao aluno a chance de ver sua própria história circulando com a mesma relevância de qualquer outro conteúdo do mundo moderno. É uma escolha política de usar as ferramentas do presente para narrar um saber milenar.

A HQ permite que o jovem quilombola deixe de ser o tema do livro didático para ser o autor da sua própria tecnologia. Conforme aponta Murray (2013), o uso de novas mídias e novelas gráficas no século XXI redefine o conceito de letramento, integrando a competência textual à narrativa visual de forma indissociável.

Sei que nem todo aluno é desenhista, por isso o Canva entra aqui para dar uma mão. O que me importa não é o traço perfeito, mas como esse aluno organiza a história das louceiras na tela. Ao utilizar essas ferramentas, o estudante desloca sua preocupação da habilidade estética do desenho para a curadoria narrativa. O foco passa a ser a organização sequencial dos fatos históricos e a tradução dos saberes das Louceiras para a linguagem visual.

Portanto, as ferramentas online são tratadas aqui como suportes de memória. Elas democratizam o acesso à produção autoral, permitindo que o jovem quilombola, mesmo sem domínio das técnicas clássicas de desenho, assuma o papel de narrador ativo de seu próprio patrimônio. A eficácia dessas plataformas, contudo, depende intrinsecamente da mediação docente: cabe ao professor orientar que a escolha de cenários ou balões de fala respeite a fidelidade histórica e a cosmovisão de Maruanum, evitando que a tecnologia gere representações estereotipadas

A ideia não é que o aluno apenas leia quadrinhos para se distrair, mas que ele coloque a mão na massa para criar. Quando eu desafio o estudante a montar uma história sobre o Ciclo

do Barro ou a Mãe do Barro, estou forçando-o a organizar o pensamento: o que vem primeiro? Como resumir esse saber em um balão de fala? Como Plosky (2016) bem diz, a HQ é uma ferramenta poderosa porque faz o jovem misturar palavra e imagem para entender conceitos pesados como ética e identidade, mas de um jeito que faz sentido para ele.

### **Desafios e o Papel do Mediador**

Apesar do potencial inovador, a implementação dessas ferramentas enfrenta desafios estruturais, como a disparidade no acesso à rede e a necessidade de formação contínua do corpo docente. Contudo, como ressalta Brown (2015), a eficácia pedagógica da HQ reside menos na sofisticação do software do que na mediação do professor. A HQ destaca-se como um meio poderoso de sensibilização para temas complexos, como os direitos humanos e a valorização de comunidades quilombolas, transformando o fazer histórico em uma experiência lúdica e rigorosa.

No fim das contas, levar o digital para dentro do quilombo é mostrar que o barro e o clique podem andar juntos. É fazer com que aquela menina que não se via no barro, agora se veja na tela, contando com orgulho a história das mulheres da sua família

### **3.3 A História Local como Pilar do Referencial Curricular**

A partir da análise do contexto quilombola, O reconhecimento da História Local apresenta-se como condição indispensável para superar a alienação curricular. Essa aproximação entre o conteúdo e a vivência do aluno é o que possibilita a transição da história como dado estático para a história como orientação para a vida como o pilar fundamental capaz de sustentar e recontextualizar o referencial pedagógico na comunidade de Santa Luzia do Maruanum. O saber-fazer das Louceiras, com sua riqueza técnica e sua cosmovisão, não pode ser tratado como um dado folclórico à margem da escola; ele é, na verdade, a matriz fundacional a partir da qual o conhecimento deve se estruturar. Ignorar essa base é perpetuar um ensino descontextualizado e, portanto, alienante. É aqui que esta proposta se alinha ao pensamento de Paulo Freire, que defende a necessidade de que o educador 'respeite os saberes que os educandos trazem consigo (Freire, 1996, p. 30).

Em minha análise, a transposição do ofício ceramista para a linguagem das Histórias em Quadrinhos, aliada à produção dessas narrativas pelos próprios jovens, configura um processo pedagógico de fortalecimento da autonomia e da consciência histórica. Ao narrar o saber das

Louceiras a partir de seu próprio território, a História Local deixa de ocupar um lugar periférico e passa a ser reconhecida como referência legítima de conhecimento.

Nesse movimento, o saber ancestral não é apenas representado, mas assumido como ponto de partida curricular, permitindo que o estudante se reconheça como sujeito ativo na construção de sua identidade e na projeção de seu futuro.

### **3.4 Procedimentos Éticos e Curadoria Visual: O Respeito ao Olhar e ao Território**

Minha preocupação com a ética nesta pesquisa nasce do compromisso com a dignidade das Louceiras do Maruanum. Ao definir o corpus visual deste trabalho, tomei a decisão consciente de utilizar os registros fotográficos presentes na dissertação de Costa (2015). Essa escolha fundamenta-se na percepção de que o acervo da autora não é meramente ilustrativo, mas um documento que permite a apreensão da realidade estudada.

Como bem aponta Cellard (2012, p. 295), o documento deve ser compreendido como um testemunho de uma realidade social, uma fonte que permite ao pesquisador interrogar o contexto sem descaracterizá-lo. Ao optar por essas fontes secundárias, amparo-me no dever ético de dar visibilidade a quem já foi registrado com respeito. De acordo com Minayo (2012, p. 21), a pesquisa qualitativa deve se ocupar do "universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes", o que justifica meu zelo em tratar essas imagens como evidências que validam o saber cerâmico como uma ciência legítima do território.

Reconheço que não realizei novas capturas de imagem *in loco* e faço dessa ausência uma afirmação de respeito ao trabalho de campo já consolidado por Costa (2015). Minha tarefa aqui é de curadoria e releitura ética: busco garantir que o uso dessas faces e mãos contribua para que o meu Produto Educacional chegue às escolas com o que Minayo (2012, p. 16) define como fidelidade ao mundo vivido dos sujeitos. O crédito é compartilhado, mas a reverência às protagonistas é o que guia esta escrita.

### **3.5 O Estudo da Louça como Formação da Consciência Histórica e Função Crítica**

A História Local, em minha pesquisa, assume um papel que superam a simples descrição de eventos regionais; ela é a pedra angular da formação da consciência histórica e do sentimento de pertencimento do educando. Pontuo que a eficácia do Ensino de História na Amazônia reside na capacidade de fazer o aluno reconhecer que o seu próprio território é um palco ativo de processos históricos, o que é o antídoto mais eficaz contra a dissociação curricular. Neves

(1997, p. 14) apoia esta visão ao definir que por história local deve-se entender todos os sentidos decorrentes do uso da palavra história: o processo histórico, a ciência da história e a historiografia, considerados da perspectiva de um determinado local.

Meu Produto Educacional (PE), a Sequência Didática para a criação de HQs, exige que o aluno investigue a técnica do rolete (o saber-fazer). Sem a lente da História Local, o rolete é apenas um método; com a lente local, ele se torna um registro da fusão cultural (indígena e afrodescendente) e um documento tecnológico de sobrevivência em um território específico. O PE força essa transposição didática.

A História Local torna-se um exercício de cidadania e crítica. É necessário observar criticamente a realidade social e suas transformações. Moitinho e Pina (2019, p. 5118) fornecem o alicerce para a função crítica do meu PE ao afirmarem: Conhecer o patrimônio local, observar as mudanças e o significado delas para os munícipes, levantar hipóteses a respeito do que se escreve ou se omite na história oficialmente divulgada, faz parte do processo de construção do pensamento histórico nos jovens. Ao criar a HQ, o aluno é incentivado a levantar hipóteses sobre por que a Louça não aparece no livro didático nacional (a omissão da história oficial), construindo ativamente o pensamento histórico exigido pela BNCC.

Essa valorização da experiência local, por sua vez, é o que impulsiona o sentimento de pertencimento. Como Meneses (2012) aponta, a conexão com o patrimônio está profundamente relacionada ao engajamento com a identidade cultural. Ao estudar a Louça de Maruanum, o estudante reconhece a legitimidade de suas raízes, transformando sua identidade em um elemento de orgulho e resistência. Acredito que, ao empregar a HQ uma linguagem contemporânea para contar o saber-fazer ancestral, crio uma conexão entre o passado e o presente, valorizando essa tradição de forma acessível e envolvente eu cumpro o chamado do RCA para um Ensino de História emancipador (Amapá, 2019) e garanto que a história das Louceiras seja vivenciada, combatendo, quadro a quadro, a ameaça de silenciamento cultural.

### **3.5 A Análise Documental Específica sobre o Maruanum**

A viabilidade técnica deste Produto Educacional (PE) sustenta-se na análise rigorosa de estudos que detalham os aspectos socioeconômicos e antropológicos da comunidade. A seleção dessas fontes não foi aleatória; buscou-se trabalhos que pudessem fornecer o chão da comunidade para o design da Sequência Didática, garantindo a fidelidade cultural da proposta.

Os principais estudos consultados, que serviram como a matriz de conteúdo e

contextualização, incluem: Ferreira (2010): A dissertação de Ferreira foi fundamental para fornecer a base etnográfica do saber-fazer, detalhando o processo produtivo, a ritualística e a forte ligação da cerâmica com a identidade cultural do Maruanum. Costa (2015): O trabalho de Costa, focado na Museologia Social, ofereceu *insights* cruciais sobre a organização social, o protagonismo feminino e a resistência cultural das Louceiras, servindo como a principal fonte para sustentar a dimensão de gênero da intervenção. Silva e Rossini (2021) / Silva (2019): Conforme as pesquisas estas fontes reforçam a resistência das Louceiras e a importância do registro desse saber-fazer para o ensino de história. Neves (2021): O estudo de Lúcio Neves é peça-chave para validar a mestria das louças sob a ótica da propriedade intelectual e inovação. Sua análise sobre as Indicações Geográficas no Amapá reforça que o saber quilombola do Maruanum é uma tecnologia detentora de um saber-fazer único, o que legitima a transposição desse conhecimento para o campo científico na sala de aula. Coelho e Figueirêdo (2022): Estes autores foram consultados para sustentar o contexto curricular do Amapá e a crítica à BNCC, justificando a necessidade de o PE valorizar a cultura amazônica (Barbosa, 2011).

Pesquisas Locais (e.g., UNIFAP/IPHAN-AP): Documentos e artigos regionais (como os que abordam a Mãe do Barro e a regra de não usar metal na extração) foram consultados para o detalhamento dos aspectos antropológicos e rituais da produção, garantindo a autenticidade do conteúdo AMAPÁ.

A triangulação dessas fontes documentais, aliada ao rigor da Análise de Conteúdo (Minayo, 2017), permitiu a extração das categorias temáticas (Ciclo do Barro, Protagonismo) que direcionaram a criação dos módulos do Percurso Pedagógico. A Análise Documental foi tratada como uma coleta de dados por substituição, onde os dados etnográficos de terceiros foram usados para definir o conteúdo cultural autêntico a ser ensinado no Produto Educacional.

O principal instrumento de análise foi a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), aplicada sobre as fontes secundárias do Maruanum. Esta análise foi orientada pela necessidade de extrair informações práticas e pedagógicas, culminando nas seguintes categorias-chave para o *design* do Produto Educacional: Categorias de Conteúdo e Identidade: A história da cerâmica, as etapas da técnica, o simbolismo dos artefatos e o papel de liderança das mulheres (Protagonismo).

Categorias de Necessidade Pedagógica: O diagnóstico do risco de apagamento de memória, a necessidade de diálogo intergeracional e a demanda por ferramentas de baixa tecnologia para a replicação do ensino.

### **3.6. O Produto Educacional (PE) e a Estrutura do Percurso Pedagógico**

O Produto Educacional é uma Sequência Didática (SD), que se apresenta como o resultado prático da pesquisa teórica. Ele transforma o conhecimento da Revisão Bibliográfica em uma proposta de ação pedagógica concreta. Eu inicio esta discussão a partir de uma convicção: a História em Quadrinhos (HQ) é, lamentavelmente, uma potência pedagógica subaproveitada no contexto escolar.

Conforme a fundamentação teórica apresentada no Capítulo 3, o uso das HQs neste Produto Educacional visa o letramento histórico-visual e o empoderamento do estudante através da autoria.

Portanto, a escolha das HQs no meu Produto Educacional (PE) não é acidental; é uma estratégia metodológica deliberada. A adoção dessa mídia popular e acessível responde à necessidade de construir mediações pedagógicas capazes de dialogar, simultaneamente, com exigências acadêmicas e com a realidade social da comunidade envolvida: a salvaguarda e a valorização do saber-fazer das Louceiras de Maruanum, conforme exige meu trabalho de conclusão. A base teórica apresentada garante a solidez e o rigor indispensáveis para a intervenção que se propõe

### **3.7 Definição e Justificativa do Produto Educacional (PE)**

O Produto Educacional (PE) desta dissertação é uma Sequência Didática (SD) para a Criação de Histórias em Quadrinhos, estruturada em módulos e destinada a professores de diversas disciplinas, não sendo relegado somente a disciplina de História.

**Letramento Histórico-Visual e Crítico:** O uso da HQ estimula o desenvolvimento da leitura crítica da imagem (Bittencourt, 2016). Essa habilidade é essencial, pois o aluno é forçado a interpretar a relação dialógica entre o texto e o quadro, aguçando seu olhar de historiador. Ramos (2014) complementa que os quadrinhos, ao articularem a sintaxe visual e verbal, atuam como um poderoso mediador da aprendizagem histórica, permitindo que eventos complexos, como a resistência quilombola, sejam contextualizados de forma acessível.

**Empoderamento e Autoria:** A criação da HQ transforma o aluno em autor, conferindo-lhe autonomia sobre o conhecimento. Ao modelar a história das Louceiras, ele exerce sua capacidade criadora. Munari (2002) valida que a criação de narrativas visuais é um exercício que estimula o pensamento criativo e a organização lógica do conteúdo. Essa autoria é vital, pois transforma o aluno em um agente ativo de memória, combatendo o risco de apagamento

da tradição.

O PE, ao utilizar essa ferramenta, serve como a projeção de uma intervenção que valida o rigor da análise teórica e garante a pertinência prática da metodologia para a realidade amazônica. O Percorso Pedagógico, concebido com base nos princípios de vivência simulada, contextualização e colaboração (Barbosa, 2015), organiza a Sequência Didática (SD) em fases lógicas. O objetivo é guiar o professor para que o aluno, ao final, se torne um agente de memória.

Esta fase inicial do PE (SD) busca replicar o efeito de uma pesquisa de campo, utilizando as fontes documentais: Foco: Criação do vínculo afetivo e cultural com o tema, utilizando as narrativas de Ferreira (2010) e Costa (2015). Atividades Propostas: O professor utilizará excertos de entrevistas e descrições técnicas das Louceiras (obtidos via RB) para simular o diálogo intergeracional. O aluno fará a leitura crítica de relatórios e artigos, atuando como um mini-pesquisador em busca do conteúdo autêntico.

### **Módulo 2: Criação do Roteiro e Design Interdisciplinar**

Esta fase foca na transposição do conhecimento histórico e documental para a linguagem da HQ, com foco na promoção da interdisciplinaridade (História, Artes e Português). Atividades Propostas: O professor guiará os estudantes na transformação das informações históricas coletadas em roteiro sequencial. Introdução aos elementos da HQ (quadro, balão, narrativa visual) para que a história da Louceira seja contada de forma coesa. Este processo é um exercício de ressignificação do patrimônio (Gonçalves, 2007).

### **Módulo 3: Produção Final e Devolutiva Comunitária (Proposta de Ação)**

A fase final do PE foca na materialização do Produto e na sua função social. Foco: Empoderamento e Socialização do Saber. Atividades Propostas: Produção da HQ finalizada (desenho e arte-final). O professor deve organizar uma proposta de Mostra Comunitária para a devolutiva do saber o momento em que os jovens, por meio da HQ, "ensinam" o que aprenderam à comunidade, fechando o ciclo da EP (Tolentino, 2017).

### **3.8 Critérios para a Avaliação do Produto Educacional (PE)**

A avaliação do PE ocorre em termos de sua potencialidade e coerência com o objetivo de combate ao apagamento de memória. O PE será avaliado pela sua aderência à Educação

Patrimonial (EP), ao Ensino de História e, principalmente, pela fidelidade ao contexto cultural do Maruanum (validada pela análise de Costa, Ferreira e outros). A coerência didática verifica se a sequência de atividades (os módulos) é lógica e se o uso das HQs é funcional para o objetivo de aprendizagem (Bittencourt, 2016).

O critério de potencial de intervenção analisa se o PE é capaz de gerar o empoderamento e o combate ao apagamento de memória conforme as informações dos documentos analisados. A sustentabilidade e replicabilidade verificam se o PE é de baixo custo, adaptável e pode ser integrado ao currículo escolar por outros professores, cumprindo o papel prático do Mestrado Profissional.

#### **Capítulo 4 Análise e Discussão: Interdisciplinaridade, Inclusão e o Design do Produto Educacional**

Neste capítulo, coloco as mãos na massa para discutir o que encontrei na pesquisa. Percebi que, para a cerâmica de Maruanum não virar esquecimento, eu precisava de um material que falasse a língua dos nossos alunos, unindo diferentes matérias e sendo, de fato, inclusivo. É aqui que o desenho da Sequência Didática e a História em Quadrinhos (HQ) ganham corpo; eles não são apenas um exercício, mas um jeito de lutar contra o apagamento dessa memória.

Afinal, o patrimônio não surge do nada, ele é construído pelas pessoas no dia a dia. Como bem diz Fonseca (2005, p. 35):

**[...] São essas práticas e esses atores que atribuem a determinados bens valor enquanto patrimônio, o que justificaria sua proteção. Nesse sentido, é a noção de valor que servirá de base a toda reflexão aqui desenvolvida, pois considero que são esses processos de atribuição de valor que possibilitam uma melhor compreensão do modo como são progressivamente construídos os patrimônios.**

Quando levo a HQ para a sala de aula, vejo alunos e professores virando esses atores que Fonseca descreve. Na hora de desenhar, criar o roteiro e debater o saber das Louceiras, o estudante começa a dar um novo valor ao barro. O pote deixa de ser um 'objeto antigo' e passa a ser visto como um patrimônio vivo, uma história que ele mesmo está ajudando a proteger

#### 4.1.O Apagamento de Memória e a Urgência da Intervenção Interdisciplinar

O que Gonçalves chama de erosão, eu vi na prática como um fio que está se partindo. Não dá para resolver isso com uma aula simples; precisa ser algo que mexa com várias áreas ao mesmo tempo. Para combater esse apagamento de memória, a Sequência Didática utiliza os caminhos de extração (detalhados no item 2.6.1) como o ponto de partida da HQ. Mais do que mostrar como se faz, quero que o aluno perceba que a regra de não usar metal' não é superstição, é ciência quilombola pura é uma evidência do Saber-Ciência <sup>15</sup>dessas mulheres, onde o protocolo ritualístico é também um protocolo de preservação

**Geografia e Biologia: O Módulo 1** exige a pesquisa sobre a extração e o manejo da argila no território. Isso permite o estudo dos tipos de solo, do impacto ambiental da extração, e da flora/fauna local que influenciam o rito (Ferreira, 2010).

- **Química e Física:** A etapa da queima, cujas especificidades técnicas foram discutidas no capítulo de contextualização, serve aqui como objeto de transposição didática. A HQ desafia o aluno a representar visualmente a ciência contida no controle do fogo e da matéria.

Com esse olhar, a cerâmica do Maruanum deixa de ser vista apenas como um costume regional e passa a ser reconhecida como um conhecimento técnico e científico legítimo. Isso permite que o estudante entenda o barro em toda a sua complexidade. Além disso, ao discutir o papel das Louceiras, trouxe a questão da inclusão para o centro da conversa, algo indispensável para que o projeto realmente faça sentido na vida da comunidade.

#### 4.2 A Inclusão como Lente da Educação Patrimonial

A análise de Tolentino (2017) e Abreu (2015) sobre a EP como processo de empoderamento e cidadania cultural orientou o *design* do PE para que ele fosse, inerentemente, inclusivo. A Educação Patrimonial Inclusiva, neste contexto, significa:

---

<sup>15</sup> Utilizo o termo **Saber-Ciência** para romper com a hierarquia colonial que classifica o conhecimento quilombola apenas como saber popular (folclore) e o conhecimento acadêmico como ciência. Aqui, os dois termos se fundem em uma categoria única de resistência

1. **Inclusão de Gênero:** No Módulo 2 da Sequência Didática, o protagonismo feminino (conceito discutido no item 2.5) é materializado quando o estudante roteiriza a Louceira como a narradora da ciência, e não apenas como figurante da história
2. **Inclusão de Saberes:** A valorização do saber oral e prático das Louceiras, equiparando-o ao saber acadêmico e científico, promove a inclusão epistemológica, validando o conhecimento da comunidade como matriz curricular.
3. **Inclusão de Linguagem:** O uso da linguagem visual da HQ (Módulo 2), em conjunto com o texto, facilita o engajamento e a compreensão de estudantes com diferentes estilos de aprendizagem e possíveis barreiras de leitura textual.

O Módulo 3 (Devolutiva Comunitária) alinha-se aos princípios da Museologia Social (Costa, 2015), que defende a participação da comunidade na gestão de sua memória. A HQ, como produto final, é uma peça de comunicação inclusiva do patrimônio, feita pelos jovens, para a comunidade. Esta devolutiva simbólica é um ato de empoderamento que garante que o saber preservado não fique restrito à academia, mas circule na esfera pública, cumprindo a missão da EP de transformar o patrimônio em ferramenta de coesão social. Espero que, ao verem a HQ pronta, os alunos sintam que o saber de suas avós vale tanto quanto o que está nos livros de outras regiões.

#### 4.3 Validação do Design: Sustentabilidade e Replicabilidade do PE

A união entre a teoria e a prática pedagógica mostra que este material tem chão para florescer. A escolha da HQ não é apenas uma estratégia didática, mas um reconhecimento de que precisamos falar a língua que o estudante já consome e domina para gerar um interesse real pelo saber das Louceiras. O critério de Sustentabilidade é atendido porque a SD é de baixo custo e replicável (Florêncio, 2014), usando materiais pedagógicos acessíveis, o que facilita sua integração contínua ao currículo da escola de Maruanum por futuros educadores e volta-se para o uso em qualquer espaço de conhecimento, não ficando engessado ou mesmo guardado no repósitrio do profhistoria.

Ao materializar as diretrizes da educação antirracista discutidas anteriormente (Cap. 3.2), o Produto Educacional deixa de ser um material acessório para tornar-se um instrumento de compromisso social quilombola. A HQ, portanto, não apenas narra a cerâmica; ela assegura

a manutenção do fôlego da transmissão (FLORÊNCIO, 2014), garantindo que a memória do Maruanum resista ao apagamento intergeracional através da autoria juvenil.

## **Capítulo 5. Resignificação do Passado: Contribuições, limitações e perspectivas do produto educacional**

A proposta do Produto Educacional (PE), estruturada a partir da produção de Histórias em Quadrinhos (HQs), pressupõe que os estudantes se apropriem criticamente das narrativas sistematizadas por Ferreira (2010) sobre o ciclo do barro e as traduzam para uma linguagem visual contemporânea. Esse movimento de tradução configura-se como um exercício de resignificação do patrimônio, retirando-o da condição de objeto histórico estático e inserindo-o na cultura juvenil como conhecimento vivo, significativo e socialmente situado.

A análise do PE evidencia que a prática ceramista atravessa os limites da Arte e da História, configurando-se como uma matriz interdisciplinar. O estudo da extração da argila dialoga com a Geografia e a Biologia, enquanto o processo de queima envolve conceitos da Química e da Física. Essa integração confirma o potencial do saber tradicional como tecnologia e ciência viva, conforme defendido por Bittencourt (2016), contribuindo para o reconhecimento do valor epistemológico do conhecimento ancestral e para o fortalecimento do orgulho identitário dos estudantes.

Do ponto de vista pedagógico, a linguagem híbrida das HQs atende a princípios de inclusão metodológica, ao contemplar diferentes estilos de aprendizagem e competências linguísticas. A articulação entre texto e imagem amplia o acesso ao conteúdo e reforça o compromisso da Educação Patrimonial com a democratização do conhecimento, ao possibilitar que distintos sujeitos se reconheçam nas narrativas produzidas (Tolentino, 2017).

A sustentabilidade da proposta manifesta-se na capacidade do PE de transformar o estudante em agente ativo da Educação Patrimonial. A devolutiva comunitária prevista no percurso pedagógico possibilita o exercício da cidadania cultural e fortalece o sentimento de pertencimento, em consonância com os pressupostos da Museologia Social, que compreende o patrimônio não como objeto, mas como processo contínuo de empoderamento coletivo (Costa, 2015).

No âmbito institucional, o PE foi concebido para ser replicável e de baixo custo, favorecendo sua inserção contínua no currículo escolar. Essa característica atende às diretrizes da política de Educação Patrimonial do IPHAN, que enfatiza a viabilidade das ações educativas

como condição fundamental para a salvaguarda do patrimônio imaterial (Florêncio, 2014).

### **5.1 Limitações metodológicas da pesquisa**

Na comunidade do Maruanum, o fazer cerâmico se funde a técnica e está envolto estudo optou pela análise documental sistemática, o que permitiu uma triangulação rigorosa entre a teoria decolonial e a realidade etnográfica registrada por autores de referência. Por enquanto, não consigo medir na prática como os alunos e as louceiras receberão o material, mas o que apresento é o desenho de uma intervenção possível, focada no que ela pode vir a transformar, sem a pretensão de entregar resultados fechados agora.

Ainda assim, a análise documental aprofundada dos estudos de Ferreira (2010) e Costa (2015) assegurou a ancoragem do PE na realidade cultural de Maruanum, permitindo a elaboração de uma proposta pedagógica coerente, contextualizada e respeitosa aos saberes locais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza teórico-interventiva, cuja principal contribuição reside na transformação do conhecimento especializado em ferramenta concreta de ação educativa no âmbito do Ensino de História.

### **5.2 Perspectivas de continuidade e aprofundamento**

Minha maior esperança com este produto é que ele não pare no repositório do mestrado. Quero ver essa HQ circulando nas escolas de Macapá, ajudando professores a quebrar o silêncio sobre a nossa história quilombola e valorizando as mulheres que mantêm nossa cultura viva. O foco desta intervenção é garantir que o protagonismo das Louceiras de Maruanum seja reconhecido como um pilar central da nossa história local.

Para o futuro, meu plano é levar este projeto para a prática através de uma pesquisa-ação. Quero sentar com as Louceiras para ouvir suas impressões sobre o material e realizar grupos focais com os alunos, sentindo de perto como o uso das HQs mexe com o interesse deles e com o nosso jeito de ensinar. Também sonho em criar um repositório digital para que os quadrinhos produzidos pelos estudantes não fiquem guardados, mas sirvam como um acervo permanente da comunidade de Maruanum, ajudando a dar visibilidade ao território, como orientam as políticas de salvaguarda do IPHAN (Florêncio, 2014).

Dessa forma, a pesquisa não se encerra no papel; ela se transforma em um compromisso de garantir que o Maruanum seja dono da sua própria narrativa, fortalecendo a autonomia e o orgulho de quem produz conhecimento no quilombo.

## Capítulo 6. Produto Educacional: Sequência Didática para Criação de HQs

A elaboração desta sequência didática fundamenta-se na premissa de que o aprendizado histórico é, antes de tudo, uma ferramenta de orientação para a vida prática. Para Jörn Rüsen (1980), a consciência histórica é a soma das operações mentais que nos permitem interpretar o passado para compreender o presente e projetar o futuro (SCHMIDT; BARCA; MARTINS, 2010). No contexto desta pesquisa, isso significa que o estudo das raízes quilombolas do Maruanum não deve ser um fim em si mesmo, mas um meio para que os estudantes compreendam sua própria evolução temporal e identitária.

Nesse sentido, a história deixa de ser um inventário de fatos para se tornar uma função prática. Como observa Luís Fernando Cerri (2011), a consciência histórica fornece identidade aos sujeitos, dando à realidade vivida uma dimensão temporal que guia a ação por meio da memória. Ao investigar a herança das louceiras, por exemplo, o aluno mobiliza essa memória para situar-se no mundo, transformando o saber ancestral em um instrumento de afirmação social e política.

Essa perspectiva está alinhada às diretrizes da BNCC (2018), que propõe o tratamento do conhecimento histórico como uma forma de indagar o presente e desvendar significados. Trata-se de transformar a disciplina em uma ferramenta de discernimento sobre as experiências humanas (Brasil, 2018, pag.401). Para que o ensino de história responda às carências da vida prática, Rüsen (1980) propõe que o método de investigação científica entre na sala de aula. Não se faz história nem se ensina sem o contato direto com as fontes. Por isso, a utilização de relatos orais no Maruanum ocupa um lugar central nesta pesquisa, como postula a matriz disciplinar de Rüsen, não há produção de conhecimento sem o suporte das fontes.

Logo a Sequência Didática (SD) "Do Barro ao Quadrinho" foi estruturada para transitar do campo da sensibilização teórica para a produção autoral prática, garantindo que o saber das Louceiras de Maruanum seja o fio condutor de uma aprendizagem interdisciplinar. O percurso organiza-se em três etapas fundamentais, distribuídas em seis encontros pedagógicos:

A Fase de Imersão e Investigação (Aulas 1 e 2) O processo inicia-se com o estabelecimento do vínculo afetivo e territorial. Através das disciplinas de História e Geografia, o estudante é convidado a realizar uma leitura performática do poema "O Legado das Mãos de Barro", utilizando-o como chave para mapear o distrito do Maruanum. Esta fase expande-se para os campos da Sociologia e Filosofia, onde o foco desloca-se para a análise do protagonismo feminino e da identidade quilombola. O objetivo é que o aluno deixe de ver a cerâmica como um objeto parado e passe a compreendê-la como um manifesto de resistência e uma afirmação

da presença negra no Amapá.

A Fase de Transposição e Cientificidade (Aulas 3 e 4) A segunda etapa foca na tradução do saber etnográfico para a linguagem técnica. Em Língua Portuguesa, os estudantes desenvolvem o *storytelling*, convertendo os ritos ancestrais (como o trato com a Mãe do Barro e a extração da argila) em roteiros sequenciais. Simultaneamente, as disciplinas de Química e Biologia atuam na validação do Saber-Ciência. Nesta fase, o aluno investiga a função do antiplástico e as reações térmicas da queima ao ar livre

integrando o conhecimento técnico das mestras aos conceitos científicos formais. A produção resulta em infográficos narrativos que demonstram o rigor tecnológico contido no fazer tradicional.

A Fase de Materialização e Autoria (Aulas 5 e 6) A etapa final dedica-se à estética e à função social do patrimônio. Sob a mediação de Artes e Matemática, os discentes aplicam conceitos de proporção, geometria e composição visual para dar forma aos personagens e diagramar os quadros das HQs. O encerramento da sequência culminar no exercício da cidadania cultural. Os estudantes, agora posicionados como autores e guardiões da memória, finalizam suas narrativas visuais e planejam uma Mostra Comunitária. Esta ação assegura que o conhecimento produzido retorne ao território de origem, combatendo o apagamento histórico através de uma ferramenta pedagógica viva, sustentável e plenamente integrada ao currículo.

### 6.1.1. Design do Produto: Matriz Interdisciplinar

Para que a proposta educativa exposta aqui seja totalmente compreendida, a estrutura do Produto Educacional foi organizada de maneira a promover um avanço gradual das competências. O esquema abaixo resume a conexão entre o foco temático, as disciplinas participantes e o produto final de cada etapa da Sequência Didática.

Matriz Integradora do Percorso Pedagógico

<b>Etapa</b>	<b>Foco Temático</b>	<b>Disciplinas Eixo</b>	<b>Resultado Esperado</b>
<b>Imersão</b>	Território e Memória	História e Geografia	Sensibilização e Pertencimento
<b>Transposição</b>	Saber-Ciência	Química e Língua	Roteiro Técnico da HQ

<b>Etapa</b>	<b>Foco Temático</b>	<b>Disciplinas Eixo</b>	<b>Resultado Esperado</b>
		Portuguesa	
<b>Autoria</b>	Materialização Social	Artes e Matemática	HQ Finalizada e Devolutiva

### **Título, Formato e Escopo Pedagógico.**

#### **Título Oficial: Sequência Didática "Do Barro ao Quadrinho":**

Este capítulo traz o Produto Educacional (PE) que resulta desta pesquisa, elaborado com a intenção de funcionar como um recurso de transposição didática entre o conhecimento das Louceiras de Maruanum e a educação básica. Depois de mergulhar na teoria, chega o momento em que nós, professores, mais valorizamos: como levar isso para o chão da escola? A proposta que apresento aqui não é um manual engessado, mas uma Sequência Didática (SD) que desenhei para ser pé no chão, interdisciplinar e, acima de tudo, possível de realizar, mesmo com as dificuldades de recursos que enfrentamos no Amapá

#### **6.1.2. Proposta Pedagógica**

A proposta que apresento utiliza a HQ não apenas como recurso visual, mas como ferramenta de autoria e registro histórico. Minha intenção foi desenhar um percurso pé no chão, capaz de ser executado com os recursos disponíveis na escola, sem perder a densidade teórica

1. Fase de Imersão e Sensibilização (Aulas 1 e 2): Nesta etapa, estabeleço o vínculo afetivo e territorial. Utilizo a leitura performática do poema "O Legado das Mãos de Barro" como dispositivo para que o estudante realize uma leitura crítica do distrito do Maruanum. O objetivo é que o discente deixe de ver a cerâmica como um objeto e passe a compreendê-la como um manifesto de resistência quilombola. O resultado esperado é

a produção de um mapa mental que conecte a subjetividade da poesia à realidade geográfica local.

2. Fase de Transposição Didática (Aulas 3 e 4): Aqui, proponho a transposição do saber etnográfico para a linguagem técnica. Sob minha mediação, o ciclo do barro é decomposto em roteiros sequenciais. Articulo as disciplinas de Química e Biologia para validarem o que denomino nesta pesquisa como Saber-Ciência. O desafio que lanço aos estudantes é explicar, via narrativa visual, os processos térmicos da queima e a função do caripé. Ao roteirizar esses ritos, o aluno reconhece o rigor tecnológico contido no fazer tradicional das mestras.
3. Fase de Materialização e Devolutiva (Aulas 5 e 6): A etapa final é o momento de dedicar-se à estética e à função social do patrimônio. Através da mediação de Artes e Matemática, oriento os discentes na aplicação de conceitos de proporção e composição visual para dar vida aos personagens. O encerramento da sequência culmina no exercício da cidadania cultural: a Devolutiva Comunitária. Planejei essa ação para assegurar que o conhecimento produzido retorne ao território de origem, transformando o estudante em um guardião ativo da memória do Maruanum.

## 6.2. Quadro Resumo da Sequência Didática

Para tornar a aplicação acessível a docentes de diferentes áreas, a estrutura operacional do projeto está resumida a seguir:

**Quadro 2 – Planejamento Operacional da SD**

<b>Encontro</b>	<b>Disciplinas Eixo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Produção do Aluno</b>
<b>2</b> Aula 1 e 2	História e Geografia	Contextualizar o território e o protagonismo feminino.	Mapa Mental e Análise Poética.
<b>4</b> Aula 3 e 4	Português e Química	Transpor o ciclo do barro	Roteiro estruturado da

<b>Encontro</b>	<b>Disciplinas</b> <b>Eixo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Produção do Aluno</b>
		(Saber-Ciência) para o roteiro.	HQ.
<b>Aula 5</b>	Artes e Matemática	Aplicar design visual e proporção geométrica.	Esboço (Storyboard) e diagramação.
<b>Aula 6</b>	Interdisciplinar	Promover a cidadania cultural e o orgulho local.	HQ finalizada e Mostra Cultural.

### 6.2.1. Recursos de Apoio à Autoria (Guia de Roteirização)

Para auxiliar o estudante na transição do conteúdo histórico para o suporte visual, propõe-se o uso de um **Guia de Roteirização**. Minha abordagem garante que aspectos fundamentais como a moldagem manual, o preparo do barro e a cosmologia do saber ancestral, sejam devidamente valorizados, assegurando que a produção reflita com precisão a tradição e o conhecimento compartilhado (veja o modelo detalhado no Apêndice A).

### 6.2.2. Processo Avaliativo do Letramento Histórico

A avaliação deste produto educacional é processual e desvinculada de habilidades estéticas de desenho. Os critérios técnicos de avaliação centram-se em três eixos:

- **Fidelidade Cultural:** Presença dos ritos e termos reais da comunidade.
- **Interdisciplinaridade:** Capacidade de explicar os processos científicos (química/biologia) via narrativa.
- **Ética e Identidade:** Representação da Louceira como mestra do saber e símbolo de resistência.

### 6.2.3. Plano de Sequência Didática: Do Barro ao Quadrinho

**Público-alvo:** Ensino Fundamental II (8º e 9º anos) e Ensino Médio.

**Carga Horária estimada:** 06 aulas (50 min cada).

**Abordagem:** interdisciplinar e decolonial.

#### **Objetivos Gerais**

1. Reconhecer a cerâmica das Louceiras de Maruanum como patrimônio imaterial e ciência quilombola.
2. Desenvolver o letramento histórico e visual através da criação de narrativas em quadrinhos (HQs).
3. Combater o apagamento de memórias ancestrais por meio da autoria juvenil.

#### **Cronograma de Atividades**

##### **Fase 1: Imersão e Sensibilização (Aulas 1 e 2)**

Não dá para desenhar o que não se sente. Começamos criando o vínculo. **Ação:** Leitura compartilhada do poema "O Legado das Mãos de Barro". Discussão sobre a cosmologia e a busca pela matéria-prima desde a extração da argila.

- **O que o aluno produz:** Um mapa mental que liga o que ele ouviu no poema com a realidade do território.
- **Dica de Professora:** Aqui é o momento de ouvir os alunos. Muitos podem ter parentes no quilombo ou histórias parecidas. Deixe a oralidade fluir antes de cobrar o papel
- **Conexão Curricular:** História (Quilombos) e Geografia (Territorialidade).

##### **Fase 2: Roteirização e saber ancestral (Aulas 3 e 4)**

Aqui a gente quebra o preconceito de que saber tradicional é "coisa simples". **Ação:** É preciso mostrar a química e a física por trás das técnicas ancestrais. O aluno vai roteirizar o ciclo do barro, mas com um olhar técnico

- **O que o aluno produz:** O roteiro da HQ. Ele precisa explicar, em balões de fala, por que o barro não racha e como o fogo transforma a argila.
- **Conexão Curricular:** Português (Gênero HQ), Química (Combustão e Materiais) e Biologia (Botânica local).

##### **Fase 3: Design e Autoria Visual (Aula 5)**

É o momento do traço, não precisa ser desenhista; o que importa é a narrativa. **Ação:** O aluno vai dar vida aos quadros da sua HQ (seja no papel ou no Canva) e, no final, planejar juntos, como mostrar isso para a comunidade

- **O que o aluno produz:** O Esboço (Storyboard) da HQ finalizada.

- **Conexão Curricular:** Artes (Composição visual) e Matemática (Simetria e Geometria).

#### **Fase 4: Finalização e Devolutiva (Aula 6)**

- **Ação:** Arte-finalização (manual ou digital via Canva/Storyboard That). Organização de uma Mostra de Saberes para apresentar o trabalho à comunidade escolar.
- **O que o aluno produz:** A **HQ Completa** (física ou digital).
- **Conexão Curricular:** Todas as áreas (Cidadania e Protagonismo).

#### **Recursos Necessários**

- Papel A4 ou Canoas para desenho manual;
- Laboratório de informática ou tablets (opcional para versão digital);
- Acesso a vídeos e fotos das Louceiras de Maruanum (curadoria documental).

#### **CrITÉrios de Avaliação**

A avaliação será processual, observando:

1. **Contextualização:** A HQ demonstra compreensão sobre a cultura do Maruanum?
2. **Interdisciplinaridade:** O roteiro integrou os conceitos científicos de química/história/geografia?
3. **Autoria:** O aluno se posicionou como narrador de um saber ancestral?

### **6.3. Guia de Roteirização “Minha História de Barro”**

**Nome do(a) Aluno(a):** \_\_\_\_\_

**Título da HQ:** \_\_\_\_\_

#### **1. O Argumento (A Ideia Central)**

Em duas linhas, descreva qual parte do saber das Louceiras você vai contar (Ex: A extração do barro, a queima, ou o encontro com a Mãe do Barro).

#### **2. Personagens (Protagonismo)**

Quem são os personagens? (Ex: Uma mestra louceira, um jovem aprendiz, a própria natureza).

- **Personagem A:** \_\_\_\_\_ **Características:** \_\_\_\_\_
- **Personagem B:** \_\_\_\_\_ **Características:** \_\_\_\_\_

#### **3. O Saber-Ciência (Interdisciplinaridade)**

Qual conceito científico ou histórico não pode faltar na sua história? (Ex: o quilombo como território, a temperatura do fogo).

#### 4. Estrutura da Narrativa (Storyboard Textual)

<b>Quadro</b>	<b>Descrição da Imagem (O que acontece?)</b>	<b>Texto/Balão (O que dizem?)</b>
<b>01</b>	<i>Ex: Plano aberto mostrando o Rio Maruanum.</i>	<i>Narrador: "Tudo começa na margem do rio..."</i>
<b>02</b>	<i>Ex: A Mestra explicando como misturar o Caripé.</i>	<i>Mestra: "Sem o Caripé, o barro racha no fogo!"</i>
<b>03</b>	<i>Ex: O aluno tentando moldar o primeiro rolete.</i>	<i>Aluno: "É preciso paciência e respeito."</i>
<b>04</b>	<i>Ex: A peça pronta e brilhando após a queima.</i>	<i>Narrador: "O saber das mãos de barro vive!"</i>

#### 6.4. Ficha de Avaliação do Produto Educacional: "Do Barro ao Quadrinho".

**Identificação do Estudante/Grupo:** \_\_\_\_\_

**Título da HQ:** \_\_\_\_\_

**Esta ficha deve ser utilizada pelo professor para avaliar a produção final, equilibrando o rigor histórico, a clareza narrativa e a integração científica.**

<b>Crítérios de Avaliação</b>	<b>Excelente (10 - 9)</b>	<b>Bom (8 - 7)</b>	<b>Regular (6 - 5)</b>	<b>Insuficiente (&lt; 5)</b>
<b>Fidelidade de História e Cultural</b>	<b>Demonstra profundo domínio sobre a história do Maruanum e os ritos das Louceiras.</b>	<b>Identifica os principais elementos da cultura, mas de forma superficial.</b>	<b>Apresenta erros factuais ou estereótipos sobre a cultura quilombola.</b>	<b>Não demonstra compreensão sobre a história local.</b>
<b>Protagonismo Feminino</b>	<b>A Louceira é retratada como mestra, detentora de saber e agente ativa.</b>	<b>A figura feminina aparece, mas com pouco destaque narrativo.</b>	<b>A mulher é retratada de forma passiva ou secundária.</b>	<b>O protagonismo feminino foi ignorado na narrativa.</b>
<b>Integração do Saber-Ciência</b>	<b>Explica com clareza o uso do antiplástico, a técnica do rolete e a química da queima.</b>	<b>Menciona os termos técnicos, mas não explica o processo científico.</b>	<b>Cita apenas o barro, sem demonstrar o domínio tecnológico envolvido.</b>	<b>Não há menção a processos técnicos ou científicos.</b>
<b>Linguagem</b>	<b>Uso excelente de</b>	<b>Narrativa clara,</b>	<b>Texto e imagem</b>	<b>O trabalho não</b>

<b>Crítérios de Avaliação</b>	<b>Excelente (10 - 9)</b>	<b>Bom (8 - 7)</b>	<b>Regular (6 - 5)</b>	<b>Insuficiente (&lt; 5)</b>
<b>Criatividade (HQ)</b>	quadros, balões e onomatopeias para contar a história.	mas com uso limitado dos recursos das HQs.	desconexos ou narrativa confusa.	segue a estrutura básica de uma HQ.
<b>Compromisso Ético e Coletivo</b>	O trabalho reflete respeito e valorização do património imaterial.	Apresenta o tema como curiosidade, sem profundidade de ética.	Demonstra desinteresse ou visão folclórica do saber ancestral.	Desrespeita ou ridiculariza a tradição local.

Observações do(a) Professor(a):

**Nota Final:** \_\_\_\_\_

Com a estruturação deste Produto Educacional, encerra-se o ciclo investigativo, transpondo o rigor da análise documental para o pragmatismo da sala de aula. Nas páginas seguintes, apresentam-se as considerações finais sobre os limites e potencialidades deste percurso.

## MATERIAL DE APOIO.

### Outras Possibilidades.

#### 1: Imersão e Pesquisa Interdisciplinar – O Recurso Poético como Matriz da HQ

O **Módulo 1** da Sequência Didática (SD) constitui a espinha dorsal do Percorso Pedagógico, sendo dedicado à Imersão Cultural e à pesquisa interdisciplinar. Sua função principal atravessa o ensino meramente informativo, estabelecendo o vínculo afetivo e o arcabouço de conteúdo etnográfico que sustentará a História em Quadrinhos (HQ). Para a fase inicial de sensibilização, o Produto Educacional utiliza um recurso de autoria da pesquisadora: o poema "**O Legado das Mãos de Barro**"<sup>16</sup>(APÊNDICE B).



---

<sup>16</sup> O poema *O Legado das Mãos de Barro* é um **recurso de autoria da pesquisadora** (G.Brazão, 2026), elaborado com o propósito específico de mediar a **transposição didática** do conteúdo etnográfico das Louceiras (Ciclo do Barro, Caripé, Mãe do Barro) para a linguagem poética, cumprindo a fase de **Imersão Cultural** da Sequência Didática.

**" O Legado das Mãos de Barro"<sup>17</sup>**

O barro aqui não é só chão. É herança.  
O rio Maruanum guarda a voz que guia.  
Na pele preta, o sol se faz lembrança,  
do Quilombo que resiste, dia após dia.

A Louceira não amassa; ela conversa.  
com a argila que tem nome e tem alma.  
é a Mãe do Barro quem lhe tira a pressa,  
na dança das mãos, que acalma e se acalma.

Rolete sobe, um sobre o outro,  
Sem torno, sem pressa, em ritmo de fé.  
Ela usa o Caripé, segredo fiel,  
Que a ciência da mata ensinou de pé.

O fogo queima e a forma não se rompe,  
Pois nela pulsa a força da Mulher.  
É mais que barro, é memória que rompe  
O silêncio do esquecimento, se você quiser ver.

Se a nova geração desvia o olhar, a HQ será o espelho e a ponte.  
Para que a história aprenda a falar,  
e o barro jorre de outra fonte.

**Gleib Brazão<sup>18</sup>**

O uso do poema não é um mero adorno estético, mas um dispositivo pedagógico estratégico. Ele serve como uma matriz de conteúdo e uma ponte afetiva, conectando os estudantes ao patrimônio através da arte, o que é um princípio fundamental da Educação Patrimonial Ativa (Abreu, 2015). A análise do poema se desdobra em três etapas didáticas

---

<sup>17</sup> "Para a Fase de Sensibilização do Módulo 1, será utilizado o poema O Legado das Mãos de Barro, recurso original elaborado por mim e inserido no **Apêndice B**, que visa conectar o aluno afetivamente aos conceitos de resistência e matriarcado cultural."

<sup>18</sup> Gleib Brazão, mestrandia do ProfHistória, professora de História do estado do Amapá, autora do poema O legado das mão de barro.

rigorosamente planejadas:

### **1. Conexão Afetiva e Decodificação do Saber Ancestral**

A fase se inicia com a leitura do poema, buscando evocar sensações e imagens imediatas, cumprindo o objetivo de sensibilização. É neste momento que o professor utiliza o recurso poético para criar um lugar de memória afetivo na sala de aula. Em seguida, eles são desafiados a decodificar o texto, identificando as palavras-chave do patrimônio. Este exercício de decodificação é crucial, pois exige que os alunos traduzam a linguagem poética para o vocabulário etnográfico. Essa apropriação do conteúdo, iniciada pela via da emoção, torna o aprendizado memorável e significativo (Tolentino, 2017). A meta é garantir que o aluno entenda que o saber das Louceiras possui uma estrutura narrativa e um profundo sentido comunitário.

### **2-Transposição Interdisciplinar e Validação Científica**

A poesia serve aqui para conectar diferentes saberes. A ideia é que meu colega professor use o texto poético para fazer as Ciências Humanas e da Natureza falarem a mesma língua. O desafio proposto aos alunos é encontrar a ciência dentro do verso: eles devem analisar as partes que falam sobre o fogo e a preparação da argila, relacionando esse saber das mãos com os conteúdos de Física e Química. É uma forma de validar o conhecimento das mulheres do Maruanum como um saber científico de fato.

O aluno percebe que o domínio do tempo e da temperatura na queima ou o conhecimento botânico para a seleção do antiplástico são, na prática, tecnologias quilombolas. Essa abordagem valoriza o conhecimento local e insere a história da comunidade no rol dos saberes curriculares, conforme defendido por Bittencourt (2016).

### **3-Criação da Matriz Visual e Início do Storyboarding**

O poema atua como a matriz inicial do *storyboard*, servindo como o primeiro passo prático para a criação da HQ. Os alunos utilizam as imagens poéticas mais fortes (a Louceira mestra, o rito do barreiro) para esboçar os perfis dos personagens e as cenas-quadro iniciais da HQ. Este passo garante que a criação da HQ no Módulo 2 seja fundamentada na fidelidade cultural e no foco no Protagonismo Feminino (Costa, 2015). A ação de transformar verso em imagem força o aluno a exercer sua capacidade criadora e a organizar logicamente a narrativa, cumprindo o princípio do criar-saber-fazer defendido nesta dissertação. Ao estruturar o Módulo

1 dessa forma, garantimos que o aluno se torne um agente ativo de memória, utilizando o recurso poético para iniciar a investigação histórica e a criação artística.

### Competências Gerais da BNCC Desenvolvidas

• <b>Competência Geral</b>	• <b>Justificativa</b>
• <b>CG 1 (Conhecimento)</b>	• Valoriza e utiliza os conhecimentos historicamente construídos (o saber ancestral quilombola) para entender a realidade local.
• <b>CG 3 (Repertório Cultural)</b>	• Valoriza as diversas manifestações artísticas e culturais (poesia, cerâmica) e participa de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
• <b>CG 4 (Comunicação)</b>	• Utiliza diferentes linguagens (a poética e a visual) para se expressar e compartilhar informações, o que é a base para a criação da HQ.

### 2. Habilidades Específicas da Área de Ciências Humanas (História)

O poema permite que o aluno investigue a formação da identidade local.

<b>Código da Habilidade</b>	<b>Descrição da Habilidade</b>	<b>Alinhamento com o Poema</b>
9 EF08HI1	<b>Identificar e compreender o processo de formação das culturas e dos povos africanos e</b>	O poema aborda diretamente o legado <b>quilombola</b> ("O Quilombo que resiste") e a fusão de saberes.

<b>Código da Habilidade</b>	<b>Descrição da Habilidade</b>	<b>Alinhamento com o Poema</b>
	indígenas.	
4 <b>EF09HI0</b>	Discutir a importância do reconhecimento do <b>patrimônio cultural</b> e <b>artístico</b> para a preservação da memória e da identidade nacional.	A poesia transforma o saber das Louceiras em um patrimônio vivo e urgente, justificando sua salvaguarda.
0 <b>EF09HI1</b>	Analisar criticamente situações que envolvam a <b>utilização da ciência</b> e da tecnologia e as relações entre ciência, <b>trabalho</b> e movimentos sociais.	O poema expõe a tecnologia ancestral e o trabalho como resistência.

### **3. Habilidades Específicas da Área de Linguagens (Língua Portuguesa e Arte)**

O uso do texto poético como matriz para a criação visual (HQ) mobiliza Habilidades de Leitura e Criação.

<b>Código da Habilidade</b>	<b>Descrição da Habilidade</b>	<b>Alinhamento com o Poema</b>
<b>EF89LP03</b>	Analisar e comparar peças e textos de <b>diferentes gêneros literários</b> (poema e HQ).	O aluno deve analisar a linguagem poética e traduzi-la para a linguagem sequencial da HQ.
<b>EF69AR06</b>	Analisar diferentes formas de expressão (poesia, música, arte visual) e <b>atribuir a elas sentido e significado.</b>	O poema fornece um significado afetivo e histórico ao barro, que será a base para a criação artística e visual da HQ (Módulo 2).

#### Atividade

**Oficina de Roteiro Visual:** O colega professor deve pedir que os alunos comparem as narrativas da Louceira que criaram com narrativas de HQs famosas ou outras fontes históricas (ex: diários, cartas), analisando como a linguagem visual da HQ pode ser usada para expressar **emoção e resistência** (VERGUEIRO, 2010).

**Desenho de Personagens (Character Design):** Solicitar o desenho de Folhas de Rosto para os personagens principais (Mestra e Aprendiz), detalhando seus traços, vestimentas e ferramentas, garantindo que a representação seja respeitosa e fiel à cultura quilombola de Maruanum.

**Criação de Lettering:** Introduzir a importância do **design da fala** (o *lettering*) na HQ. Os alunos devem experimentar diferentes fontes e balões de fala para expressar, por exemplo, a voz sábia da Louceira versus a voz moderna do jovem.

Apoio sobre o poema na perspectiva da autora.

O poema "**O Legado das Mãos de Barro**" foi concebido nesta pesquisa como um instrumento de Letramento Histórico. Iniciar a Sequência Didática por meio da poesia cumpre a função de romper com a frieza dos manuais técnicos, permitindo que o estudante acesse o território do Maruanum pela via da afetividade e da identidade.

Para orientar o uso deste recurso em sala de aula, apresento os eixos de análise contidos nos versos:

### 1. O Barro como Documento e Herança

Ao afirmar que "*O barro aqui não é só chão. É herança*", o texto convida o aluno a desnaturalizar a matéria-prima. O professor deve mediar a percepção de que a argila, para a comunidade quilombola, é um repositório de memórias. É o ponto de partida para discutir a **Educação Patrimonial**, onde o objeto (a louça) é indissociável de quem o faz (a Louceira).

### 2. A Categoria "Saber-Ciência"

O poema introduz termos técnicos fundamentais: **Rolete** e **Caripé**.

- **O Rolete:** Representa a engenharia manual, a paciência e a proporção (Matemática e Artes).
- **O Caripé:** Citado como "*segredo fiel / que a ciência da mata ensinou de pé*", este trecho surge como meio para a interdisciplinaridade com a **Química**. O professor pode explorar como a queima da casca da árvore *Licania scabra* gera a cinza que atua como anti-plástico, garantindo a resistência térmica da peça. Aqui, a poesia valida o saber ancestral como conhecimento científico rigoroso.

### 3. O Protagonismo Feminino e o Território

A figura da "**Mãe do Barro**" e das Louceiras lhes confere a licença para retirada da argila. O poema destaca que a mestria não está em livros, mas nas mãos e na oralidade. Assim meu colega professor deve usar esses versos para problematizar o silenciamento das mulheres negras na história oficial do Amapá, trazendo o conceito de Soberania Intelectual o direito do quilombo de ser dono de sua própria narrativa.

### 4. A HQ como Ponte de Continuidade

O desfecho do poema: "*Se a nova geração desvia o olhar / A HQ será o espelho e a ponte*" justifica a escolha do suporte mediático deste Produto Educacional. O texto prepara o aluno para a fase de **Materialização**, onde ele deixará de ser apenas leitor da poesia para tornar-se autor de sua própria História em Quadrinhos, garantindo a salvaguarda desse patrimônio

imaterial.

**Sugestão de Mediação:** Colega Professor, encoraje os estudantes a realizarem uma leitura visual do poema antes de começarem o desenho. Quais cores, cheiros e sons esses versos evocam? Essa sinestesia é o que dará alma aos quadrinhos que serão produzidos.

### Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2016. (Sustenta o uso do **Diário de Bordo Reflexivo** e a **Análise Crítica**).

COSTA, Célia Souza da. *Educação museal: o caso das Louceiras de Maruanum*. Rio de Janeiro: Editora Museu, 2015. (Sustenta a **Ficha de Registro da Louceira** e o **Protagonismo** na Museologia Social).

RAMOS, Pedro. *História em quadrinhos: uma nova fonte para a história do tempo presente*. In: FERREIRA, G. S. (Org.). *Narrativas e linguagens do contemporâneo*. São Paulo : Scortecci, 2014. p. 101-120. (Sustenta a **Oficina de Roteiro Visual** e a comparação de narrativas).

TOLENTINO, Átila. *O Que é Educação Patrimonial*. São Paulo: Editora FTD, 2017. (Sustenta a criação do **Glossário** como forma de valorização linguística e pertencimento).

VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso das Histórias em Quadrinhos no Ensino*. Rio de Janeiro: SBPQ/MEC, 2010. (Sustenta a **Oficina de Roteiro Visual** e a análise da linguagem visual da HQ).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada que encerro nesta dissertação não é um ponto final. Para mim, é o começo de uma ação real e a materialização do meu compromisso em valorizar o saber ancestral amazônico. Depois de meses de estudo, saio com a certeza de que a Educação Patrimonial, quando usa estratégias que envolvem de verdade o estudante, é o caminho mais forte para proteger o saber das Louceiras de Maruanum.

Ao encerrar este percurso, busquei entender como a criação de HQs ajuda a fortalecer a identidade e a passar adiante o saber ancestral do criar-saber-fazer da cerâmica como um compromisso com a prática docente de atuação real em sala de aula. Por isso, desenhei esse percurso didático pensando naquele nó no peito que a gente sente ao entrar em sala e não tem o que mostrar sobre o nosso Amapá. Ele é minha tentativa de oferecer um caminho real, uma resposta que faça sentido para o aluno que hoje só olha para o celular. Enquanto o saber das louceiras corre o risco de sumir porque as novas gerações estão distantes da oralidade, o quadrinho consegue estabelecer um diálogo real prendendo a atenção do jovem pela imagem e pelo movimento. O ato de colocar no papel cada detalhe do saber ancestral de sua comunidade, partindo da busca pela matéria-prima até à queima das peças, leva o estudante a olhar com atenção para a própria história. Mais do que um dever de sala, é uma tentativa de transformar o conhecimento das mãos em um documento permanente, protegendo um saber que corre o risco de ser esquecido se ficar restrito apenas à fala; é esse percurso que transforma o estudante de um simples ouvinte em um guardião ativo dessa memória.

Diante da minha angústia senti que precisava intervir para evitar que essa história se perdesse. Por isso, a HQ não é só um desenho; é meu recurso para interrogar o passado. Ao fazer o estudante mergulhar nas histórias do barro, ele é o protagonista e também criador, transformando a Louceira em uma fonte histórica viva. A investigação demonstrou que a educação patrimonial no Maruanum supera a preservação; ela opera a transformação social ao converter jovens em guardiões de uma ciência que a história oficial tentou silenciar. Para mim, fortalecer a identidade local significa mostrar ao jovem do Maruanum que a cultura dele é profunda e científica.

Minha proposta apoia-se na interdisciplinaridade porque eu precisava mostrar que a cerâmica é ciência da mata e não tradição parada no tempo. Ao unir Química, Física e Geografia ao barro, garanto que o saber das Louceiras seja respeitado na escola, dando ao professor múltiplas potencialidades de uso deste saber.

Planejo que o aluno devolva o que aprendeu para a comunidade através da HQ, agindo

como alguém que ajuda a valorizar o papel das mestras. Isso não é só pedagogia; é fortalecer o respeito pela tradição e garantir que o ciclo não quebre.

Minha escolha por fazer uma Revisão Bibliográfica e Análise Documental foi uma decisão consciente, mas sou transparente sobre os limites disso. Reconheço que a falta de um trabalho de campo direto é a maior fragilidade aqui. Minha dissertação é um estudo de potencialidade; falta o frente a frente com os estudantes e as Louceiras. No futuro, quero que este trabalho vire uma Pesquisa-Ação para que se comprove o impacto disso na prática. Mesmo assim, lutei para que o rigor da pesquisa bibliográfica compensasse o fato de eu não ter ido ao território agora. Usei a análise aprofundada de obras específicas sobre o Maruanum para garantir que meu Produto Educacional fosse fiel àquela cultura. O que entrego é uma construção acadêmica séria, baseada em dados reais e respeitosos.

A inovação aqui está em tirar o saber das Louceiras do apagamento histórico e tratá-lo como ciência viva. Minha intenção não é usar a HQ para dar voz a ninguém, pois a voz dessas mulheres já existe e é de resistência; o que o quadrinho faz é servir de veículo para que essa fala ecoe onde a história oficial costuma fazer silêncio. Meu desejo é que este material ganhe as salas de aula de qualquer lugar, rompendo as fronteiras do Maruanum. Quero que estudantes de outros contextos também aprendam a respeitar e valorizar essa tecnologia quilombola, não como algo exótico, mas como um conhecimento que tem o direito de ser ensinado em qualquer escola.

Esta dissertação é o meu ponto de partida. Minha prioridade para o futuro é testar esse material nas escolas e ver o brilho nos olhos dos jovens ao se reconhecerem no barro. Meu desejo é que se crie um repositório comunitário para essas histórias. Quero que as Louceiras vejam, através deste trabalho, que o seu ofício é eterno e valioso e que ele pode inspirar novos currículos em qualquer escola que deseje uma história mais justa e conectada com as nossas raízes.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **Patrimônio imaterial e transmissão de saberes: os desafios da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- ABREU, Regina. **Tesouros Humanos Vivos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- AMAPÁ. **Referencial Curricular Amapaense (RCA)**. Macapá: Secretaria Estadual de Educação (SEED), 2019.
- AMAPÁ. **Secretaria de Estado da Cultura**. *O Rito da Mãe do Barro: Práticas e Saberes da Cerâmica Quilombola de Maruanum*. Texto de Alcilene Cavalcante. Macapá: SECULT, 2015.
- BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Reverberios da Vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, M. L. S. **A mulher negra e a luta pela terra: um estudo sobre as comunidades quilombolas do Amapá**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). **Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) da Comunidade Quilombola de Maruanum**. Macapá: Superintendência Regional do Amapá (SR-21), 2011.
- BRAZÃO, Gleib. **O Legado das Mãos de Barro**. 2026. 1 p. Material não publicado (Poema elaborado para a Sequência Didática de Mestrado Profissional).
- Brown (2015) - **Sobre o papel do professor mediador**: BROWN, S. T. **Linguagens gráficas e o papel do mediador no ensino de mídias**. São Paulo: Cortez, 2015
- CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques teóricos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 295-316.
- CEZARINHO, F. A. Uma proposta de educação patrimonial decolonial. **Revista Debates Insubmissos**, v. 6, n. 21, p. 297–324, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/257834>. Acesso em: 29 dez. 2025.

CERRI, Luis Fernando. Os Conceitos de Consciência Histórica e os desafios da Didática da História. **Revista de História Regional**. v. 6, n. 2, p. 93-112, 2001.

COELHO, Luane Santos; FIGUEIRÊDO, Arthane Menezes. *O Ensino de História na Amazônia Amapaense e os desafios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. [Nome da Revista/Periódico - Inserir dados completos da publicação], 2022.

COIROLO, Alicia D. Atividades e tradições dos grupos ceramistas do Maruanum (AP). Notaspreliminares. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, Vol. 7, n. 1, p. 71-95, 1991.

COSTA, Célia Souza da. **Educação museal: o caso das Louceiras de Maruanum**. Rio de Janeiro: Editora Museu, 2015.

COSTA, Célia Souza da; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. **Religião, cultura e políticas públicas no Amapá: religiosidade, cerâmica e encantaria na tradição das Louceiras do Maruanum**. 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324614953>. Acesso em: 15 fev. 2026.

CHUVA, Márcia. **Patrimônio cultural: políticas e práticas de preservação no Brasil**. In: MORAES, N. A.; ABREU, R. (Org.). *Patrimônio cultural: memória e identidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

CHUVA, Márcia. **Preservação do patrimônio cultural no Brasil: uma perspectiva histórica, ética e política**. In: CHUVA, Márcia.; NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos Nogueira. (ORG). *Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012. p. 67-78. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/CHUVA\\_Marcia\\_Por-uma-historia-da-nocao-de-patrimonio-cultural.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/CHUVA_Marcia_Por-uma-historia-da-nocao-de-patrimonio-cultural.pdf)

FERREIRA, Ana Paula da Conceição. **Educação patrimonial e as Louceiras de Maruanum**. Fortaleza: EdUFCE, 2010.

FLORÊNCIO, Sonia Rampim. **Política de Educação Patrimonial no IPHAN**. Brasília: IPHAN, 2014.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo: todos fomos ao Iphan**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Cláudio. *Educação patrimonial e inclusão: práticas e reflexões*. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**. Rio de Janeiro: UFRJ/Iphan, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Iphan, 2007.

GONÇALVES, José Reinaldo Santos. **O Mal-estar do Patrimônio: Identidade, Tempo e Destruição**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia básico de educação patrimonial**. 7. ed. Brasília, DF: IPHAN, 2018.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. (Obras completas de C. G. Jung, v. 9/1).

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas: Papyrus, 2004.

MENESES, Paulo Roberto de. Patrimônio cultural: *conceitos, questões e desafios para a educação patrimonial*. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 34, p. 45-60, 2012.

MCLOUGHLIN, Catherine; LEE, Mark J. W. Personalised and self regulated learning in the Web 2.0 era: International exemplars of innovative pedagogy using social software. **Australasian Journal of Educational Technology**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 28-43, 2010

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOITINHO, Maria do Carmo; PINA, Magda Conceição. **O Ensino de História e as Práticas Cotidianas no Espaço Escolar**. [Nome da Revista/Periódico]: [Local], v. [número], n. [número], p. 5110-5120, 2019.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Murray (2013) - **Sobre narrativas e mídias: MURRAY, Janet H. Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. Tradução de Eliana Aguiar. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2013.

NASCIMENTO, Beatriz. **Todas (as) distâncias: poemas, ensaios e conferências**. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Ogum's Toques Negros, 2018.

NEVES, Luís Filipe Baeta. História Local, a História Regional e a História do Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 13-26, 1997.

NEVES, Lúcio Dias das. **Indicações geográficas do Amapá**: mestria das louças produzidas no quilombo do Maruanum. 2021. Relatório Técnico (Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação) – Ponto de Rede UNIFAP, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2021. Disponível em: <https://profnit.org.br/wp-content/uploads/2021/01/LUCIO-DIAS-DAS-NEVES-Relatorio-Tecnico.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2026.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: *A Problema da Declaração*. In: NORA, Pierre. *Lugares de Memória*. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 1-26.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo: PUCSP, v. 10, p. 7-23, dez. 1993.

Paes Loureiro, João de Jesus. 2008. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo: Escrituras Editora.

Plosky (2016) - **Sobre Alfabetização e HQ**: PLOSKY, J. **Letramentos e histórias em quadrinhos**: a alfabetização visual como ferramenta complexa. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica, 2016

RAMOS, Pedro. *História em quadrinhos: uma nova fonte para a história do tempo presente*. In: FERREIRA, G. S. (Org.). **Narrativas e linguagens do contemporâneo**. São Paulo: Scortecci, 2014. p. 101-120.

RÜSEN, Jörn. **O livro didático ideal**. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.) **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: *Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp, 2012.

SILVA, Fabíola Andréa. *Etnoarqueologia: uma proposta metodológica para o estudo da tecnologia cerâmica*. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 10, p. 117-140, 2000.

ILVA, Elloane Carinie Gomes; ROSSINI, Diva de Mello. Arte cerâmica na Amazônia: um relato sobre o saber fazer das louceiras do Maruanum, no Amapá. **Amazônica – Revista de Antropologia**, v. 13, n. 2, p. 793–814, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/9574>. Acesso em: 10 nov. 2025.

Silva, Elloane Carinie Gomes. 2019. **As louceiras do Maruanum e o turismo cultural na região amazônica**. Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_EducPatrimonialReflexoesEPraticas\\_ct1\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialReflexoesEPraticas_ct1_m.pdf). Acesso em: 29 dez. 2025.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Educação Patrimonial e Comunidade: o lugar como referência**. João Pessoa: IPHAN, 2017.

TOLENTINO, Átila. **O Que é Educação Patrimonial**. São Paulo: Editora FTD, 2017.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 2003.

UNESCO. **Recomendação Relativa à Proteção do Patrimônio Cultural e Natural**. Paris, 2001. Disponível em: [Inserir URL de onde a Recomendação foi acessada]. Acesso em: [Inserir a data em que você consultou o documento, ex: 10 nov. 2025].

VERGUEIRO, Waldomiro. **Uso das Histórias em Quadrinhos no Ensino**. Rio de Janeiro: SBPQ/MEC, 2010.

WALSH, Catherine (org.). **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Ediciones Abya-Yala, 2005.

WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniais: práticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)viver**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2017.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito: Serie Pensamiento decolonial, Universidad Andina Simón Bolívar, 2013.

## **Anexos.**

### **Educação Patrimonial aliada a Educação inclusiva e o uso das HQs, como Estratégia de Salvaguarda do Patrimônio.**

Imagine uma roda de histórias onde cada peça de barro moldada pelas mãos das Louceiras do Maruanum conta um capítulo de resistência, cultura e pertencimento. Esse é o universo que exploramos ao unir a Educação Patrimonial (EP) à Educação Inclusiva. Mais do que aprender sobre técnicas e tradições, estamos falando de viver uma experiência onde cada aluno – com suas singularidades – se torna parte dessa rica narrativa cultural (Barreto, 2017). A beleza das Louceiras do Maruanum vai além das formas e texturas de suas peças; elas carregam o eco de vozes que ensinaram, geração após geração, a arte de transformar a terra em identidade (Ferreira, 2010, p. 35).

Nesse contexto, integrar a educação inclusiva é garantir que todos os alunos possam sentir, criar e se conectar com esse legado, humanizando o ensino. É abrir espaço para que uma criança com deficiência visual experimente o barro por meio da experiência tátil – uma conexão sensorial que o patrimônio, por sua natureza concreta e processual, permite. Essa prática pedagógica, que considera as necessidades específicas de cada aluno (Gomes, 2020, p. 71), transforma o patrimônio em uma ferramenta de pertencimento e salvaguarda.

Incorporar Histórias em Quadrinhos (HQs) à educação patrimonial é a maneira criativa e dinâmica de manter vivas as histórias, práticas e saberes culturais. Essa abordagem transforma o ensino do patrimônio em algo acessível e envolvente, conectando o passado às novas gerações de forma visual e interativa (Tolentino, 2017). A ideia de salvaguardar o patrimônio, como preconiza a UNESCO (2003), não se limita à preservação de objetos, mas inclui o compromisso de transmitir esse legado às gerações futuras. É nesse ponto que as HQs ganham força: elas não apenas documentam o saber-fazer, mas também o reimaginam e recontam (Gonçalves, 2007), traduzindo tradições em narrativas vibrantes e atuais. Essa união entre o tradicional e o contemporâneo, facilitada pela linguagem da HQ, faz delas um meio vivo para perpetuar o patrimônio cultural, dando voz às memórias coletivas e abrindo espaço para novas interpretações (Costa, 2015).

#### **O Fundamento Dialógico e Inclusivo**

A união da Educação Patrimonial (EP) à Educação Inclusiva permite explorar o universo da memória cultural de forma plural e acessível. Ao invés de meramente transmitir técnicas e tradições, o foco se desloca para uma experiência onde cada aluno, com suas singularidades, se

torna parte da narrativa cultural (Tolentino, 2017). Essa abordagem encontra seu alicerce na pedagogia crítica, que postula a igualdade radical dos saberes. Conforme Freire (1989, p. 31), "Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa," o que nos coloca como aprendizes e educadores ao mesmo tempo. O aprendizado, para ele, não é apenas uma troca de informações, mas um encontro de saberes que valoriza o que cada pessoa traz consigo, reforçando o diálogo e a transformação mútua.

Trazer a educação inclusiva para o campo da EP é humanizar o ensino e materializar um direito. As Louceiras do Maruanum ensinam que a cultura é viva, e ao abriremos as portas da sala de aula para essa vivência, cultivamos cidadãos que respeitam a diversidade (Ferreira, 2010). A EP, na prática, cumpre um papel essencial na preservação e valorização da cultura, tornando-a ainda mais significativa no contexto do Amapá, onde se reconhecem os saberes ancestrais que refletem a identidade local (Abreu, 2015).

### **Patrimônio como Direito Universal e a Prática Inclusiva**

A efetividade da EP inclusiva reside no reconhecimento do patrimônio cultural como um direito real e acessível a todos. Barreto convida a olhar para a educação patrimonial sob essa nova perspectiva, lembrando que o patrimônio é um "direito de todos", que pertence à humanidade e deve ser vivido e experienciado por todas as pessoas, sem exceções (Barreto, 2017). Essa visão exige que a escola cumpra a legislação, como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), ao garantir que todos os alunos, independentemente de suas condições ou necessidades, possam acessar e participar ativamente dessas vivências culturais.

A Educação Patrimonial Inclusiva é, portanto, uma prática que valoriza a diversidade e promove o acesso universal. A afirmação de Barreto (2017, p. 93) de que a prática educativa deve reconhecer o patrimônio cultural como direito de todos reforça a necessidade de derrubar barreiras. Essa visão não se limita a garantir a acessibilidade física de espaços históricos, mas a adaptar materiais e linguagens para que o patrimônio se torne um elo poderoso para a inclusão, criando pontes para a igualdade e o respeito mútuo.

### **HQs e a Função da Inclusão na Salvaguarda**

A incorporação das Histórias em Quadrinhos (HQs) à EP é uma estratégia criativa e dinâmica para manter vivas as histórias e saberes culturais. Essa abordagem transforma o ensino do patrimônio em algo acessível e envolvente (Tolentino, 2017). A ideia de salvaguardar o patrimônio, como preconiza a UNESCO (2003), inclui o compromisso de transmitir esse legado às gerações futuras. É nesse ponto que as HQs ganham força: elas não apenas documentam, mas também reimaginam e recontam as histórias, traduzindo tradições em narrativas vibrantes e atuais (Costa, 2015). Essa união entre o tradicional e o contemporâneo faz das HQs um meio vivo para perpetuar o patrimônio cultural, dando voz às memórias coletivas (Gonçalves, 2007).

O aspecto mais funcional dessa união é a garantia de que o patrimônio seja uma

ferramenta de inclusão e pertencimento. Gomes (2020, p. 71) enfatiza que a educação patrimonial deve incluir práticas que considerem as necessidades específicas de cada aluno, transformando o patrimônio em uma ferramenta de inclusão e pertencimento. Ao adaptar as práticas – seja explorando o tato do barro para alunos com deficiência visual ou usando a linguagem visual da HQ para mediar a comunicação – o patrimônio se torna ativo na construção de um ambiente inclusivo. Essa conexão cria um sentimento profundo de pertencimento e reconhecimento (Gomes, 2020).

Portanto, a união entre a Educação Inclusiva e a Educação Patrimonial não apenas promove o desenvolvimento cognitivo e cultural, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes e respeitosos com sua própria história e com a diversidade humana. As Louceiras do Maruanum tornam-se, assim, uma ponte viva entre o passado e o futuro, garantindo que sua rica herança seja moldada por todas as vozes.

### **Justificativa da Sequência Didática com Base nas Leis de Inclusão**

Minha proposta de intervenção encontra seu alicerce legal e curricular em todo o ordenamento jurídico nacional, garantindo a legitimidade de sua aplicação e a transferência de tecnologia social. Minha proposta caminha no sentido de superar essa alienação curricular, trazendo o saber do Maruanum para o centro do debate alinhada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estabelece o "patamar comum de aprendizagens" (Brasil, 2018, p. 8), exigindo um aluno capaz de contextualização, comparação e proposição de soluções (BRASIL, 2018, p. 418), e é este quadro legal que fortalece o caráter de criação do meu Produto Educacional (PE).

Na minha área, o Ensino de História, a ancoragem é direta: a BNCC incentiva o trabalho com narrativas diversificadas, afirmando que o conhecimento histórico reside em perceber a forma como os indivíduos construíram, com diferentes linguagens, suas narrações sobre o mundo (Brasil, 2018, p. 397). Esta abertura para o uso de linguagens valida a escolha da História em Quadrinhos (HQ) como ferramenta pedagógica (Tolentino, 2017), cumprindo a habilidade de promover o letramento histórico-visual (Bittencourt, 2016).

No entanto, reconheço que a padronização universal da BNCC pode dissociar o aprendizado em contextos amazônicos, conforme apontam Coelho e Figueirêdo (2022). Para mitigar essa lacuna e garantir a coerência regional, o Referencial Curricular Amapaense (RCA) (Amapá, 2019) atua como uma âncora complementar, exigindo a compreensão dos mecanismos de mudança e preservação das estruturas sociais.

Meu PE, ao focar na preservação cultural do saber-fazer das Louceiras (Ferreira, 2010), insere-se diretamente nesta diretriz. A proposta do PE possui um duplo amparo legal, essencial para o tema da Cidadania e Inclusão. O trabalho atende ao Art. 215 da Constituição Federal de

1988, que garante o pleno exercício dos direitos culturais. Além disso, o PE é projetado para cumprir as diretrizes da Educação Inclusiva.

Conforme preconiza a Lei Brasileira de Inclusão (LBI – Lei nº 13.146/2015) assegura os sistemas educacionais inclusivos, exigindo o fornecimento de recursos de acessibilidade (LBI, Art. 27). O uso da HQ, da linguagem visual e da exploração sensorial do barro atende a esse requisito legal, transformando o patrimônio em um direito real e acessível a todos (Barreto, 2017). Meu compromisso, portanto, é que o PE não apenas cumpra a BNCC, mas a expanda, promovendo a cidadania cultural da comunidade quilombola.

## **1. Base Legal da Educação Inclusiva**

### **Constituição Federal de 1988:**

- **Artigo 205:** Determina que a educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família, com o objetivo de promover o pleno desenvolvimento da pessoa.
- **Artigo 208, Inciso III:** Assegura atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.
- Esta sequência didática se alinha ao princípio de igualdade, ao adaptar atividades que eliminam barreiras para o aprendizado, como recursos visuais, táteis e linguísticos.

### **2. Lei Brasileira de Inclusão (LBI) – Lei nº 13.146/2015:**

- **Artigo 28, Inciso I:** Garante sistemas educacionais inclusivos em todos os níveis e modalidades, promovendo o aprendizado ao longo da vida.
- **Artigo 27, Parágrafo Único:** Determina a oferta de recursos de acessibilidade, tecnologia assistiva e adaptações necessárias.
- As adaptações propostas, como materiais em braille, vídeos com Libras e ferramentas para modelagem adaptadas, cumprem os preceitos desta lei, permitindo a participação ativa de todos.

### **3. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996:**

- **Artigo 59, Inciso I:** Prevê currículos, métodos e recursos adaptados às necessidades dos alunos com deficiência.
- A sequência didática é construída de maneira flexível, utilizando estratégias pedagógicas inclusivas que respeitam os diferentes ritmos e formas de aprendizagem.

## **2. Educação Patrimonial como Direito Cultural**

### **1. Constituição Federal de 1988:**

- **Artigo 216:** Estabelece que o patrimônio cultural brasileiro abrange as formas de expressão, modos de criar e fazer, e os saberes ligados às

comunidades.

- **Artigo 215:** Garante o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional.
- A temática das Louceiras do Maruanum fortalece a conexão dos alunos com seu patrimônio cultural, assegurando o acesso ao conhecimento sobre sua história e identidade.

## 2. Lei nº 9.394/1996 (LDB):

- **Artigo 26:** Determina que os currículos devem incorporar conteúdos que contribuam para o conhecimento e valorização do patrimônio cultural.

## 3. Diretrizes Internacionais

### 1. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006)**, ratificada no Brasil pelo **Decreto nº 6.949/2009**:

- **Artigo 24:** Estabelece que a educação inclusiva deve garantir acesso ao currículo geral por meio de métodos, recursos e estratégias de ensino adaptados.
- A sequência didática incorpora diferentes meios de aprendizagem (visual, tátil, auditivo), promovendo a acessibilidade universal.

### 2. **Declaração de Salamanca (1994):**

- Reconhece que escolas inclusivas são fundamentais para combater a discriminação, promovendo a igualdade e participação de todos.

## Conexão com a Inclusividade

Essa sequência didática atende à legislação ao:

1. Garantir que todos os alunos, com ou sem deficiência, acessem o currículo em condições de igualdade.
2. Respeitar a diversidade cultural e incluir a comunidade escolar na valorização do patrimônio local.
3. Planejar estratégias pedagógicas que eliminem barreiras e potencializem as habilidades de cada estudante.

## Inclusão como Conexão Ampla com o Patrimônio

A educação patrimonial, quando conduzida de maneira inclusiva, torna-se uma poderosa ferramenta de salvaguarda do patrimônio cultural, transformando o aprendizado em uma experiência coletiva que valoriza as tradições e promove sua continuidade. O ato de incluir

todos os alunos nesse processo é por si só, uma forma de preservar e revitalizar as práticas culturais, como as das Louceiras do Maruanum, ao torná-las acessíveis e significativas para diferentes públicos.

O patrimônio cultural só se perpetua quando é vivenciado e transmitido por uma comunidade diversa. Ao integrar alunos com diferentes necessidades ao processo educativo, a escola cria múltiplas perspectivas sobre o mesmo tema, enriquecendo o significado do patrimônio para quem o aprende e reforçando seu valor para quem o pratica.

Por exemplo: Um aluno com deficiência visual que explora a textura do barro ou os relevos de uma peça se conecta a esse patrimônio por meio de uma experiência sensorial única. Alunos surdos, ao aprenderem sobre o contexto histórico das louceiras em Libras, contribuem para ampliar a disseminação da cultura em comunidades que utilizam a linguagem de sinais.

Discentes com deficiência intelectual, ao participarem de atividades práticas de modelagem, tornam-se agentes no processo de recriação do patrimônio, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades motoras e criativas. Esse tipo de abordagem amplia o alcance do patrimônio, mostrando que ele é inclusivo e pertence a todos, independentemente de suas condições ou capacidades.

### **Formação de Guardiões do Patrimônio:**

Quando o processo educativo é inclusivo, cada aluno se torna um "guardião" do patrimônio, pronto para protegê-lo e disseminá-lo. Ao aprender sobre as Louceiras do Maruanum de forma vivencial e acessível, os alunos não apenas entendem a relevância da tradição, mas se sentem responsáveis por sua preservação. Essa apropriação cultural é essencial para a salvaguarda do patrimônio, pois:

- **Fomenta o pertencimento:** Todos se sentem parte da história e do legado, reconhecendo-se como herdeiros culturais.
  - **Garante a transmissão:** Alunos que vivenciam o patrimônio em suas múltiplas dimensões estão mais aptos a compartilhar esse conhecimento com outras gerações.
  - **Reforça a diversidade:** A inclusão assegura que as vozes de pessoas com diferentes realidades sejam integradas à narrativa cultural.

### **Educação Patrimonial Mais Inclusiva para Comunidades**

Ao aliar educação patrimonial e inclusão, a escola se torna um reflexo da sociedade que queremos construir: diversa, respeitosa e consciente de seu passado. Para as Louceiras do

Maruanum, esse movimento é duplamente valioso:

- **Reconhecimento da Cultura Local:** Ensinar sobre essa tradição fortalece a percepção de que a cultura das louceiras é um patrimônio vivo, essencial para a identidade do Amapá.
- **Valorização da Comunidade:** O envolvimento direto das louceiras no processo educativo, como participantes em rodas de conversa ou demonstrações práticas, reafirma seus papéis como protagonistas culturais e fortalece a transmissão do saber.

### **Inclusão e Salvaguarda: Práticas que Caminham Juntas**

A prática inclusiva na educação patrimonial cria novos caminhos para a salvaguarda do patrimônio, ao:

- **Ampliar o público-alvo:** Uma abordagem inclusiva envolve mais pessoas no aprendizado e na valorização do patrimônio, incluindo famílias e comunidades.
- **Fortalecer o aprendizado vivencial:** A interação prática e sensorial com o patrimônio cria vínculos emocionais mais profundos, aumentando o comprometimento com sua proteção.
- **Adaptar o patrimônio às mudanças sociais:** A inclusão permite que o patrimônio cultural seja reinterpretado e ressignificado para atender às necessidades e contextos contemporâneos, sem perder sua essência.

### **Educação como Pilar da Preservação**

Educar para incluir é também educar para preservar. Quando os processos educacionais tornam o patrimônio acessível, todos passam a enxergar sua importância como algo que rompe barreiras. Assim, práticas como as das Louceiras do Maruanum deixam de ser apenas parte do passado e passam a ocupar um lugar vital no presente e no futuro, garantindo que sua beleza e relevância permaneçam vivas por gerações.

### **Sequência Didática: Educação Patrimonial e Educação Inclusiva com HQs – Tema: Louceiras do Maruanum (Amapá)**

#### **Objetivos da Sequência Didática**

- Compreender a importância cultural e histórica das louceiras do Maruanum como patrimônio imaterial brasileiro.
- Estimular a valorização da identidade local e regional por meio de uma abordagem inclusiva.
- Desenvolver a criatividade e a expressão em textos multissemióticos como HQs.

### **Habilidades a Serem Desenvolvidas**

- **EF04GE03** - Reconhecer elementos do patrimônio cultural local, valorizando os saberes tradicionais e suas conexões com a identidade regional.
- **EF15AR03** - Explorar elementos das artes visuais e aplicar em diferentes linguagens, como a criação de HQs.
- **BNCC | Competência Socioemocional: Empatia e Cooperação** - Respeitar e valorizar as contribuições de diferentes grupos sociais para a formação cultural brasileira.

### **Etapas da Sequência Didática**

#### **1. Introdução: Quem são as Louceiras do Maruanum?**

**Duração:** 1 aula (50 min)

#### **1. Exibição de Vídeos e Imagens**

- Apresente um vídeo ou fotos sobre as louceiras do Maruanum, explicando sua importância para a cultura do Amapá e como elas mantêm viva a tradição da cerâmica artesanal.
- Destaque aspectos como os processos de modelagem e queima das peças, e a conexão com a ancestralidade.

#### **2. Discussão Interativa**

- Pergunte aos alunos:
  - "Vocês conhecem alguém que trabalha com cerâmica?"
  - "Por que acham importante preservar tradições como esta?"

### **Adaptação Inclusiva:**

- Forneça textos com linguagem simples e clara para alunos com dificuldades de leitura.
- Use áudio-descrição dos vídeos para alunos com deficiência visual e Libras para alunos surdos.

## **2. Explorando o Patrimônio Cultural por Meio das HQs**

**Duração:** 2 aulas (50 min cada)

### **1. Leitura de HQ Inspiradora**

- Distribua uma HQ (ou crie uma) que narre a história fictícia de uma jovem aprendiz de louceira no Maruanum. Inclua elementos como tradição, família e desafios para manter viva a cultura.

### **2. Análise e Discussão**

- Peça aos alunos para identificarem os elementos principais da história:
  - Quem são os personagens?
  - Quais valores e tradições estão sendo destacados?
- Conecte a história às louceiras reais, explicando o contexto histórico e social.

#### **Adaptação Inclusiva:**

- Disponibilize a HQ em versão ampliada, com alto contraste para alunos com baixa visão.
- Forneça a HQ em áudio para quem tem deficiência visual.

## **3. Produção das HQs pelos Alunos**

**Duração:** 3 aulas (50 min cada)

#### **Planejamento da História**

- Oriente os alunos a criar suas HQs com base no tema: "A tradição das louceiras do Maruanum e seu impacto na comunidade".
- Eles devem incluir:
  - Um(a) protagonista inclusivo(a), representando a diversidade (ex.: uma criança com deficiência que aprende sobre a cerâmica).
  - A importância da cerâmica como símbolo de resistência cultural.

### **2. Criação**

**Objetivo:**

Contar histórias sobre o cotidiano das Louceiras do Maruanum usando HQs como linguagem visual.

**Desenvolvimento:**

**Planejamento da História:**

Discuta com os alunos como seria o dia de uma louceira, destacando aspectos como a busca pela argila, a modelagem e a queima das peças.

Peça que os alunos criem uma história fictícia envolvendo as louceiras.

**Criação das HQs:**

Forneça folhas com quadros para os desenhos ou permita o uso de aplicativos de criação de HQs. Incentive os alunos a incluir personagens diversos e elementos locais do Maruanum.

**Adaptação Inclusiva:**

Para alunos com dificuldades motoras: Ofereça desenhos prontos para colorir ou permitam que narrem suas histórias enquanto um colega desenha.

Para alunos com deficiência visual: Utilize recursos como relevo para ilustrar ou permita que descrevam oralmente suas histórias.

Para alunos surdos: Incentive o uso de imagens visuais claras e legendas nas HQs.

Os alunos podem desenhar ou usar aplicativos de criação de HQs.

- Trabalhe com balões de fala e onomatopeias para explorar as características do gênero.

**Revisão Coletiva**

- Promova um momento de troca, onde os alunos compartilham suas histórias e recebem feedback.

**Adaptação Inclusiva:**

- Ofereça moldes prontos para colorir para alunos com dificuldades motoras.
- Utilize tecnologia assistiva, como tablets, para facilitar o desenho.

#### **4. Compartilhamento e Reflexão**

**Duração:** 1 aula (50 min)

##### **Exposição das HQs**

Objetivo:

Compartilhar as produções feitas durante as atividades em uma exposição aberta à comunidade escolar.

Desenvolvimento:

##### **Montagem da Exposição:**

- Exponha as peças de argila feitas pelos alunos, as HQs criadas e fotos ou desenhos relacionados às Louceiras do Maruanum.
- Inclua descrições das obras e explicações sobre a importância cultural das louceiras.

##### **Apresentação à Comunidade:**

- Convide a comunidade escolar para conhecer a exposição, promovendo um momento de integração e valorização do patrimônio cultural.

Adaptação Inclusiva:

- Para alunos com deficiência visual: Adicione legendas em braille e permita o toque nas peças de argila.
- Para alunos surdos: Ofereça vídeos com legendas e interprete em Libras.
- Para todos: Certifique-se de que o espaço da exposição seja acessível, com mesas e displays na altura adequada.

Adaptação Inclusiva:

- Para alunos com deficiência visual: Adicione legendas em braille e permita o toque nas peças de argila.
- Para alunos surdos: Ofereça vídeos com legendas e interprete em Libras.

- Para todos: Certifique-se de que o espaço da exposição seja acessível, com mesas e displays na altura adequada.

### **Roda de Conversa**

- Discuta como a produção das HQs ajudou os alunos a valorizar o patrimônio cultural e refletir sobre inclusão.

Adaptação Inclusiva:

Para alunos com deficiência auditiva: Use intérprete de Libras para mediar a **conversa**.

Para alunos com deficiência visual: Ofereça a descrição detalhada de vídeos e áudios com boa qualidade.

Para alunos com dificuldades de comunicação: Dê a opção de escrever perguntas ou participar com auxílio de um colega.

## 5. Avaliação e Síntese

Duração: 1 aula (50 min)

### **Autoavaliação**

- Peça aos alunos para responderem:
  - "O que você mais aprendeu sobre as louceiras do Maruanum?"
  - "O que foi mais desafiador na criação da sua HQ?"

### **Critérios de Avaliação**

- Criatividade e originalidade da HQ.
- Clareza na representação da tradição cultural.
- Participação ativa e respeito à diversidade.

**APÊNDICE.**

“O Legado das Mãos de Barro”

19

O barro, aqui, não é só chão. É herança.  
O rio Maruanum guarda a voz que guia.  
Na pele preta, o sol se faz lembrança,  
Do Quilombo que resiste, dia após dia.

A Louceira não amassa, ela conversa;  
com a argila que tem nome e tem alma.  
É a Mãe do Barro quem lhe dá licença e lhe tira a pressa,  
Na dança das mãos, que acalma e se acalma.

rolete sobe, anel por anel,  
Sem torno, sem pressa, em ritmo de fé.  
Ela usa o caripé segredo fiel,  
Que a ciência da mata ensinou de pé.

---

<sup>19</sup> O poema *O Legado das Mãos de Barro* é um recurso de autoria da pesquisadora (Brazão, 2025), elaborado com o propósito específico de mediar a transposição didática do conteúdo etnográfico das Louceiras (Ciclo do Barro, Caripé, Mãe do Barro) para a linguagem poética, cumprindo a fase de Imersão Cultural da Sequência Didática.

O fogo queima e a forma não se rompe,  
Pois nela pulsa a força da Mulher.  
É mais que barro, é memória que rompe  
O silêncio do esquecimento, se você quiser ver.

Se a nova geração desvia o olhar,  
A HQ será o espelho e a ponte.  
Para que a história aprenda a falar,  
E o barro, em cores, jorre de outra fonte.

Gleib Brazão



# CADERNO DE SEQUENCIA DIDÁTICA PARA CRIAR HQS.

**Do Barro ao Quadrinho : As Louceiras do Maruanum**

Mestrando(a)

Gleib Jane Ribeiro Monteiro Brazão

Orientadora:

Ana Cristina Rocha Silva

## Índice

- Introdução
- Apresentação das Louceiras do Maruanum
- Sequência Didática: Criação de HQs
  - Etapa 1: Pesquisa e Roteiro
  - Etapa 2: Criação dos Personagens
  - Etapa 3: Desenho e Arte-Final
  - Etapa 4: Diálogos e Balões
  - Etapa 5: Revisão e Finalização
- Espaços para Criação de Quadrinhos
- Referências Bibliográficas
- Agradecimentos

## Apresentação

Prezados(as) Professores e Educadores,

Dirijo-me a vocês não apenas como autora desta dissertação e criadora deste Produto Educacional (PE), mas como uma colega engajada na urgência da História e da Educação Básica. Esta Sequência Didática (SD), que vocês têm em mãos, transcende o caráter de uma simples intervenção pedagógica; ela configura-se como um convite formal a uma verdadeira revolução curricular em nossa escola, fundamentada no protagonismo estudantil.

Minha proposta baseia-se na convicção de que o estudante deve ser o agente central da transformação curricular. Longe da passividade da mera recepção de conteúdo, os alunos são convocados a assumir a autoria deste processo, transformando a crise de transmissão da memória em um poderoso ato de criação e engajamento. Ao dominarem a linguagem da História em Quadrinhos (HQ), eles a utilizarão como o gênero de síntese capaz de resgatar e projetar o saber ancestral das Louceiras de Maruanum. A complexidade do saber-fazer quilombola de Maruanum exige, e permite, uma abordagem genuinamente interdisciplinar. Esta cartilha é estruturada para atuar como uma ponte que conecta todas as áreas do conhecimento, demonstrando que a ciência não está confinada a laboratórios:

- Ciências da Natureza (Química e Física): A análise do poder aglutinante e estabilizador do Caripé (cinzas da Samaumeira) nas Louças torna-se um estudo prático da Química, subvertendo a narrativa que desconsidera as tecnologias tradicionais.
- História e Geografia: O debate sobre a resistência quilombola, o protagonismo feminino e a manutenção da cultura material na Amazônia fornece o alicerce para a compreensão da territorialidade e da identidade social.
- Língua Portuguesa e Artes: Estas disciplinas oferecem o instrumental técnico para a construção narrativa e a expressão visual, capacitando os alunos a darem voz e forma ao roteiro visual que salvaguarda o patrimônio.

Utilizaremos a metodologia progressiva dos Gêneros Textuais (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998) para combater o risco de apagamento de memória (GONÇALVES, 2007) com a força de um artefato replicável (RAMPIM FLORÊNCIO, 2014). Este modelo garante que o conhecimento das Louceiras não seja apenas consumido, mas perpetuado e difundido de forma autônoma pelos

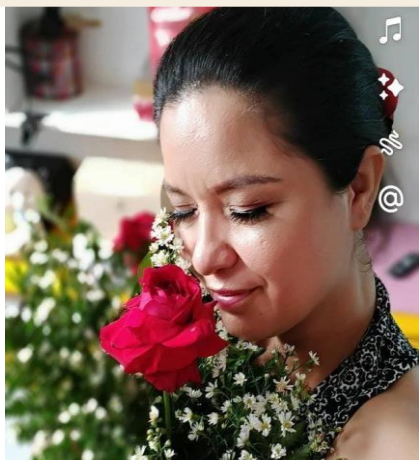
próprios estudantes.

Um Chamado à Ação Pedagógica!

Colegas, a urgência é real. A lacuna na transmissão intergeracional e o silêncio curricular sobre a nossa própria história exigem uma resposta imediata e eficaz. Eu os convido a unirmos forças, a derrubarmos as fronteiras das disciplinas e a utilizarmos o Protagonismo Estudantil como nossa arma pedagógica mais potente. Conto com a sua colaboração e paixão para garantir que a história de Maruanum floresça, forte, visível e inquestionável, nas mãos das novas gerações de autores e agentes de memória.

Com o mais sincero compromisso com a transformação educacional.

## Sobre a autora



*Gleib Jane Ribeiro Monteiro Brazão, é Mestranda em Ensino de História, com formação pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Minha trajetória profissional é marcada pelo compromisso com a Educação Básica e pela valorização da História e Cultura Afro-Brasileira e Quilombola, atuando na região do Amapá. Sou bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), especialista em História do Amapá pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (2010), também possuo especialização em gênero e diversidade na Escola (UNIFAP), especialista em Educação Profissional e Tecnológica (IFES). Sou professora de História há 16 anos e faço parte do quadro de professores efetivos do Estado do Amapá.*

*A idealização e o desenvolvimento desta Sequência Didática (SD) nascem da convicção de que o Ensino de História precisa ser um instrumento ativo de justiça social e reconhecimento. Dedico essa pesquisa à Comunidade Quilombola de Maruanum e ao estudo do Saber-Fazer da Louça com um objetivo claro: problematizar o protagonismo feminino na tecnologia ancestral e combater o silenciamento curricular.*

*Este caderno é a materialização da pesquisa em material de apoio ao meu colega professor para uso como ferramenta pedagógica em sala de aula. Ela representa minha crença na capacidade do aluno como agente de memória e na História em Quadrinhos (HQ) como possibilidade de dialogar com a ancestralidade do quilombo e a linguagem da nova geração.*

*Com esta ferramenta, convido professores e estudantes a transformarem o patrimônio em um ato contínuo de cidadania cultural e empoderamento local.*

# INTRODUÇÃO

Este caderno de sequência didática foi criado com o objetivo de oferecer um recurso educativo e criativo para o estudo e a valorização da cultura das Louceiras do Maruanum, no estado do Amapá. Inspirado no Referencial Curricular do Amapá (RCA), este material propõe a produção de histórias em quadrinhos (HQs) como ferramenta pedagógica, permitindo aos estudantes explorar a riqueza da cerâmica artesanal e a vida das mulheres que a produzem. Buscando promover o conhecimento sobre o patrimônio cultural local, o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e expressão artística, além de estimular o respeito e a valorização das tradições amazônicas.

## Objetivos Principais desta Sequência Didática (Caderno/HQ)

### I. Objetivos de Protagonismo e Cidadania Cultural (Intervenção Social)

- Promover o Protagonismo Estudantil:
  - Transformar o aluno de mero receptor de conteúdo em agente ativo de pesquisa, autoria e salvaguarda do patrimônio cultural das Louceiras de Maruanum, superando a postura de invisibilidade e passividade.
  - Desenvolver a Cidadania Cultural Ativa:
    - Capacitar os estudantes a reconhecerem a importância da cultura material e imaterial quilombola local como patrimônio da identidade nacional, cumprindo o papel social de combate ao apagamento da memória e à invisibilidade histórica.
  - Valorizar o Gênero HQ como Ferramenta de Síntese:
  - Utilizar o formato de História em Quadrinhos (HQ) como gênero discursivo de síntese visual e narrativa, capaz de democratizar informações complexas e atingir de forma eficaz o público jovem e a comunidade escolar (RAMPIM FLORÊNCIO, 2014).

### II. Objetivos de Transposição Científica e Interdisciplinaridade (Conteúdo)

- Realizar a Transposição Didática do Saber-Fazer Ancestral:

- Decodificar o processo artesanal das Louceiras (técnicas de extração, acordelado, Caripé e queima) em conhecimento escolar sistematizado, viabilizando sua abordagem em diferentes componentes curriculares.

- Fomentar a Interdisciplinaridade Efetiva:

- Criar pontes curriculares que permitam o tratamento do tema das Louceiras em uma perspectiva integrada, utilizando:

- Química/Ciências: Para estudar a composição da argila e a função do Caripé como "antiplástico" (Transposição Científica).

- História/Sociologia: Para analisar a resistência quilombola, o papel da mulher negra e o Rito do Barro (Relação Patrimônio-Território).

- Linguagens (Português/Artes): Para planejar o roteiro, a narrativa visual e a produção gráfica da HQ.

- Desmistificar a Tecnologia Quilombola:

- Apresentar o saber-fazer das Louceiras não apenas como arte, mas como uma tecnologia socialmente referenciada e ambientalmente sustentável, fruto de um profundo conhecimento do bioma amazônico.

III. Estruturar a Aprendizagem em Sequência didática:

- Organizar o processo de ensino-aprendizagem em módulos sequenciais (Imersão, Criação, Ação), conforme o modelo de (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998), garantindo que a reflexão histórica e o produto final sejam sistemáticos e rigorosos.

- Gerar um Produto Educacional Replicável:

- Desenvolver uma cartilha/SD que sirva de modelo de intervenção pedagógica, fácil de ser adaptado e replicado por outros professores e em outros contextos que envolvam a salvaguarda de patrimônios locais.

- Combater a Invisibilidade Histórica:

- Transformar a pesquisa-ação em uma ferramenta de Educação Antirracista, dando visibilidade às Louceiras do Maruanum no material didático e no currículo escolar, preenchendo as lacunas deixadas pela história oficial (GONÇALVES, 2007).

## Apresentação das Louceiras do Maruanum

Neste caderno, você terá a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a vida e o trabalho dessas artesãs, e de criar suas próprias histórias em quadrinhos inspiradas em suas experiências.

### MODULO 1- CONTATO COM A HISTORIOGRAFIA:

#### O Saber Ancestral das Louceiras de Maruanum: De Quilombo à Tecnologia do Barro

Percebi, ao longo desta pesquisa, que a história das Louceiras de Maruanum é o próprio resumo da resistência amazônica. A comunidade, um complexo quilombola no Amapá, tem suas raízes fincadas em uma luta por território e por identidade que funde a ancestralidade africana com o saber indígena dos primeiros habitantes (COIROLO, 1991). O ofício da cerâmica é o registro material dessa fusão cultural que se consolidou como uma prática de autonomia.

#### I. A Matriz Matriarcal e a Gestão da Memória

A Louceira é a figura central desta narrativa. Aqui o saber-fazer é inseparável do protagonismo feminino, pois a transmissão é de mãe para filha. As mulheres do Maruanum detêm o conhecimento sobre o ciclo produtivo, desde a extração até a comercialização. Essa dinâmica estabelece uma matriarquia cultural que Costa (2015) analisa como um exemplo de resistência social. Eu me alio à visão de que, ao valorizar essas mestras, estamos cumprindo o princípio da Educação Patrimonial (EP) que exige o reconhecimento dos detentores do saber (ABREU, 2015). A Louceira não é apenas a artesã; ela é a guardiã da memória.

#### II. O Saber-Fazer: Rito, Tecnologia e Interdisciplinaridade

O trabalho das Louceiras é um sistema de tecnologia ancestral que comprova o profundo conhecimento do bioma amazônico. Eu sintetizo esse processo em três atos essenciais:

**O Rito do Barro:** O ciclo começa com a extração manual da argila no barreiro, um ato sagrado que, por tradição, não permite o uso de metal. Este rito está ligado à figura da "Mãe do Barro". Portanto, essa cosmologia é a prova do respeito ao território e da conexão espiritual que

o meu Produto Educacional deve honrar.

**O Segredo do Caripé:** A tecnologia se revela na adição do caripé (cinzas da *Licania scabra*), que atua como um antiplástico natural que dá liga ao barro (COSTA, 2015). Esse conhecimento é, na verdade, químico e botânica aplicada. O uso do caripé e a técnica de modelagem por rolete (sem torno) são as marcas de Maruanum.

**A Prova de Fogo:** A queima da louça em forno rudimentar é a etapa final, onde a peça é testada. Essa prova, dominada pela experiência das mestras, é a síntese da resistência: a louça que sobrevive ao fogo carrega a identidade de um povo que sobreviveu à História.

### III. A Urgência da Autoria e a Salvaguarda da Memória

Acredito e defendo que essa história viva não pode ser silenciada. A crise da transmissão intergeracional, onde o saber corre o risco de se extinguir (FERREIRA, 2010), é a manifestação local do que Gonçalves (2007) chama de apagamento de memória. O meu Produto Educacional (PE) a Sequência Didática para HQs surge neste ponto como a abordagem pedagógica. Ao utilizar a HQ, o jovem é convidado a resgatar essa tecnologia ancestral e a narrá-la, assumindo o papel de agente ativo de memória. É a minha contribuição para que a história das Louceiras floresça, forte e visível, nas mãos das novas gerações.

#### Maruanum: A Etimologia do Nome e a Construção da Identidade Quilombola

##### 1. O Lócus do Rio e a Raiz Indígena: A Origem do Nome

Eu não poderia iniciar a análise da cultura das Louceiras sem primeiro decifrar a geografia e a etimologia que batizam este território. O nome Maruanum, mais do que um simples topônimo, é um documento linguístico que remete à ancestralidade e à simbiose cultural da região. Minha pesquisa indica que a origem do nome está intrinsecamente ligada ao Rio Maruanum, que serpenteia a área de várzea, fundamental para o sustento e para a matéria-prima (a argila) das Louceiras.

A tradição oral e os estudos regionais (COSTA, 2014) apontam que o nome é uma fusão ou uma referência a ancestrais indígenas, frequentemente ligada à lenda de um casal, Maru e Anum. Essa raiz etimológica é de vital importância, pois nos lembra que a área foi, originalmente, um território indígena, e que as técnicas de manejo do barro e da floresta, assimiladas pelos

quilombolas subsequentes, têm uma dívida histórica e tecnológica com os primeiros habitantes da Amazônia. A persistência desse nome em uma comunidade predominantemente negra é a primeira evidência de sincretismo cultural, um tema que este Produto Educacional (PE) deve valorizar.

## **2. A Formação Histórica: De Mocambo à Comunidade Quilombola**

A história da formação de Maruanum é um poderoso relato de resistência e autonomia. O território se insere na ampla formação de quilombos, onde populações negras em fuga da escravidão, ou aquelas que buscavam autonomia após a abolição, encontraram refúgio e estabeleceram um novo modo de vida. Essa origem confere à comunidade um legado de luta inegociável e uma identidade forjada na sobrevivência.

Barbosa (2011) sustenta que a localização estratégica, em zonas de difícil acesso, permitiu a afirmação de um modo de vida social e produtivo próprio, fora do controle das estruturas coloniais e, posteriormente, republicanas. Essa fuga não apenas como um ato físico, mas como um ato de fundação cultural, onde a comunidade precisou recriar seus saberes e sua estrutura social. A cerâmica tornou-se, nesse contexto, uma tecnologia de subsistência que assegurava a autonomia alimentar e econômica do grupo.

## **3. A Síntese Cultural: A Dupla Ancestralidade no Saber-Fazer**

O que torna Maruanum único, e o que a minha análise busca enfatizar, é a síntese cultural resultante desse processo de fundação. A Louça de Maruanum é a prova viva dessa fusão:

**Herança africana:** A organização comunitária do trabalho (mutirões), o sistema de transmissão matrilinear e a força da religiosidade e oralidade são heranças africanas que estruturam a comunidade (ABREU, 2015). O Protagonismo Feminino, inclusive, pode ser visto como uma continuidade das estruturas sociais africanas, onde a mulher detém o saber produtivo.

**Herança indígena:** A contribuição mais significativa da ancestralidade indígena reside diretamente no processo técnico da cerâmica. O saber-fazer das Louceiras, embora mantido pela matriz matriarcal quilombola, tem suas raízes em técnicas de modelagem e manejo do barro desenvolvidas pelos povos nativos da Amazônia:

**Influência Indígena e a Tecnologia do Barro:** É amplamente documentado (Coirolo, 1991) que as técnicas de modelagem (rolete) e o uso de antiplásticos orgânicos (o caripé) foram

assimilados e aperfeiçoados a partir do conhecimento dos povos indígenas que habitavam a região. O saber-fazer, portanto, não é puro, mas um saber ancestral e tecnológico amazônico.

Logo, com base na bibliografia consultada, constata-se que o termo "quilombola" no Maruanum carrega o peso de ambas as resistências. O PE deve honrar essa dupla ancestralidade, mostrando ao estudante que a identidade é um mosaico.

Resistência pelo Rito: O próprio manejo do Barro, a proibição do metal, a reverência à "Mãe do Barro" é a forma encontrada pela comunidade de garantir a pureza da sua memória e a coesão social (FERREIRA, 2010).

Urgência da Salvaguarda: A ameaça contemporânea da crise da transmissão intergeracional e do apagamento de memória (GONÇALVES, 2007) exige que a escola atue. Meu PE, ao usar a HQ, transforma a história de Maruanum em uma narrativa de valor universal, garantindo que as futuras gerações compreendam que a sua identidade quilombola é um ato contínuo de criação e autonomia.

### **O Ciclo Completo da Cerâmica: Tecnologia, Rito e Transmissão Ancestral**

O ofício das Louceiras de Maruanum é um sistema tecnológico complexo, transmitido de mãe para filha, que se inicia com a identificação da matéria-prima e culmina na transformação do barro pelo fogo. Minha análise sustenta que este ciclo produtivo é a própria materialização da memória da comunidade, exigindo um olhar que vá além do produto final (COSTA, 2015).

#### **1. Fase 1: A Extração Ritualística e a Conexão com o Território**

O trabalho começa na etapa mais sagrada: a extração do barro no local denominado barreiro. Este ato não é uma mera coleta; é um rito de respeito ao território e à cosmologia.

#### **Protocolos de Pureza e a Governança Matriarcal do Saber-Fazer**

Minha análise evidenciou que o saber-fazer ceramista de Maruanum é regido por um sistema de normas que transcende o técnico, sendo, na verdade, protocolos de pureza intrinsecamente ligados à cosmologia e ao ciclo biológico feminino. Estas regras não são meros tabus, mas sim complexos mecanismos de governança matriarcal que protegem tanto o recurso natural quanto o produto pronto.

## **O Alinhamento Cósmico: Ciclos Lunares e Colheita Sustentável**

Baseado nas fontes encontradas, verifico que o primeiro protocolo exige que o trabalho de extração da argila e o corte do caripé (o antiplástico) levem em consideração as fases da lua. A tradição determina que a tarefa seja realizada somente três dias após a mudança de fase lunar.

O alinhamento com a lua reflete o reconhecimento da influência dos ciclos naturais na umidade da argila e na seiva da planta, assegurando a melhor qualidade da matéria-prima e a sustentabilidade da colheita. Essa prática, que liga o tempo cósmico ao tempo do trabalho, é a prova de que a tecnologia quilombola é ecologicamente informada (FERREIRA, 2010).

### **A Biologia Feminina e a Pureza da Matéria**

Os protocolos mais sensíveis regulam a participação da mulher no ciclo produtivo, ligando o corpo feminino diretamente à qualidade da cerâmica.

- **Regras do Ciclo Reprodutivo:** As mulheres que vão participar do mutirão de extração não devem estar menstruadas, pois a tradição dita que isso faria com que a argila ficasse "contaminada" ou impura.

- **Regras da Gestação:** Da mesma forma, as mulheres gr avidas tamb em não podem participar dessas tarefas, pois a crença é que poderiam "empanemar" a argila e a casca do caripé. Espiritualmente, a menstruação e a gravidez representam um estado de potência biológica que é considerado forte demais ou em transição, e essa potência poderia interferir na estabilidade do material, ou, em uma interpretação técnica, causar falha ou contaminação (COSTA, 2015). A obediência a estes protocolos reforça a autoridade matriarcal na transmissão do saber e a disciplina coletiva, transformando o corpo da mulher no primeiro laboratório da técnica ceramista.

O termo ‘empanemar’ é utilizado no contexto de comunidades tradicionais para designar a crença de que o estado biológico (como a gravidez) pode causar mau agouro ou contaminar/prejudicar o produto ou a produção, resultando em falha material (a louça rachar ou se quebrar) ou na m  colheita do recurso.

## Escavação



Medindo o início da escavação (acima à esquerda); Medindo o meio da escavação (acima à direita); Buraco totalmente aberto (abaixo à esquerda); Distribuição do barro pelas louceiras (abaixo à direita). Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Com o buraco completamente escavado, confirma-se então a consistência do barro. Durante esse processo, as Louceiras entoam os ladrões de Marabaixo: O Marabaixo é uma manifestação cultural de matriz africana, central para a identidade amapaense. Os ladrões são versos improvisados que, ao serem entoados no momento técnico da extração do barro, atuam como um mecanismo de coesão social e de validação ritualística. Este ato de unir o canto (patrimônio imaterial) à confirmação da matéria-prima (patrimônio material) constitui a prova etnográfica da indissociabilidade entre o saber e o rito, sendo a própria memória da resistência quilombola materializada no trabalho (FERREIRA, 2010)., unindo a força do canto à pureza da terra.

Dona Marciana testando a consistência do barro.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

As Louceiras, como guardiãs do saber, seguem uma regra estrita que comprova a

ancestralidade do ofício: a proibição do contato do barro com metal durante a escavação, o que exige o uso das mãos ou de ferramentas rústicas. O metal é associado à pressa e à impureza.

A extração é, portanto, uma prática de tecnologia social e manejo sustentável, onde a ética e a cosmologia determinam a forma de interação com o meio ambiente (FERREIRA, 2010).

### **A Mãe do Barro: Cosmologia e Rito na Gestão da Matéria-Prima**

A produção da Louça de Maruanum é indissociável de um complexo sistema de crenças que rege a relação entre a mulher, a terra e o ofício. A crença na Mãe do Barro (ou Vovozinha), figura central na cosmologia local, está profundamente presente no processo ritualístico das Louceiras. Eu interpreto que essa entidade funciona como o princípio regulador espiritual da atividade extrativa e produtiva.

Ao se dirigirem à Mãe do Barro, as artesãs não apenas agradecem pela abundância da argila um recurso finito como também invocam sua proteção para o momento mais crítico do ciclo: a queima das peças. Essa ação ritualística demonstra que a qualidade e o sucesso tecnológico do produto final (a louça) dependem tanto da técnica apurada (uso do caripé, técnica manual) quanto da permissão e bênção espiritual da guardiã do território.

O rito sublinha a gestão ambiental tradicional da comunidade. O ato de pedir licença e agradecer pela abundância da argila reforça a ideia de que o recurso não é inesgotável. Essa relação de respeito e reverência é, na prática, o mecanismo social e espiritual que garante a sustentabilidade da extração. A Louceira, ao se conectar com a Mãe do Barro, reafirma seu

papel de protagonista e de elo entre o mundo material e o espiritual, garantindo a coesão do saber-fazer ao longo das gerações. Antes de depositar as oferendas no buraco, as louceiras fazem agradecimentos pelo barro dado pela Vovozinha.



Louceira Castorina fez um alguidar (acima à esquerda); Louceira Dona Marciana fez um fogão (acima à direita); Louceira fez um cachimbo (abaixo à esquerda); oferendas à Mãe do Barro (abaixo à direita). Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

A análise das fontes revelou que a prática de utilizar galhos ou instrumentos de madeira para a escavação da argila é central para a manutenção da pureza do material. Esta regra não é opcional: ela é um rito transmitido pelos antepassados, baseado na crença de que o contato com instrumentos de metal (como pás e enxadas) tornaria a terra do barreiro impura.

Minha interpretação é que essa proibição do metal é um poderoso símbolo de resistência cultural. Ela sublinha a preferência pela tecnologia ancestral e pelo ritmo natural do quilombo, em oposição à pressa e à mecanização da sociedade externa (FERREIRA, 2010). Ao seguir o ritual de retirada do barro repassado pelas gerações anteriores, as Louceiras reforçam sua conexão espiritual com a "Mãe do Barro".

Retirada de galhos de árvore e preparo dos galhos pontiagudos.



## 2. Fase 2: O Segredo do Caripé e a Preparação Química

Após a coleta, a argila é levada para a palhoça, onde inicia o processo de purificação e mistura. A durabilidade da louça de Maruanum reside no conhecimento prático de química ancestral.

A etapa crucial é a adição do caripé um pó fino, cinzento, resultado da queima e trituração de cinzas orgânicas de cascas de árvores amazônicas (como a *Licania scabra*). O caripé funciona como um antiplástico natural. As Louceiras dominam a dosagem exata desse componente para reduzir a retração da argila durante a secagem e o fogo. Este conhecimento etnobotânico e químico, transmitido oralmente, é a prova da sua ciência aplicada, garantindo que a peça não rache, o que é a essência da sua sobrevivência tecnológica .

Casca do cariápe (à esquerda) e cinzas do cariápe (à direita).



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

### Divisão e Armazenamento

As louceiras em forma de mutirão dividiram o barro. A divisão do barro pelas Louceiras em forma de mutirão é um forte indicativo de uma tecnologia social de origem afro-brasileira e quilombola. Este arranjo de trabalho coletivo é um princípio fundamental de governança comunitária que visa a distribuição equitativa do recurso. Ao organizarem o mutirão para a divisão da matéria-prima, as Louceiras reforçam o protagonismo feminino na gestão do território e da produção

Minha pesquisa reside na interseção entre o passado e o futuro, e essa perspectiva é elegantemente confirmada por uma simples observação etnográfica: a substituição das folhas de

sororoça pelos sacos de plástico para o armazenamento da argila. Este não é um detalhe trivial; é a prova cabal de que a manutenção da tradição não é sinônimo de estagnação. Eu constatei na bibliografia pesquisada, que o ofício das Louceiras demonstra uma capacidade inegável de adaptação tecnológica.

A prática ancestral foi substituída pelo plástico com o objetivo de otimizar o tempo e, crucialmente, garantir a melhor conservação da matéria-prima, pois o material moderno era "mais resistente e conservava por mais tempo a argila". Meneses (2012, p. 49) sustenta que o patrimônio é um campo em constante transformação, e essa atitude das Louceiras é a materialização desse princípio.

### **Divisão das bolas de argila.**



Momento de partilha do barro (acima à esquerda); Louceira Castorina armazenando o barro. (acima à direita); Louceira amassando a bola de barro (abaixo à esquerda); argila já ensacada(abaixo à direita).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

## Árvore de Sororoca



Fonte: Rede de Sementes do Xingu (2019).

### **O fechamento do buraco:**

A tradição ceramista de Maruanum é um notável exemplo de ação socioambiental enraizada na cosmologia. A gestão do barreiro (local de extração da argila) não é aleatória; ela é regida por um sistema de normas que assegura a sustentabilidade do recurso, o que confere ao saber-fazer um valor científico inegável.

É importante ressaltar que a tradição quilombola incorpora protocolos voltados para a sustentabilidade. As Louceiras observam e praticam um rigoroso rodízio na área de extração, limitando a coleta do barro a períodos específicos do ano (no máximo duas vezes), permitindo que o barreiro descansa por boa parte do ciclo anual. Este é um ato de governança ambiental tradicional. O mais fascinante é a crença subjacente: as Louceiras atestam que a área se regenera com o tempo, atribuindo essa capacidade benevolente à "Mãe do Barro ou vizinha como é chamada.

Elas observam que os buracos de um ano para o outro estão praticamente reconstituídos. Minha pesquisa evidenciou que a crença na Mãe do Barro funciona como o princípio regulador que garante a eficácia do manejo. A pausa na extração motivada pela crença na pureza do barro e

na regeneração da Mãe é, na prática, uma racionalização ecológica do recurso. Esse sistema de rodízio e de extração sazonal, que evita a exaustão da argila e dos recursos orgânicos (o Caripé), prova que o saber-fazer das Louceiras é uma tecnologia socialmente referenciada que prioriza o equilíbrio ambiental e a continuidade da produção conforme Costa(2015).

### Fechamento do buraco



Ajudando a tampar o buraco (acima à esquerda); Louceiras tampando o buraco (acima à direita); Buraco tampado (abaixo à esquerda); Buraco se regenerando (abaixo à direita).

Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

### 3. Fase 3: A Modelagem Manual

A modelagem é o momento da criação artística, dominada pela técnica do rolete (ou modelagem por rolos). Esta técnica é feita integralmente à mão, sem o auxílio do torno, o que reforça o domínio manual e o protagonismo feminino sobre a produção (COSTA, 2015).

O processo exige paciência e precisão: a Louceira empilha longos rolos de argila em espiral, alisando-os com os dedos para criar paredes homogêneas. O ritmo do acordelado não é apenas técnico; é o ritmo da própria comunidade, um ato que transforma o barro em objeto de uso e símbolo de identidade (FERREIRA, 2010).

Dona Carmosina mostra como é o processo de tessitura da louça em roletes



Louceira Carmosina preparando a argila com cariapé (acima à esquerda); Louceira fazendo roletes de argila (acima à direita); Louceira colocando o primeiro rolete sob o fundo da tigela (abaixo à esquerda); Louceira modelando a peça (abaixo à direita). Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

#### **4. Fase 4: Secagem, Polimento e o Julgamento do Fogo**

Após a modelagem, as peças passam por um período de secagem e um rigoroso polimento para o acabamento. A etapa final e mais crítica é a queima, o verdadeiro "julgamento" do saber-fazer.

##### **A Secagem: A Lição da Paciência**

A secagem das peças é um processo lento e gradual, realizado à sombra, nunca sob o sol direto. A rapidez na secagem provocaria a contração irregular da argila, levando a fissuras e rachaduras (falha que o Caripé visa minorar). Eu vejo nesta etapa uma lição de paciência: o tempo de secagem é determinado pelo clima amazônico e pela sabedoria da Louceira.

As mestras precisam monitorar constantemente a umidade das peças, garantindo uma secagem uniforme e completa antes de submetê-las ao calor (FERREIRA, 2010). Essa vigilância é a primeira prova de que o ofício é um sistema tecnológico que exige adaptação às condições ambientais locais.

##### **O Polimento: Estética, Vedação e a Marca Pessoal**

O polimento é a etapa de acabamento que confere à louça sua estética final, mas também tem uma função técnica. A Louceira utiliza objetos lisos, como pedras polidas ou cabaças, para

alisar e compactar a superfície da peça.

- **Função Técnica:** A compactação superficial obtida pelo polimento ajuda a vedar os poros da argila, o que aumenta a resistência e diminui a permeabilidade do objeto final, aspectos cruciais para a louça utilitária.3. O Julgamento do Fogo: Tecnologia da Resistência e Rito de Passagem.

- A queima é a fase de clímax, o momento da transformação definitiva. Eu a chamo de "Julgamento do Fogo" porque ela decide se a peça é digna de carregar a memória da comunidade.

**Tecnologia Rudimentar:** A queima é realizada fogueiras ao ar livre, geralmente no quintal da casa da louceira, ou em estruturas simples, o que é uma característica da tecnologia ancestral conforme (COIROLO, 1991, p.86), “a cerâmica não pode ser queimada no meio do caminho das pessoas, pois existe gente de maus-fluidos” (COIROLO, 1991, p.86).

Essa técnica exige um profundo conhecimento empírico da termometria (Física do Calor), pois a Louceira deve controlar a intensidade e a distribuição do calor apenas pela observação da fumaça e da cor das chamas, que aumenta a resistência e diminui a permeabilidade do objeto final, aspectos cruciais para a louça utilitária.

### Tecnologia da Resistência e Rito de Passagem

Louça sendo polida com pedra de seixo.



Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Momento da queima das louças do Maruanum.



Louceira fazendo a cruz com um pedaço de carvão na peça (acima à esquerda); Louceira acomodando as peças para queima (acima à direita); Louças todas organizadas para a queima (abaixo à esquerda); Louças cobertas por pedaços de lenha (abaixo à direita). Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

O Rito de Passagem: As peças que resistem ao fogo demonstram a eficácia da tecnologia (o uso do Caripé e a precisão da modelagem). A louça que sobrevive ao calor extremo torna-se a metáfora da resistência quilombola e do sucesso tecnológico (GONÇALVES, 2007).

O ciclo produtivo é concluído, e a peça finalizada carrega consigo a história, o ritual, a ciência e a resistência da mulher que a criou. A identificação dos "desenhos" ou grafismos de cada Louceira (a "assinatura" individual) é um detalhe etnográfico, pois mostra o domínio estético e a diversidade dentro da unidade técnica (COSTA, 2015).

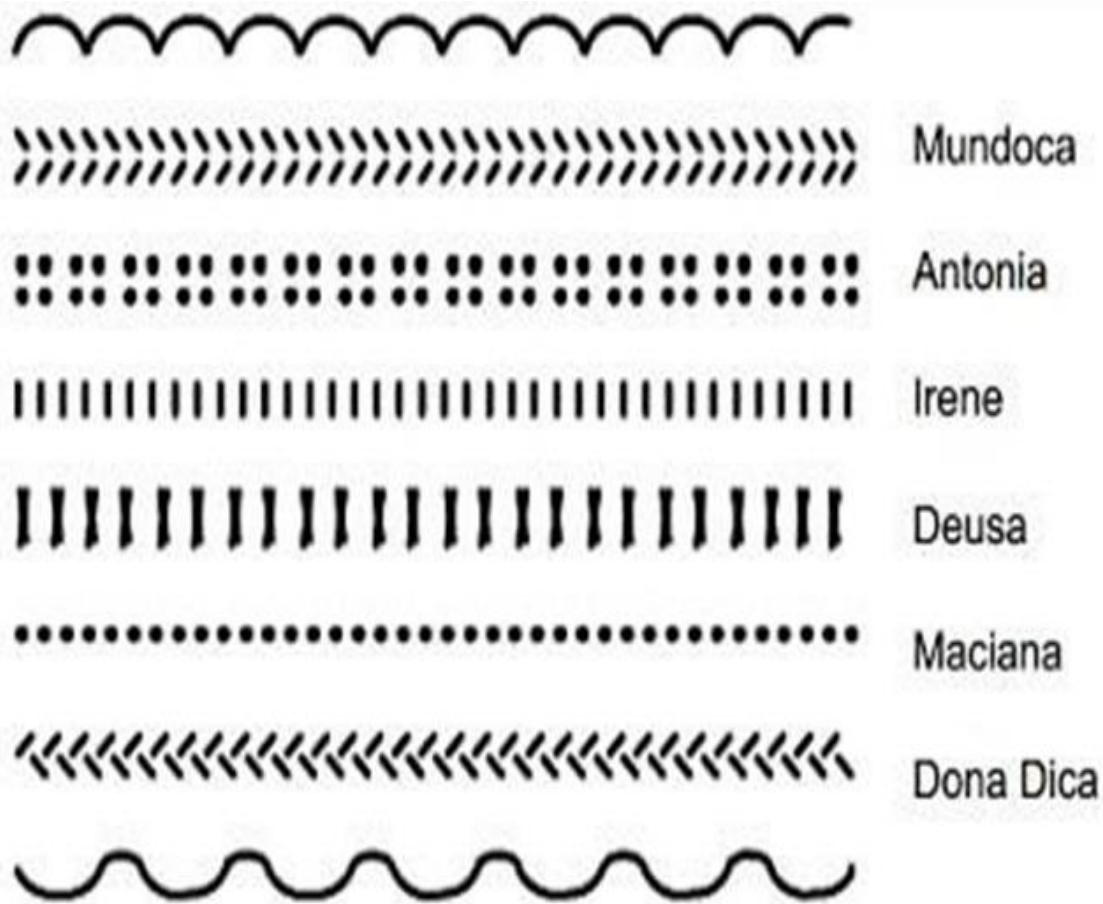
Técnica de Incisão: Baseado na bibliografia consultada, evidenciei que os padrões não são pintados ou esmaltados, mas sim gravados (incisos) na argila ainda úmida, utilizando objetos pontiagudos ou lisos. Isso é confirmado pela menção de que as Louceiras "cavam as paredes" das peças. Motivos Geométricos e Simbólicos: Os grafismos tendem a ser geométricos, compostos por linhas, pontilhados, e traços que se repetem.

- É comum que esses padrões tenham origem no vasto repertório iconográfico indígena amazônico, podendo representar elementos da natureza, como a pele de animais (onça, jiboia) ou o casco de jabuti.

- Função de Assinatura: O polimento e os grafismos variam sutilmente de Louceira para Louceira, servindo como a "assinatura" da mestra (COSTA, 2015), o que reforça o

protagonismo individual dentro do coletivo.

Pontos das louceiras do Maruanum.



Fonte: Naramazonie (2012).

### **Impermeabilização com Jutaicica: A Tecnologia Final e o Controle Artístico**

Após a queima a peça de cerâmica das Louceiras de Maruanum é imediatamente submetida à fase final e crucial do processo: a impermeabilização com a resina vegetal de jutaicica. Este não é um simples acabamento, mas uma tecnologia de vedação de origem indígena, fundamental para a funcionalidade e a estética da louça.

### **O Rito da Resina Quente**

A jutaicica é uma resina natural extraída do jutaizeiro (*Hymenea courbaril*), uma árvore nativa da Amazônia (COSTA, 2014). Essa resina é largamente utilizada nas tradições indígenas amazônicas e, no saber-fazer quilombola, é a responsável por duas funções vitais: fechar todos os poros da cerâmica, evitando a infiltração de líquidos na peça, e conferir o brilho característico da louça.

## Ciência, Cor e Controle da Temperatura

A impermeabilização é um momento de controle artístico e tecnológico que define a cor final da louça. A Louceira utiliza o fator tempo (e, conseqüentemente, a temperatura da peça) para determinar a estética:

- Se o processo de impermeabilização for realizado imediatamente quando a peça sai do fogo (temperatura máxima), a louça tende a ficar escura.
- Se o processo for realizado logo em seguida (com a peça em temperatura ligeiramente mais baixa), a louça tende a ficar mais clara.

Em contato com o ar, o calor e o vento, a resina de jutaicica endurece, tornando-se brilhante e transparente (COSTA, 2014). Eu interpreto que essa capacidade da Louceira de manipular a cor por meio da temperatura demonstra um profundo conhecimento empírico da física do calor e da reação química da resina, provando que o saber-fazer é um sistema de tecnologia complexo. A Louceira, portanto, é a engenheira que controla o destino final da peça.

### Processo de impermeabilização das peças.



Resina da jutaicica in natura (acima à esquerda); bastão com a fixação da resina (acima à direita); Louceira impermeabilizando a peça (abaixo à esquerda); Peças impermeabilizadas (abaixo à direita). Fonte: COSTA, Célia Souza da (2018).

Vamos conhecer mais o gênero HQ.

Vem comigo!

## **O gênero textual História em Quadrinhos**

Conta uma história através da justaposição de imagens e texto em quadros sequenciais (os requadros). A sua força reside na capacidade de construir sentido por meio da relação entre o que é visto (imagem) e o que é lido (texto), exigindo do leitor uma leitura crítica e ativa (BITTENCOURT, 2016).

afinal o que é uma HQ?

### **Função Social**

promover reflexões sobre questões sociais, políticas e culturais. Além de ser uma ferramenta acessível e visual, as HQs ajudam a formar opinião, proporcionar empatia e representar diversas identidades, influenciando a sociedade e promovendo a inclusão e o diálogo.

### **CARACTERÍSTICAS**

- Narrativa Visual: Combinação de imagens e textos para contar a história.
- Formato Sequencial: As histórias são contadas em quadrinhos dispostos em sequência.
- Balões de Fala: Utilização de balões para diálogos e pensamentos dos personagens.
  - Personagens: Figuras cativantes e muitas vezes com características marcantes.
  - Acessibilidade: Linguagem simples, que facilita a compreensão de diversas idades e públicos.
  - Diversidade de Temas: Podem abordar desde entretenimento até questões sociais, políticas e educativas.

### **PARA QUEM É DIRECIONADO**

As HQs são produzidas para um público diversificado, abrangendo todas as idades e interesses. Elas podem ser direcionadas tanto para crianças, com histórias educativas e de entretenimento, quanto para adultos, abordando temas mais complexos e sociais.

A criação de personagens em Histórias em Quadrinhos (HQs) é a espinha dorsal da narrativa, exigindo do autor a capacidade de condensar a identidade e a psicologia em códigos visuais. Conforme o mestre Will Eisner (1999) postula, a eficácia do quadrinho reside na sua capacidade de evocar no leitor uma resposta imediata aos traços e gestos da figura humana.

### 1. Design, Simplificação e Reconhecimento Imediato

O desafio técnico da criação reside na simplificação. O quadrinista deve reduzir a complexidade da realidade a um traço que seja imediatamente reconhecível e memorável. Juan Acevedo (1990) enfatiza que o design visual deve ser coeso e servir à narrativa. Nessa perspectiva, o desenho do personagem deve transmitir, em poucas linhas, sua personalidade, sua história e seu papel social.

- Códigos Visuais: O autor deve dominar os códigos visuais para expressar, por exemplo, a sabedoria da Mestra (rugas, lenço, postura firme) ou a curiosidade da jovem protagonista (olhos grandes, linguagem corporal ativa).
- Modelagem da Emoção: O design não é estático; ele deve ser maleável para expressar as emoções cruciais da narrativa (medo do apagamento, alegria pela criação, concentração no rito). A variação do traço e do semblante é o que dá vida ao personagem.

### 2. Protagonismo e Fidelidade Cultural no PE

No contexto do nosso Produto Educacional (PE), a criação de personagens possui uma dimensão ética e histórica inegociável. A representação da Louceira não é apenas um exercício de design, mas um ato de reafirmação de identidade.

- Tradução do Protagonismo: Os alunos devem traduzir o Protagonismo Feminino (COSTA, 2015) em sua forma visual, garantindo que as Louceiras sejam representadas com autoridade e dignidade, e não como figuras folclóricas.
- Fidelidade Estética: O design dos personagens (e dos objetos que os circundam) deve refletir a estética afro-quilombola do Maruanum. Isso inclui a vestimenta, os traços físicos e o respeito pelos elementos como o barro e as peças.
- Criação de Arquétipos: A criação eficaz do personagem deve servir à narrativa

crítica. A Mestreira se torna o arquétipo da Tecnologia Ancestral, e a jovem, o arquétipo da Ponte Intergeracional.

Ao dominar a criação de personagens com essa profundidade, o estudante não apenas aprende a desenhar, mas assume a responsabilidade de narrar a História Local com precisão e compromisso social.

### **A Personagem como Fonte Histórica**

A fase de criação de personagens (Módulo 2) é onde a teoria do Ensino de História encontra a prática da Arte, exigindo que o aluno traduza papéis sociais em códigos visuais.

#### **1. Objetivo Didático: Protagonismo e Simplificação**

O objetivo não é formar artistas, mas historiadores visuais. O professor deve guiar o aluno para que ele entenda que o design da Louceira Mestreira e da Jovem Protagonista deve ser imediatamente reconhecível. O desafio é aplicar o conceito de simplificação: condensar a complexidade da realidade em traços essenciais (ACEVEDO, 1990).

- Instrução: Peça ao estudante para identificar os três traços visuais mais importantes da Louceira (Ex: Mãos calejadas, lenço na cabeça, postura firme). São esses traços que garantirão o reconhecimento imediato e a eficácia da comunicação visual (EISNER, 1999).

#### **2. Protocolo de Fidelidade Ética (Antirracismo)**

A criação do personagem deve cumprir uma função ética e antirracista, que é o foco da sua pesquisa. O professor deve garantir a Fidelidade Cultural e o Protagonismo Feminino (COSTA, 2015):

P

#### **3. Conclusão e Autoria Crítica**

Ao desenhar a Louceira com dignidade e técnica, o aluno está, na prática, corrigindo a invisibilidade curricular e exercendo sua autoria crítica, transformando o saber-fazer quilombola em um poderoso registro de memória (BITTENCOURT, 2016).

### Materializando a Memória em Códigos Visuais

O Desenho e a Arte-Final representam a culminação do processo criativo, transformando o roteiro da HQ em uma experiência visual impactante. Neste momento, o estudante assume o papel de diretor visual de sua própria pesquisa histórica.

#### 1. O Desenho e a Composição: Traduzindo a História em Planos

O desenho não é apenas representação; é retórica visual. O professor deve guiar o aluno para que ele use a composição do quadro para amplificar o significado do patrimônio:

- **Planos e Ângulos:** O aluno deve escolher o plano de forma intencional. Para ilustrar o Protagonismo Feminino (COSTA, 2015), o uso de um Plano Americano ou Plano Detalhe (foco nas mãos da Louceira) pode ser mais poderoso do que um plano geral. Eisner (1999) postula que a eficácia do quadrinho reside na sua capacidade de evocar no leitor uma resposta imediata aos traços e gestos, e a composição é a ferramenta-chave para isso.
- **Linguagem de Linhas:** O traço do desenho deve ser limpo o suficiente para comunicar a ação da técnica do rolete ou a tensão da queima. A linha é o primeiro elemento a ser dominado para garantir a clareza da narrativa sequencial.

#### 2. Arte-Final e Cores: Fidelidade Ética e Sentimento

A Arte-Final é a etapa em que o desenho é finalizado com nanquim ou caneta esferográfica escura, conferindo precisão e peso visual. A escolha das cores, por sua vez, carrega um profundo sentimento e significado cultural.

- **Cores e Identidade:** A paleta de cores deve refletir a realidade do Maruanum: tons terrosos (o barro, o solo), verdes (a floresta, o Caripé) e quentes (o fogo, a resistência). A cor deve reforçar a identidade afro-amazônica do enredo, evitando cores que descontextualizem a narrativa.
- **Efeito Antirracista:** Ao dar cores dignas e vibrantes aos personagens negros e ao seu ambiente, o aluno exerce uma prática de Educação Antirracista. Ele corrige visualmente a invisibilidade curricular, transformando a Louceira em uma figura de poder e destaque (BITTENCOURT,

2016).

- **Rigor Técnico:** A aplicação da cor e o uso da luz devem ser consistentes para guiar o olhar do leitor. Munari (2002) nos ensina que a organização visual é essencial para a clareza da mensagem; portanto, o uso consistente das cores na HQ é fundamental para a organização lógica do conteúdo.

A Arte-Final sela o compromisso ético do estudante: ela transforma o esboço em um produto final que honra a memória e a tecnologia ancestral das Louceiras.

## **Guia de Aplicação para o Professor: Desenho e Retórica Visual**

Este guia transforma os conceitos de composição e cor em exercícios práticos para o Módulo 2 da Sequência Didática (SD).

### **1. Ação 1: O Mapeamento do Poder (Composição e Enquadramento)**

**Objetivo:** Ensinar o discente a usar o ângulo do desenho para transmitir protagonismo e emoção.

- **Fundamento:** Eisner (1999) afirma que o quadrinho evoca uma resposta imediata. O professor deve traduzir isso para: Como você mostra o poder da Mestra?
- **Exercício Prático:**
  - **Comando:** Peça aos alunos para redesenharem o mesmo quadro (Ex: A Mestra aplicando a jutaica) em três ângulos diferentes:
    - **Ângulo 1 (Plano Detalhe):** Foco apenas nas mãos calejadas e na resina. Resultado: Enfatiza o trabalho e a habilidade.
    - **Ângulo 2 (Contre-Plongée/De baixo para cima):** A Mestra é vista de baixo.  
Resultado: Transmite poder, autoridade e protagonismo.
    - **Ângulo 3 (Plano Geral):** A Mestra é vista ao lado da casa de alvenaria e do forno.  
Resultado: Enfatiza a relação com o território.
  - **Discussão:** Promova uma roda de análise para que os alunos justifiquem qual ângulo melhor cumpre a Lei 10.639/03 (valorização da figura negra).

### **2. Ação 2: A Paleta Antirracista (Cor e Fidelidade Cultural)**

**Objetivo:** Usar a cor para reforçar a identidade quilombola e a função tecnológica do patrimônio.

- **Fundamento:** A cor carrega significado cultural e ético (BITTENCOURT, 2016). Munari (2002) exige coerência visual.

- **Exercício Prático:**

- **Paleta Limitada:** Oriente os alunos a usarem uma paleta limitada que evoque a Amazônia e o processo da cerâmica: tons terrosos/ocre (o barro), tonalidades escuras/preto (a jutaica e a identidade), e cores quentes (o fogo/resistência).
- **Arte-Final com Contraste:** O professor deve enfatizar o uso do nanquim (ou caneta preta) para dar peso e solidez às linhas das figuras, contrastando com o fundo, garantindo que a figura da Louceira não se perca no quadro, mas se torne o ponto focal de poder.

### **3. Conclusão: A Arte como elo de dialogo**

O professor deve concluir a aula afirmando que o desenho finalizado é um ato de resistência e empoderamento. Ao desenhar a Louceira com rigor, o aluno está corrigindo a invisibilidade que o livro didático oficial impôs e está, de fato, exercendo a cidadania crítica exigida pelo currículo.

## Diálogos e balões

### **Tipos de Balões e Sua Função Narrativa**

Os balões são cruciais, pois expressam o estado emocional, a fonte da comunicação e o tom do personagem. A forma do balão é tão importante quanto o texto que ele contém. Eu inicio a discussão sobre os balões de fala a partir de um marco: a conquista da voz pelo quadrinho. Antes de sua invenção, as falas dos personagens eram rigidamente confinadas a legendas dispostas abaixo das imagens um formato que eu considero estático. A revolução veio com a introdução do balão, um evento que, segundo minhas pesquisas e leituras, ocorreu por volta de 1896 ou 1897 nas histórias do Yellow Kid (Garoto Amarelo), criadas pelo quadrinista Richard Outcault.

É vital reconhecer, contudo, que essa técnica não foi uma invenção do século XIX. O pesquisador Paulo Ramos (em seu livro *A Leitura dos Quadrinhos*) nos lembra que a busca por integrar fala e

imagem é ancestral: os Maias já utilizavam recursos semelhantes, e Juan Acevedo, Barbara Postema e Thierry Groensteen confirmam o uso de filacteras frases usadas para indicar falas em pinturas cristãs na Idade Média (séculos XIII e XIV). O balão é a evolução moderna dessas filacteras, um recurso que Thierry Groensteen considera ser parte do próprio espaço constitutivo das histórias em quadrinhos, integrando-se ao layout da página. Além de falas, minha análise mostra que os balões são recursos multifacetados, indicando cochichos, pensamentos, gritos, ou até sons de aparelhos eletrônicos.

## **Definições e a Essência da Linguagem**

Com base nos dados encontrados, consigo perceber que os balões como o identificador primordial da linguagem dos quadrinhos. Sua função ultrapassa o diálogo; ele serve como um elemento narrativo e emotivo complexo:

- **Definição Fundamental:** O grande quadrinista Will Eisner define o balão como o recipiente do texto-diálogo proferido pelo emissor (Livro Quadrinhos e Arte Sequencial).
- **Integração e Convenção:** O teórico Juan Acevedo detalha essa função, descrevendo o balão como "uma convenção própria da história em quadrinhos que serve para integrar à vinheta o discurso ou pensamento dos personagens" (Livro Como Fazer Histórias em Quadrinhos).
- **Discurso Direto:** Meu colega Antônio Luiz Cagnin foca no aspecto linguístico, afirmando que o balão "é o elemento que indica o diálogo entre as personagens e introduz o discurso direto na sequência narrativa" (Livro Os Quadrinhos).
- **Voz e Significado:** O professor Waldomiro Vergueiro sintetiza a função do balão como uma maneira de nos indicar que "eu estou falando" (Capítulo A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária). De acordo com a visão da pesquisadora Barbara Postema crucial: ela nota que os "balões são inseridos nas vinhetas dos quadrinhos como portadores dos textos falados ou pensados pelos personagens", alertando que a variação de balões vai muito além da fala comum.

# TIPOS DE BALÕES EM HQS:

## GUIA VISUAL COMPLETO

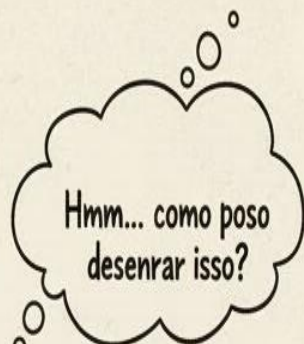
### FALA NORMAL



Diálogo comum, voz clara.



Ideias, reflexões, silêncio.



Ideias, reflexão,

### GRITO / RAIVA



Volume alto, raiva, susto.

### SUSURRO / MEDO



Fala baixa, confidencial. Canção, melodia, ritual.

### RÁDIO / MÁQUINA



Voz de aparelhos, distorção

## Balões de Onomatopeias para a HQ: Sons e Emoções Visuais

As onomatopeias são palavras que imitam os sons que representam, e na HQ, elas são apresentadas em balões ou grafias diferenciadas para amplificar a experiência do leitor. Elas são vitais para o mundo das Luceiras, pois dão voz aos elementos do seu trabalho.



Agora, vamos ver alguns exemplos de onomatopeias:

Explosão: **Bum! Kabum!**

Quebra: **Crack! Krak! Skrek!**

Batida: **Crash!**

Queda na água: **Splash!**

Pingos de chuva: **Plic! Plic! Plic!**

Trovão: **Cabrum! ou KRAK-A-BOOM!**

Golpe ou soco: **Pow! Soc!**

Sono: **ZZZZZZZZZZZZZZZZZZ!**

Campainha/interfone: **Ding Dong, Ring! Ring!** (também serve para telefone)



Choro: **Buááá**

Palmas: **Clap clap**



Metralhadora



Beijo



Tiro



Cavalgada



Vento forte



Carro de polícia



Raios



Freio



Carro acelerando



Relógio ou cronometro



Tosse



Choro



Palmas



Exemplo: Onomatopoeia de trovão e partida/corrida em Cascão Por que chove? Mauricio de Sousa produções - Editora Panini



## Ação 2: O Balão como Fonte de Informação (A Legenda)

Objetivo: Diferenciar o balão de fala (Diálogo) da Legenda (Caixa de Narração) para estruturar a voz do historiador na HQ.

- **Fundamento:** A Legenda, ou caixa de narração, representa a voz do Narrador Onisciente (RAMOS, 2012). No seu PE, ela é a voz do pesquisador ou do historiador.
- **Uso no Contexto da SD:**
  - **Caixa de Narração (Retangular):** Deve ser usada para inserir informações técnicas (Ex: "O Caripé é o antiplástico. A química da floresta...") ou para dar saltos temporais (Ex:"Anos se passaram..."). É a voz da pesquisa.
  - **Balão de Fala (Oval):** Deve ser usado exclusivamente para a voz da comunidade (a voz da Mestra, da Jovem, dos moradores).
- **Instrução Prática:** Peça aos alunos para identificarem no roteiro qual informação precisa ser dita por um personagem (diálogo) e qual informação precisa ser dita pelo historiador (narração). Isso os ensina a estruturar a narrativa de forma coerente e a separar a fonte primária (a Mestra) da análise (o pesquisador).

## 3. Conclusão: O Balão como Símbolo de Voz

O professor deve concluir a atividade enfatizando que o balão não é apenas um container para o texto, mas um símbolo de que a personagem conquistou sua voz na narrativa. Ao desenhar o

balão, os alunos estão, simbolicamente, garantindo que o conhecimento das Louceiras seja ouvido, projetando a memória do quilombo de forma clara e poderosa.

## Revisão e Finalização

A revisão e finalização de uma HQ são momentos decisivos para garantir que a história e a arte se conectem de forma coesa. É quando o roteirista e o ilustrador alinham os últimos detalhes para que a narrativa tenha o impacto desejado.

A primeira etapa é revisar o roteiro e os diálogos. A história precisa fluir de forma clara, sem contradições. Os diálogos devem ser naturais e ajudar a construir os personagens, sem sobrecarregar o leitor. A gramática e a pontuação também são fundamentais, já que um erro simples pode quebrar a imersão.

Depois, vem a análise da arte. A coesão no estilo visual é crucial. Cada quadro deve ser claro, detalhado e transmitir a emoção certa. A paleta de cores, por exemplo, pode dar vida a uma cena ou até mesmo transformar a leitura, criando o clima perfeito. As cores devem ser usadas para reforçar a narrativa, seja em tons quentes para momentos intensos ou frios para instantes de reflexão.

A composição dos quadros também não pode ser ignorada. A disposição das imagens na página deve guiar o olhar do leitor, criando uma leitura fluida. O ritmo da história é ajustado através do número de quadros, das pausas e da intensidade dos diálogos.

Por fim, a preparação para publicação envolve garantir que todos os detalhes técnicos estejam em ordem. A qualidade da resolução, o alinhamento de texto e imagem, e o formato final da HQ devem ser verificados para que a obra esteja pronta para ser compartilhada com o público.

Em resumo, a revisão e finalização de uma HQ são sobre refinar todos os elementos para que a história, as imagens e os diálogos se conversem de forma harmoniosa, garantindo uma experiência inesquecível para o leitor.

## Sequência Didática: Criação de HQs

A sequência didática a seguir propõe um passo a passo para a criação de HQs sobre as Louceiras do Maruanum. Cada etapa foi pensada para desenvolver diferentes habilidades nos alunos, desde a pesquisa e o roteiro até à finalização da história em quadrinhos.

### Etapa 1: Pesquisa e Roteiro

1. Pesquisa: Realize uma pesquisa sobre as Louceiras do Maruanum. Utilize artigos, vídeos e entrevistas para coletar informações sobre sua história, técnicas de produção, materiais utilizados e a importância de seu trabalho para a cultura local.
2. Roteiro: Com base na pesquisa, crie um roteiro para sua HQ. Defina o tema, os personagens, o enredo e os principais acontecimentos da história. Organize as ideias em uma sequência lógica e crie um esboço de cada página da HQ.

#### 1. Introdução ao Tema (1 aula)

- Objetivo: Apresentar o contexto das Louceiras do Maruanum, dando aos alunos uma visão geral da história.
- Atividades:
  - Exposição: Explique o que são as Louceiras do Maruanum apresentando um resumo da sua História, seus personagens principais e o contexto histórico e cultural.
  - Discussão: Realize uma roda de conversa para debater o tema, incentivando os alunos a expressarem suas impressões sobre o enredo, personagens e elementos culturais.
  - Vídeo ou Leitura: Caso existam adaptações em vídeo ou livros, realize a leitura ou exibição para introduzir o tema de forma lúdica.

### Etapa 2: Criação dos Personagens

1. Desenvolvimento: Crie os personagens da sua HQ, pensando em suas características físicas, personalidades e motivações. Utilize elementos da cultura amazônica para criar personagens autênticos e representativos.

#### Estudo dos Elementos da HQ (1 aula)

- Objetivo: Ensinar aos alunos os elementos fundamentais da HQ e como construir uma narrativa visual.
- Atividades:
  - Explicação teórica: Apresente os elementos de uma HQ, como os quadros, balões de fala, onomatopeias, transições de cena, personagens e o uso de imagens e texto para contar uma história.

- **Análise de Exemplos:** Mostre algumas HQs ou trechos de HQs relacionadas a histórias com elementos culturais ou históricas, apontando como esses elementos são retratados.
  - **Discussão:** Pergunte como esses elementos podem ser aplicados à história das Louceiras do Maruanum, destacando pontos que podem ser mais visuais (como o cenário, a interação entre personagens, os momentos de tensão, etc.).
1. **Esboços:** Faça esboços dos personagens em diferentes poses e expressões, para que você possa utilizá-los na criação dos quadrinhos.
- **Objetivo:** Produzir os primeiros esboços da HQ, desenhando as páginas e desenvolvendo os diálogos.
  - **Atividades:**
    - **Esboço de Quadrinhos:** Os alunos começam a desenhar as páginas da HQ, focando em esboços rápidos. Eles devem definir onde os balões de fala irão e qual a sequência de quadros será seguida.
    - **Revisão de Roteiro:** Revise com os alunos o roteiro da HQ, ajustando quaisquer elementos que não estejam claros ou que necessitem de mais detalhes.

### **Etapa 3: Desenho e Arte-Final**

- **Desenho:** Utilize os esboços do roteiro e dos personagens para desenhar as páginas da HQ. Lembre-se de utilizar diferentes planos e ângulos para criar dinamismo e interesse visual.
- **Atividades:**
- **Aperfeiçoamento dos Desenhos:** Oriente os alunos a passarem seus esboços a limpo, adicionando detalhes e dando mais profundidade às cenas.
- **Arte-Final:** Reforce os traços do desenho com caneta nanquim ou outra ferramenta de sua preferência. Apague os traços a lápis e prepare a página para a próxima etapa.

### **Etapa 4: Diálogos e Balões**

- **Diálogos:** Crie os diálogos dos personagens, utilizando uma linguagem adequada ao contexto da história e à personalidade de cada um. Finalizar a inserção dos balões de fala e ajustar a escrita dos diálogos. Garantir que a narrativa visual tenha fluidez.
- **Diálogos e Onomatopeias:** Orientar os alunos sobre a escrita de diálogos concisos e expressivos. Ensine como usar as onomatopeias de maneira divertida para representar sons ou emoções.
- **Balões:** Insira os diálogos nos balões de fala, posicionando-os de forma clara e organizada na página. Utilize diferentes tipos de balões para indicar diferentes tipos de fala (pensamento, grito, sussurro, etc.).

## **Etapa 5: Revisão e Finalização**

- **Revisão:** Revise a HQ, verificando a ortografia, a gramática e a coerência da história. Peça a opinião de outras pessoas para identificar possíveis erros ou sugestões de melhoria.
- **Finalização:** Finalize a HQ, colorindo as páginas, adicionando efeitos especiais e criando uma capa atrativa. Digitalize a HQ e compartilhe-a com seus amigos e familiares.

## **Etapa 6: Avaliação (1 aula)**

- **Objetivo:** Avaliar o processo criativo e o produto final dos alunos.
- **Atividades:**
- **Autoavaliação e Avaliação pelos Colegas:** Solicite que os alunos façam uma autoavaliação sobre o seu trabalho, destacando o que aprenderam, dificuldades encontradas e pontos que gostaram no resultado. Além disso, promova uma avaliação pelos colegas, incentivando um feedback construtivo.
- **Avaliação Final:** Faça uma avaliação geral da produção, considerando a criatividade, a construção narrativa e a relação com o tema proposto.

## **FICHA DE AVALIAÇÃO:**

A Ficha de Avaliação das HQs (Histórias em Quadrinhos) deve ser um instrumento claro e objetivo para avaliar aspectos técnicos, criativos e conceituais do trabalho. Ela deve levar em consideração vários critérios, como a qualidade da narrativa visual, a fidelidade ao roteiro, a fluidez da história e o impacto emocional, entre outros. A seguir, estão os principais critérios que devem ser incluídos na ficha de avaliação, com suas justificativas:

## MODELO DE FICHA DE AVALIAÇÃO: Trabalhos de HQ sobre as Louceiras do Maruanum

Nome do Aluno: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Título da HQ: \_\_\_\_\_

Professor(a): \_\_\_\_\_

Critério	Descrição	Pontuação
Criatividade e Originalidade	A história apresenta ideias novas e originais? O enredo é único e interessante?	0 a 10
Desenvolvimento da História	A narrativa tem começo, meio e fim bem definidos? A história é coesa e fluida?	0 a 10
Adequação ao Tema	A HQ explora de maneira eficaz o contexto das Louceiras do Maruã, respeitando a cultura, história e características do tema?	0 a 10
Construção dos Personagens	Os personagens são bem desenvolvidos? Suas características, motivações e evoluções são claras e coerentes?	0 a 10
Enredo e Diálogos	Os diálogos são naturais e ajudam a desenvolver os personagens e a trama? O enredo é interessante e cativante?	0 a 10
Estrutura Visual	A disposição dos quadros, o ritmo da leitura e a clareza na organização das páginas estão bem feitos?	0 a 10

Arte e Estilo de Desenho	A arte é expressiva e bem executada? As ilustrações transmitem emoção e capturam a essência da história?	0 a 10
Cores e Ambientação	As cores (ou o uso do preto e branco) são adequadas para a atmosfera da história? A ambientação é visualmente coerente?	0 a 10
Uso dos Balões e Tipografia	Os balões de fala são bem posicionados e não sobrecarregam os quadros? A tipografia é legível e adequada ao estilo da história?	0 a 10
Inovação na Apresentação	A HQ apresenta elementos gráficos inovadores ou técnicas criativas? Há experimentação visual que contribui para a narrativa?	0 a 10

Comentários do Professor

Pontuação Total: \_\_\_\_\_ / 100 neste espaço professor atribue a nota

Observações Gerais:

Espaço reservado para observações sobre a produção. Também usado para elogios

## Espaços para Criação de Quadrinhos

Agora que você já tem o material sobre as Louceiras do Maruanum, solte sua imaginação e crie histórias incríveis inspiradas na cultura amazônica.

Apoio sobre o poema na perspectiva da autora.

O poema "**O Legado das Mãos de Barro**" foi concebido nesta pesquisa como um instrumento de Letramento Histórico. Iniciar a Sequência Didática por meio da poesia cumpre a função de romper com a frieza dos manuais técnicos, permitindo que o estudante acesse o território do Maruanum pela via da afetividade e da identidade.

Para orientar o uso deste recurso em sala de aula, apresento os eixos de análise contidos nos versos:

## 1. O Barro como Documento e Herança

Ao afirmar que "*O barro aqui não é só chão. É herança*", o texto convida o aluno a desnaturalizar a matéria-prima. O professor deve mediar a percepção de que a argila, para a comunidade quilombola, é um repositório de memórias. É o ponto de partida para discutir a **Educação Patrimonial**, onde o objeto (a louça) é indissociável de quem o faz (a Louceira).

## 2. A Categoria "Saber-Ciência"

O poema introduz termos técnicos fundamentais: **Rolete** e **Caripé**.

- **O Rolete:** Representa a engenharia manual, a paciência e a proporção (Matemática e Artes).
- **O Caripé:** Citado como "*segredo fiel / que a ciência da mata ensinou de pé*", este trecho surge como meio para a interdisciplinaridade com a **química**. O professor pode explorar como a queima da casca da árvore *Licania scabra* gera a cinza que atua como antiplástico, garantindo a resistência térmica da peça. Aqui, a poesia valida o saber ancestral como conhecimento científico rigoroso.

## 3. O Protagonismo Feminino e o Território

A figura da "**Mãe do Barro**" lhes confere a licença para retirada da argila. O poema destaca que a mestria não está em livros, mas nas mãos e na oralidade. Assim meu colega professor deve usar esses versos para problematizar o silenciamento das mulheres negras na história oficial do Amapá, trazendo o conceito de Soberania Intelectual o direito do quilombo de ser dono de sua própria narrativa.

## 4. A HQ como Ponte de Continuidade

O desfecho do poema: "*Se a nova geração desvia o olhar / A HQ será o espelho e a ponte*" justifica a escolha do suporte mediático deste Produto Educacional. O texto prepara o aluno para a fase de **Materialização**, onde ele deixará de ser apenas leitor da poesia para tornar-se autor de sua própria História em Quadrinhos, garantindo a salvaguarda desse patrimônio imaterial.

**Sugestão de Mediação:** Colega Professor, encoraje os estudantes a realizarem uma leitura visual do poema antes de começarem o desenho. Quais cores, cheiros e sons esses versos evocam? Essa sinestesia é o que dará alma aos quadrinhos que serão produzidos.

Esta HQ foi criada a partir do poema:

“O Legado das Mãos de Barro”

O barro, aqui, não é só chão. É herança.

O rio Maruanum guarda a voz que guia. Na pele preta, o sol se faz lembrança,

Do Quilombo que resiste, dia após dia.

A Louceira não amassa, ela conversa;

com a argila que tem nome e tem alma.

É a Mãe do Barro quem lhe tira a pressa,

Na dança das mãos, que acalma e se acalma.

Rolete sobe, um por um,

Sem torno, sem pressa, em

ritmo de fé.

Ela usa o Caripé, segredo fiel, que a ciência da mata ensinou de pé. O

fogo queima e a forma não se rompe, pois nela pulsa a força da Mulher.

É mais que barro, é memória que rompe O silêncio do esquecimento, se você quiser ver.

Se a nova geração desvia o olhar, A HQ será o espelho e a ponte.

Para que a história aprenda a falar, E o barro, em cores, jorre de outra fonte.

Autora: Gleib Brazão

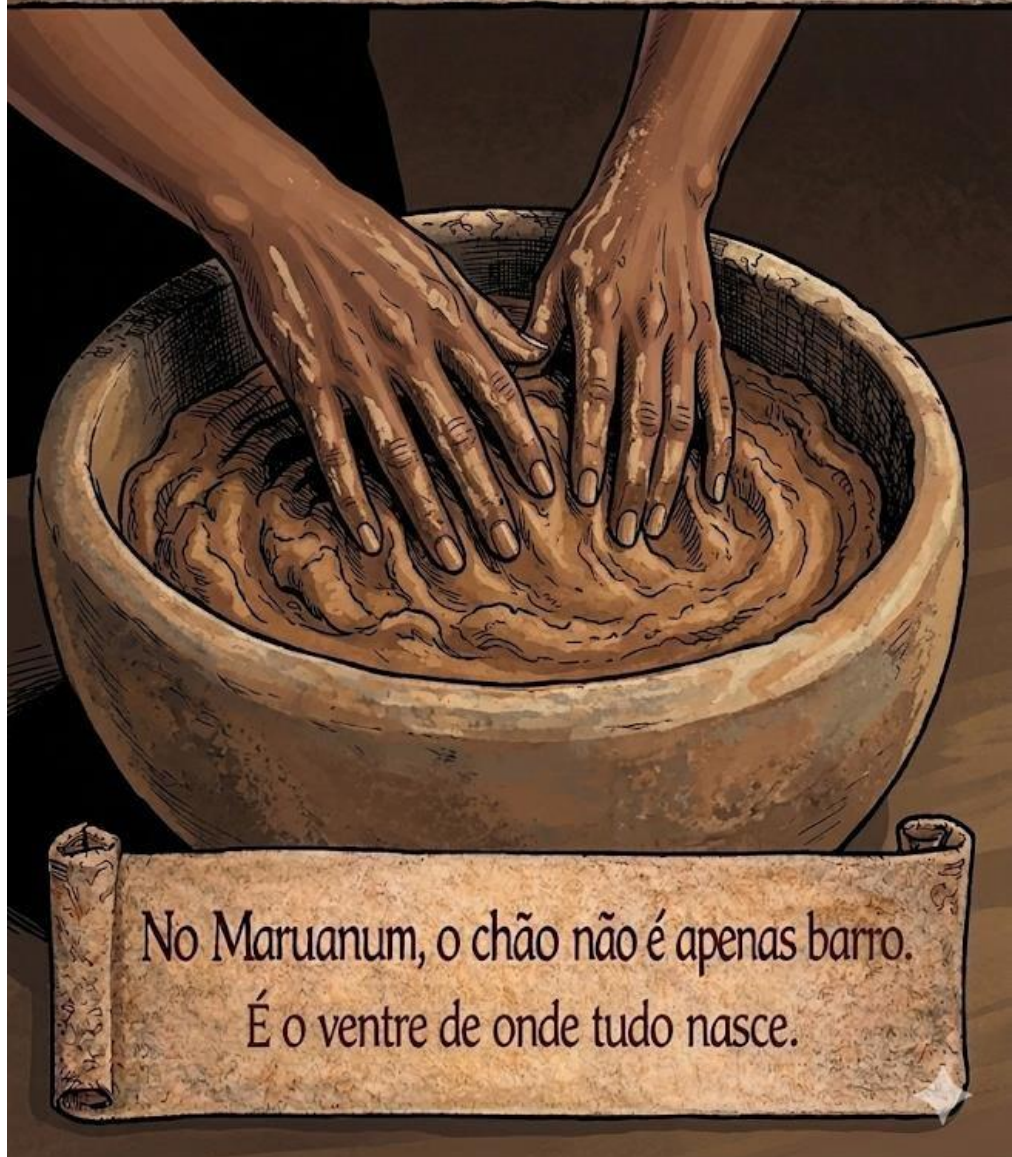
# O Segredo do Barro: Uma História de Resistência Quilombola

vs.

## O Apagamento

### O Legado das Mãos de Barro

---



No Maruanum, o chão não é apenas barro.  
É o ventre de onde tudo nasce.



O barro, aqui, não é só chão.  
É herança.



O rio Maruanum guarda a voz que guia,



A Louceira não amassa, ela conversa;  
Com a argila que tem nome e tem alma.



É a mãe do Barro quem lhe tira a pressa,  
na dança das mãos que acalma e se acalma



**Rolete** sobe, um sobre o outro,  
sem torno, sem pressa, em ritmo de fé.



Ela usa o Coripé, segredo fiel,  
Que a ciência da mata ensinou de pé.

Pois nela pulsa a força da Mulher.

O barro é nossa mãe. Ele começa no barro, mas é através das mãos que ganha forma.



Veja como a argila se enrola, criando uma espiral, que depois será alisada e unida. Esse é o segredo para fazer uma peça forte e durável.



Sim, minha filha. O caripé, esse pó de cinza, também é parte importante. Ele ajuda o barro a não rachar quando colocamos na queima.



Essa técnica é mais que uma habilidade, é herança. Minha avó me ensinou, hoje passo para vocês.



Viu como sua peça ganhou vida? Agora, com a queima, ela vai ganhar força e resistir ao tempo. Como nós resistimos.



Agora vocês entendem. O barro é nossa memória, e as mãos de vocês vão continuar a história.



Vó... por que isso tudo é tão importante?



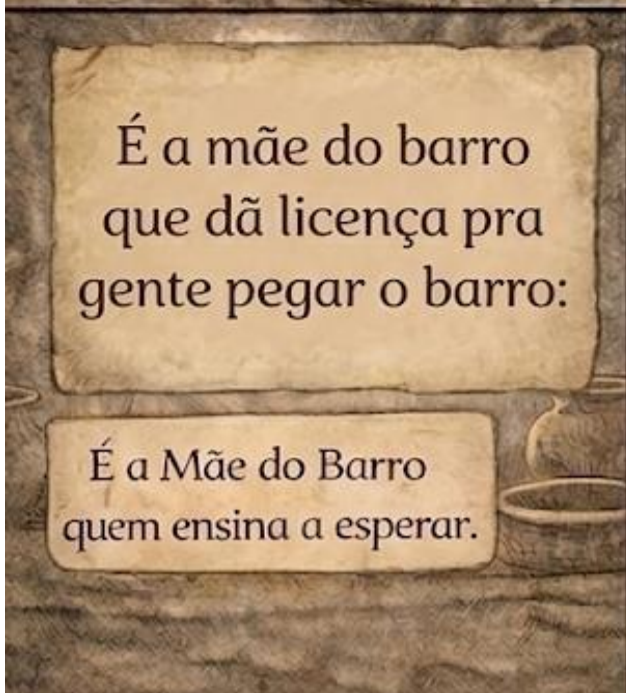
Porque o que a gente esquece.. morre.

O barro lembra da gente.  
Ele guarda o caminho.



É difícil...

O barro não apaga. Ele espera.



É a mãe do barro que dá licença pra gente pegar o barro:

É a Mãe do Barro quem ensina a esperar.



Isso aqui não é só trabalho.

Então, eu ajudo a manter vivo.



A escola não substitui o território.  
Ela amplia a voz dele.



Continue nosso legado.

Patrimônio é o que pulsa.  
É o que reexiste.  
É a nossa voz moldada no barro.

FIM

## Agradecimentos

A jornada que resultou nesta Sequência Didática, o cerne do meu Produto Educacional, não foi percorrida sozinha. É com o coração transbordando de gratidão e um profundo senso de responsabilidade que dedico estas palavras, reconhecendo a complexa rede de apoio e inspiração que tornou possível transformar a teoria em uma ferramenta de ação.

Eu sou, antes de tudo, grata à força invisível que me guiou: a memória ancestral. Às Louceiras de Maruanum, em especial às mestras que, através dos relatos documentais e etnográficos, que pude obter através da bibliografia consultada, permitiram que eu compreendesse a urgência de seu saber-fazer. A vocês, que transformam o barro em vida e o rito em resistência, meu mais profundo e eterno reconhecimento. Esta SD nasceu da admiração pela sua luta contra o silêncio e o esquecimento.

Agradeço imensamente à academia, meu espaço de transformação. Ao corpo docente do Mestrado Profissional em Ensino de História, em especial a minha orientadora Dra. Ana Cristina Rocha, que não apenas me forneceu o rigor teórico, mas também a licença para ser ousada e criativa, incentivando a busca por metodologias que rompessem com o currículo tradicional. Meu sincero obrigado pela formação que me permitiu ver o saber ancestral com os olhos da ciência.

Estendo meus agradecimentos a todos os pesquisadores e autores cujos trabalhos de campo (como os de Ferreira, Costa, entre tantos) deram acesso à realidade das Louceiras. Sem o seu rigor etnográfico, esta Sequência Didática seria vazia; vocês são as pontes que ligam a universidade ao quilombo.

### **Um Convite Pessoal aos Colegas Educadores**

E, finalmente, eu me dirijo a você, colega professor(a), que agora segura esta cartilha. Meu maior agradecimento é pela sua coragem de embarcar nesta missão. Sei que o currículo é apertado e os desafios são imensos, mas eu os convido a não ver esta SD como mais uma tarefa, e sim como a ferramenta de reparação e emancipação que a Lei nº 10.639/03 exige.

Esta HQ é a nossa chance de provar que a História Local é o motor da cidadania. Juntos, faremos do barro uma tecnologia didática e do quadrinho o alto-falante para lutar contra o apagamento de memória. Que a sua paixão pela educação seja o fogo que, assim como na fogueira do Maruanum, transforma o material bruto (o desinteresse) na peça mais forte e brilhante: o aluno

consciente e protagonista.

Com a esperança de que esta ferramenta transforme a sua sala de aula e, conseqüentemente, o futuro do Amapá.

Com gratidão e compromisso com o saber-fazer.

Este material é dedicado à valorização da cultura amazônica e ao fortalecimento da identidade local.

## Referências Bibliográficas

1. AMAPÁ. Secretaria de Estado da Educação (SEED). Referencial Curricular Amapaense (RCA). Macapá, 2019. (Documento utilizado para contextualização regional e exigência da História Local).
2. ABREU, Regina. Tesouros Humanos Vivos: a política dos mestres de saber e fazer. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. (Sustenta o protagonismo feminino e a crise da transmissão).
3. ACEVEDO, Juan. Como Fazer Histórias em Quadrinhos. São Paulo: Global Editora, 1990.
4. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2016. (Usada para a necessidade de letramento crítico e contextualização).
5. BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: MEC, 2018. (Documento fundamental que estabelece as habilidades e a abertura para linguagens diversificadas no Ensino de História).
6. CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975. (Ou reedição pela Criativo, 2014)
7. COIROLO, B. A arte da cerâmica no Amapá: tradição e identidade. [Nome da Revista, Volume, Número, Páginas]: [Nome da Editora/Instituição], 1991. (Fonte para a influência da ancestralidade indígena na técnica).
8. COSTA, Célia Souza da. Educação museal: o caso das Louceiras de Maruanum. Rio de Janeiro: Editora Museu, 2015. (Fonte principal para o protagonismo, a organização social e a técnica do acordelado).
9. FERREIRA, Ana Paula da Conceição. Educação patrimonial e as Louceiras de Maruanum. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará (UFCE), Fortaleza, 2010. (Fonte fundamental para o saber-fazer, os ritos e a etnografia).
10. GONÇALVES, José Reinaldo Santos. O Mal-estar do Patrimônio: Identidade, Tempo e Destruição. São Paulo: Editora UNESP, 2007. (Usada para o conceito de apagamento de memória e patrimônio dinâmico).
11. GROENSTEEN, Thierry. Sistema da história em quadrinhos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015. (Referência usada para a definição do balão como parte do espaço constitutivo da HQ).
12. MENESES, Paulo Roberto de. Patrimônio cultural: conceitos, questões e desafios para a educação patrimonial. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 34, p. 45-60, 2012. (Usada para o conceito de patrimônio dinâmico e cidadania cultural).
13. NASCIMENTO, Elisa Larkin. Matriarcas: A mulher negra e o poder na diáspora. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018. (Usada para o argumento do alicerce matriarcal e resistência).
14. NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problema da Declaração. In: NORA, Pierre. Lugares de Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 1-26. (Usada para o conceito de memória como campo de disputas).
15. POSTEMA, Barbara. Narrative Structure in Comics: Making Sense of Fragments. New York: Routledge, 2015.
16. UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris, 2003. (Base legal para a valorização de saberes tradicionais).

17. VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária.  
**In:** RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.
18. EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1999